convergência

ABRIL • 1995 • ANO XXX Nº 290

ERAS TU, SENHOR!?
Fr. Antonio Moser ofm

EVANGELHO NAS CULTURAS – CAMINHO DE VIDA E ESPERANÇA
P. J.B. Libânio sj

convergência

CRB 40 anos

SUMÁRIO

EDITORIAL
Ó MORTE, ONDE ESTÁ TUA VITÓRIA? 161
Pe. Spencer Custódio Filho, sj

PALAVRA DO PAPA
A VIDA CONSAGRADA
A SERVIÇO DA IGREJA 163

INFORME CRB 166

ERAS TU, SENHOR!? 170
Frei Antônio Moser, ofm

NOVA ERA: ELEMENTOS PARA
UMA VISÃO CRÍTICA 176
Ir. Nery, fsc

EVANGELHO NAS CULTURAS —
CAMINHO DE VIDA E ESPERANÇA 187
J.B. Libânio, sj

FORMAÇÃO INICIAL — ILUSTRAÇÃO DE
UM PROJETO CONCRETO 196
Fr. Paulo Gollarte, O. Carm.

O SÍNODO NA VISÃO DOS JESUÍTAS 206
P. Peter Hans Kolvenbach, sj

ECOLOGIA E INSERÇÃO 215
Fr. Moacir Casagrande, ofm

A BÍBLIA NA PASTORAL DA IGREJA
HOJE: PROSPECTIVAS 222
Fr. Bernardo Cansi ofm. cap.

NOSSA CAPA

Detalhe-arremate do Painel sobre os 500 anos de Vida Religiosa no Brasil, de autoria dos artistas populares Anderson Sousa Pereira, MSC, e Elda Broilo, SC. Mostra a caminhada ou, melhor, a marcha confiante da Igreja de hoje. O segredo é a fé. O seu Deus-Libertador é Jesus de Nazaré. Os pobres sustentam a cruz da Evangelização. Solidária com eles, segundo e seguindo o Evangelho, a Igreja participa de suas lutas na cidade e no campo. A Mãe de Deus, a Virgem Maria, Nossa Senhora da Conceição Aparecida, indica a direção do amanhã. Vai à frente. Religiosos, mulheres e homens, se misturam. Somos um povo que alegre vai. O caminho é a nossa casa. Sempre estamos indo. Peregrinos no campo, na cidade, na favela e muito mais. Nos olhos, muita luz. Lá, bem dentro, a esperança que conduz (**Pe. Marcos de Lima, SDB**).

ASSINATURA PARA 1994:

BRASIL: taxa única
Terrestre ou aérea ..... RS$ 37,00

EXTERIOR: taxa única
Terrestre ou aérea ..... RS$ 85,00

Número avulso (Brasil) ..... RS$ 3,70

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

convergência
Revista Mensal da
Conferência dos Religiosos
do Brasil: CRB

DIRETOR-RESPONSÁVEL:
Pe. Edênio Valle, SVD
REDATOR-RESPONSÁVEL:
Pe. Marcos de Lima, SDB (Reg. 12679/78)
EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:
Coordenador:
Pe. Spencer Custódio Filho, SJ
Membros:
Integrantes da Equipe de Reflexão Teológica
(ERT) da CRB-NACIONAL

DIREÇÃO, REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO:
Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar
Cinelândia — Tel.: (021) 240-7299
20038-900 — Rio de Janeiro — RJ

DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:
Edições Loyola
Rua 1822 n. 347 — Ipiranga
04216-000 — São Paulo — SP
Tel.: (011) 914-1922

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do DPF sob o n. P.209/73

C.R.B.
- BIBLIOTECA -
R. Alcindo Guanabara, 21 - 4.º
Rio - RJ

EDITORIAL
Ó MORTE, ONDE ESTÁ TUA VITÓRIA?

Pe. Spencer Custódio Filho, SJ

Na América Latina a Semana Santa se constituiu, durante largo período, em um ponto central das festas e piedade populares. Em geral, os camponeses e oprimidos realizavam tradicionalmente sua festa cristã na sexta-feira santa e não tanto no domingo da Ressurreição ou no dia de Natal. Mais ainda, podemos dizer que é fundamental na fé cristã a afirmação de que Jesus de Nazaré, o Filho de Deus, morreu crucificado. Foi este dado da fé que, desde o princípio, marcou a diferença entre o cristianismo e as diversas concepções religiosas do mundo circundante, mesmo quando aí se encontravam também crenças em deuses ressuscitados. Por estas razões parece de suma importância que neste tempo da Semana Santa nos seja possível retomar a oração e a reflexão sobre o Mistério Pascal.

Paradoxalmente, é pouco freqüente o pensar teológico sobre a cruz de Jesus, sobre o "Deus crucificado". Normalmente esta expressão não passa de uma piedosa consideração, sem que se suponha um novo e revolucionário conceito de Deus, tanto na teoria como na prática. Afirmando de forma irreflexiva que na cruz de Jesus o ser humano é salvo, chegou-se a uma concepção mágica da redenção, eliminando o aspecto escandaloso da cruz histórica de Jesus. Desenvolveu-se também, tradicionalmente, uma "mística da dor" em relação à cruz. O cristianismo passou a ser considerado uma religião de tristeza e obsessão pelo sofrimento, sem a alegria de viver e sem a responsabilidade para construir um mundo melhor e mais humano.

Uma primeira forma de recuperar o sentido original da cruz de Jesus tem sido considerá-la como a conseqüência histórica de sua vida. Se Deus encarnou-se na história, se aceitou os mecanismos, as ambigüidades e as contradições da história, então a cruz revela a Deus não apenas em si mesma mas conjuntamente com o caminho de vida que leva Jesus à morte. Quando o Concílio de Calcedônia afirmou que Jesus, ao encarnar-se, foi verdadeiramente pessoa humana, não estava propondo algo abstrato. Ao contrário, revelava que tornar-se pessoa implica um ser histórico e mais concretamente inserir-se numa situação dada. Jesus é pessoa enquanto se insere e responde a uma situação dentro da história, a qual se revela como pecado contra o Reino de Deus em uma corporificação externa que configura a situação.

A cruz vai ser a conseqüência final desse caminho de inserção não simplesmente biográfico, mas caminho que quer ser testemunha fiel de Deus num mundo de contradição, quer social, quer política, quer religiosa. Ao se localizar nesta situação, a existência de Jesus se torna necessariamente conflitante. Assim, por exemplo, no chamado nível horizontal Jesus amplia de modo insuspeito o lugar de acesso

a Deus: o templo não é mais o lugar privilegiado de aproximação, e sim a pessoa humana e mais concretamente aquela que é excluída e menos parecia ter acesso a Deus (o estrangeiro, o herege, o impuro cúltico, o pecador, o deserdado, o pobre, o órfão, a viúva, o inimigo...). Jesus morre por ser testemunha fiel dessa nova relação com o divino e com os outros seres humanos e o mundo.

O presente número de CONVERGÊNCIA centra-se em torno deste tema do testemunho pascal. **Fr. Antonio Moser, ofm**, chama a atenção para a necessidade de, num tempo de Campanha da Fraternidade, ser realisticamente otimista, denunciando o pecado na exata medida em que se acena para a conversão. Esta supõe um processo empenhativo e demorado, desmascarando uma consciência empedernida no mal, para fazer emergir a verdadeira consciência, aquela que se espelha no Senhor. Já o **ir. Israel José Nery, fsc,** examina a crescente onda da NOVA ERA, que alimenta uma espiritualidade ampla, difusa, sem Deus, sem graça divina, mas ao mesmo tempo valorizando anjos, espíritos, gnomos, forças espirituais da água, do sol, da mata, do vento e mesmo de satanás, enquanto Jesus Cristo é revisto como uma manifestação do divino que há em nós e no cosmos e que se expressa, em algumas pessoas, mais densamente, como Buda, Maomé e outros. Não é difícil imaginar as conseqüências de tal espiritualidade sobre o envolvimento missionário que resulta da percepção dos excluídos. O **p. J.B. Libânio, sj,** escreve seu artigo "Evangelho nas Culturas — Caminho de vida e esperança" fazendo perceber que também o mundo da cultura pode ser parte dos excluídos em um sistema religioso que considera outras formas culturais e religiosas diferentes como objetos exóticos e raros, ou para serem rejeitados ou para serem tolerados como grupos marginais, sem relevância para nosso mundo católico. **Fr. Paulo Gollarte, o.carm.,** analisa a força destas estruturas de modelagem excludente dentro do campo da formação inicial na vida religiosa e uma possível estruturação do processo que seja mais realizadora. Do **p. Peter-Hans Kolvenbach, sj**, publicamos seu relato sobre o Sínodo apresentado à Conferência dos Religiosos de Espanha, na qual apresenta este tempo de conversão a que somos chamados como religiosos e religiosas para um seguimento mais pascal do Senhor Jesus. Finalmente, terminamos com **fr. Moacir Casagrande** ampliando a discussão sobre Ecologia e fazendo-nos perceber a marginalidade que resulta da perversão ecológica que alguém pode estabelecer com as coisas, com a terra, com as pessoas.

Que a leitura de todo este número se faça sob o símbolo da cruz. Um símbolo é algo que faz pensar. O símbolo da cruz leva a mudar o modo de pensar sobre as realidades mais fundamentais para a pessoa humana. Contudo, se este símbolo é além disso um pedaço de história, se é o que aconteceu a uma pessoa concreta que viveu como ninguém a proximidade de Deus e a entrega aos outros, então a cruz não só leva a mudar o modo de pensar, mas a maneira de ser possibilitando a continuação da história rumo ao Reino de Deus. Aí sim poderemos celebrar a Páscoa clamando "ó morte, onde está tua vitória?".

PALAVRA DO PAPA
A VIDA CONSAGRADA A SERVIÇO DA IGREJA

1. O Concílio Vaticano II põe em evidência a dimensão eclesiológica dos conselhos evangélicos (*LC,44*). Jesus mesmo, no Evangelho, dá a entender que os seus apelos à vida consagrada têm como objetivo a instauração do Reino: o celibato voluntário deve ser praticado por amor ao Reino dos céus (*cf. Mt 19,12*) e a renúncia universal para seguir o Mestre justifica-se com o "Reino de Deus"*(Lc 18,29*).

Jesus estabelece uma relação estreita entre a missão por Ele confiada aos Apóstolos e o pedido, a eles dirigido, para que deixassem tudo para O seguir: as suas atividades profanas e os seus bens (*taidia*), como se lê em *Lc* 18,28. Pedro está consciente disto; por isso declara a Jesus, também em nome dos outros Apóstolos: "Aqui estamos nós que deixamos tudo e Te seguimos" (*Mc* 10 , 28; cf. *Mt* 19,27).

Tudo o que Jesus requer dos seus Apóstolos, pede-o também a quem, nas várias épocas da história da Igreja, aceitar seguí-Lo no apostolado pela via dos conselhos evangélicos: o dom da pessoa inteira e de todas as forças para o desenvolvimento do Reino de Deus sobre a terra, desenvolvimento do qual a Igreja tem a principal responsabilidade. E deve-se dizer que, segundo a tradição cristã, o objetivo da vocação jamais é exclusivamente a santificação pessoal. Antes, uma santificação exclusivamente pessoal não seria autêntica, porque Cristo ligou de modo estrito santidade e caridade. Portanto, quem tende à santidade pessoal deve fazê-lo no contexto de um empenho de serviço à vida e à santidade da Igreja. Também a vida puramente contemplativa, como vimos numa catequese precedente, comporta esta orientação eclesiológica.

3. Daqui deriva, segundo o Concílio, a tarefa e o dever dos religiosos de "trabalharem em todas as partes da terra" (*LG*, 44), para consolidar e dilatar o Reino de Cristo. Na grande variedade dos serviços de que a Igreja tem necessidade, há lugar para todos: e cada consagrado pode e deve empenhar todas as suas forças na grande obra da instauração e da extensão do Reino de Cristo sobre a terra, segundo as capacidades e os carismas a ele concedidos, em harmonia construtiva com a missão da própria família religiosa.

2. Em particular a atividade missionária tem em vista a dilatação do Reino de Cristo (*cf. LG*, 44). De fato, a história confirma que os religiosos desempenharam um papel importante na expansão missionária da Igreja. Chamados e devotados a uma consagração total, os religiosos manifestam a sua generosidade empenhando-se por levar a todas as partes o anúncio da Boa Nova do seu Mestre e Senhor, também às regiões mais distantes dos seus países, como aconteceu com os Apóstolos. Ao lado dos Institutos em que uma parte dos membros se dedica à atividade missionária "ad

gentes", há outros fundados expressamente para a evangelização das populações que não receberam o Evangelho.

A índole missionária da Igreja concretiza-se assim numa "vocação especial" (cf. *Redemptoris missio*, 65), que a torna operante para além de todas as fronteiras geográficas, étnicas e culturais, "in universo mundo"(*cf. Mc* 16,15).

3. O Decreto Perfectae caritatis do Concílio Vaticano II recorda que "muitos são na Igreja os Institutos, tanto clericais como laicais, dados às várias obras de apostolado, cada um com dons diferentes, segundo a graça que lhes foi dada" (*PC*, 8). É o Espírito Santo que distribui os carismas em relação às necessidades crescentes da Igreja e do mundo. Não se pode deixar de reconhecer neste fato um dos sinais mais evidentes da generosidade divina, inspiradora e estimuladora da generosidade humana. E é preciso verdadeiramente alegar-se quando este sinal é tão freqüente, como no nosso tempo, precisamente porque indica que se amplia e se aprofunda o sentido do serviço ao Reino de Deus e ao desenvolvimento da Igreja. Segundo o ensinamento do Concílio, a ação dos religiosos, quer no plano mais diretamente apostólico, quer no plano caritativo, não é um obstáculo à sua santificação, mas contribui para produzir, porque desenvolve o amor a Deus e ao próximo, e faz participar, quem exerce o apostolado, na graça concedida àqueles que recebem o benefício dessa atividade.

4. Mas o Concílio acrescenta que a inteira atividade apostólica deve ser animada pela união a Cristo, à qual não podem deixar de tender os religiosos, em virtude da sua própria profissão. "Por isso, toda a vida religiosa dos membros seja imbuída de espírito apostólico e toda a sua ação apostólica seja informada pelo espírito religioso" (*ibid.*). Os consagrados devem ser os primeiros, na Igreja, a dar prova de saber resistir à tentação de sacrificar a oração à ação. Compete-lhes demonstrar como a ação haure a sua fecundidade apostólica de uma vida interior, repleta de fé e de experiência das coisas divinas: "ex plenitudine contemplationis", como diz S. Tomás de Aquino (*Summa Theol.*, II-II, q. 288, a.6: III, q. 40, a. 1, ad 2).

O problema da conciliação da atividade apostólica com a oração foi apresentado várias vezes nos séculos e também hoje, de modo particular nos Institutos monásticos. O Concílio tributa honra à "venerável instituição da vida monástica, que tantos méritos alcançou no decorrer dos séculos na Igreja e na sociedade" (*PC*, 9). Ele reconhece a possibilidade de aspectos diferentes do "principal dever dos monges", que é "servir, dum modo ao mesmo tempo humilde e nobre, a divina majestade dentro das paredes do seu mosteiro", quer se trate de uma dedicação total ao culto divino, com uma vida de escondimento, quer "tenham assumido legitimamente algumas obras de apostolado ou caridade cristã" (*PC*,9).

De modo mais geral, o Concílio recomenda a todos os Institutos uma conveniente adaptação das observâncias e dos costumes às exigências do apostolado a que se dedicam, tendo, porém, em conta as "muitas e variadas formas de vida consagrada ao apostolado", e por conseguinte a diversidade e também a necessidade de que, "nos vários Institutos, a vida dos membros a serviço de Cristo seja favorecida com os meios que lhes são próprios" (*PC*,8). Nesta obra de adaptação, além disso, nunca se deverá esquecer que ela é, antes de tudo, obra do Espírito Santo, ao qual, por isso, é preciso ser dócil ao procurar os meios de uma ação mais eficaz e mais fecunda.

5. Devido a este múltiplo contributo que os religiosos, segundo a variedade das suas vocações e dos seus carismas, dão com a oração e a atividade à dilatação e à conso-

lidação do Reino de Cristo, a Igreja — diz o Concílio — "defende e favorece a índole própria dos vários Institutos religiosos" (Constituição *Lumen gentium*, 44); e "não se limita a elevar, com a sua aprovação, a profissão religiosa à dignidade de estado canônico, senão que a manifesta também na sua liturgia como estado consagrado a Deus..., unindo a sua oblação ao sacrifício eucarístico" (*LG*,45).

Em particular, o Romano Pontífice, segundo o Concílio, tem em vista o bem dos Institutos religiosos e de cada um dos seus membros, "para que melhor se atenda às necessidades de todo o rebanho do Senhor": no contexto desta finalidade entra a isenção, pela qual alguns Institutos estão sujeitos diretamente à autoridade pontifícia. Esta isenção não dispensa os religiosos do "respeito e obediência aos Bispos" (*LG*, 45). Ela tem unicamente o objetivo de assegurar a possibilidade de uma ação apostólica mais bem dedicada ao bem da Igreja inteira. Estando a serviço da Igreja, a vida consagrada está de modo mais especial à disposição das solicitudes e dos programas do Papa, chefe visível da Igreja universal. Aqui a dimensão eclesial da vida consagrada alcança um vértice que não é só de ordem canônica, mas espiritual: nele se concretiza a profissão de obediência que os religiosos fazem à autoridade da Igreja, na função vicarial que lhe foi atribuída por Cristo.

1. UM NOVO HORIZONTE MISSIONÁRIO: O LESTE EUROPEU

Os acontecimentos políticos que redesenharam o mapa da Europa nestes últimos anos abriram também um novo campo de ação missionária para a Igreja. Nós, Religiosas da Assunção, aceitamos entrar por este campo e, desde o ano passado, estamos com uma pequena comunidade na Lituânia.

Este pequeno país, um dos primeiros a declarar sua independência da antiga URSS, tinha ficado por cerca de 50 anos totalmente isolado do ocidente. O regime marxista tinha tentado, durante todos estes anos, apagar a sua tradição católica: as igrejas foram transformadas em museus ou depósitos, os religiosos expulsos; aqueles que insistiam em sua prática religiosa eram perseguidos; só quem professasse o ateísmo tinha direito a uma educação superior etc.

Mas a semente do Evangelho não morreu. A profunda religiosidade do povo encontrou maneiras de resistir. Todos os anos, havia jovens que se preparavam para a ordenação sacerdotal ou para a profissão religiosa — mas eles eram poucos, e todos na clandestinidade. A dimensão comunitária da vivência cristã, e até mesmo da vida religiosa, foi apagada por causa desta clandestinidade. Só as pessoas que atualmente têm mais de 60 anos de idade guardavam na lembrança o que era a assembléia dominical, ou mesmo o que era uma comunidade religiosa. As pessoas de mais idade tentavam passar aos mais jovens o que tinham tido como experiência de fé. Mas, cortada de todo contato com o exterior, a Igreja da Lituânia parou no tempo: nem mesmo a notícia da realização do Concílio tinha chegado ao povo.

Assim, quando a Lituânia recobrou sua independência, pediu a ida para lá de missionários que ajudassem o povo a reencontrar e a atualizar sua vida de fé. E assim é que chegamos lá. Nesta nossa primeira comunidade na Lituânia, situada na cidade de Vilnius, está uma irmã que saiu daqui do Brasil para lá no último mês de junho, Ana Maria Alchalel. Dou a ela a palavra agora, extraindo alguns trechos de suas cartas:

(De uma carta de 22/08/94):

"Sim, estou aqui em Vilnius desde o dia 19. Ainda nem acredito! Nesse dia saí de Copenhague.... O avião da "Lithuanian Air Lines" parecia um brinquedo comparado com o de qualquer outra companhia ocidental... Bénédicte e duas jovens me esperavam no aeroporto, que também me pareceu de brinquedo comparado com o de Copenhague, que acabava de deixar havia pouco. Aqui tudo é simples, pobre e meio desarranjado. A sociedade de consumo não parece ainda ter chegado... Sinto-me muito próxima desta gente simples e sofrida. O mal que foi feito nos 50 anos de estalinismo está patente nos rostos dos adultos e idosos: rugas profundas e um olhar assustado. Os jovens, porém, têm um olhar claro e límpido; parece que o tempo não foi suficiente para marcá-los..... Uma coisa que me impressionou no aeroporto foi a polícia. São os mesmos agentes da KGB (polícia militar soviética), que agora

não servem mais ao Kremlin, e sim à Lituânia; mas os uniformes são os mesmos! Eu imagino a impressão que devem causar ao povo, que durante tanto tempo os temeu..... À tarde, fomos à missa. Contei cerca de 150 pessoas na igreja, em pleno dia de semana. E cantam que é uma beleza..... Creio que é tão grande a alegria que têm de poder expressar sua fé livre e comunitariamente, depois de meio século de repressão e de ter de fazê-lo na clandestinidade, que o fazem com um entusiasmo incrível... O comércio tem poucas mercadorias: bem ao contrário do 1º mundo, geograficamente tão perto. Já começam, porém, a surgir alguns supermercados com um pouco mais de variedade, mas tudo muito caro porque importado. Também começam a aparecer alguns mendigos pelas ruas, coisa que não existia no tempo do comunismo. Naquela época, todos tinham trabalho pago pelo estado e por isso não havia desemprego. Agora, o desemprego começa a trazer suas conseqüências nefastas... Estamos à procura de uma casa..."

(De uma carta de 10/10/94):

"Já achamos finalmente uma casa... Talvez possamos nos mudar em dezembro. Por agora, Bénédicte e eu moramos num apartamento da casa paroquial... Os cristãos ávidos de formação, já que não puderam tê-la durante tanto tempo. Tudo o que se organiza tem uma resposta imediata. É impressionante... Estou em pleno estudo da língua lituana, que é um pouco complicada por causa das declinações. Mas com boa vontade e muitas idéias positivas, chegaremos lá... Na semana passada, fomos a Kaunas (a 100 km de Vilnius) para a inauguração do Carmelo. As carmelitas viveram aqui no século passado. mas seu convento foi destruído numa das guerras que houve, e elas desapareceram todas. Foi uma cerimônia cheia de profundo sentido, pois é o começo, novamente, da vida contemplativa no país..... Na semana que vem, vamos começar na paróquia um estudo bíblico com os livros da coleção "Tua Palavra é Vida". Parabéns para a Igreja do Brasil que faz coisas tão boas! Eu faço a tradução dos roteiros para o francês e duas jovens, que sabem bastante bem o francês, fazem depois a tradução para o lituano. Já há muita gente se increvendo. Rezem por nós aqui, para que possamos servir a este povo, tão aberto a Deus e à sua Palavra".

2. VIDA RELIGIOSA NO BRASIL; A DANÇA DOS NÚMEROS

1. Evolução numérica até os anos 30 e 50

Numericamente a V.R. no Brasil conheceu muitos altos e baixos. Experimentou tempos de apogeu quantitativo e qualitativo. Os Jesuítas expulsos por Pombal em 1760, por exemplo, eram 417. À mesma época, as 2 Províncias franciscanas tinham 960 frades. Os Carmelitas, Beneditinos e Mercedários contavam — e também às centenas. O trabalho missionário era vigoroso, cobrindo amplas regiões. As residências, conventos e Igrejas eram, muitos deles, esplêndidos. As Religiosas, ao contrário, eram poucas. Quase todas reclusas em conventos. No Nordeste existiam grupos não canônicos mais perto do povo.

A perseguição pombalina (1760) e os decretos imperiais de proibição dos Noviciados (1855), além do próprio fim do modelo colonial de cristandade brasileira. trouxeram sérios abalos a esse quadro promissor. Em 1872, pouco mais de 100 anos após a fase de apogeu, o recenseamento geral indicava a existência, em todo o país. de apenas 107 Religiosos (Padres e Irmãos) e de 286 Religiosas. quase todos encerrados em mosteiros decadentes e sem dinamismo missionário.

Em meados do século XIX teve início a entrada maciça de Congregações e Ordens da Europa. Esse movimento de migração e transplante prolonga-se até os anos 50 e mesmo 60. Dá-se uma virada espetacular no quadro de decadência anteriormente descrito. Os 107 Religiosos de 1872 saltam para 3.803 em 1935. Cresceram, portanto, 35 vezes. Note-se que os presbíteros diocesanos, quase todos brasileiros nativos, aumentaram apenas 9,3% nesse mesmo período. O incremento da V.R. feminina é ainda mais vertiginoso. De 286, em 1872, elas passam para cerca de 15.000, em 1935. Muitas eram estrangeiras, mas a presença de jovens brasileiras é bem maior do que nos casos das Congregações masculinas.

2. O quadro dos últimos 25 anos

Vida Religiosa no Brasil
Evolução estatística geral: 1970 – 1993

	1970	1980	1990	1993
Religiosas	40.660	36.817	37.380	36.913
Irmãos	3.290	2.526	3.176*	3.607*
Padres	8.052	7.529	7.638	7.538
TOTAL	52.002	46.872	48.194	48.058

Todos os dados são do CERIS. Os dados marcados com o (*) contam também com os Irmãos candidatos à Teologia. Todos os acima relacionados são professos.

2.1. O total dos Religiosos (as)

Observemos, primeiro, a curva dos totais. Entre 1970 e 1980 faz-se sentir o impacto do Concílio com seus exigentes desafios e rupturas. Há uma evasão de 5.130 Religiosos e Religiosas. Na década de 80 observa-se uma ligeira tendência à recuperação, com um aumento de 1.322, entre 1980 e 1990. Nos últimos 30 anos há uma quase estagnação, com pequena perda. De um ponto de vista global tudo parece indicar que a VR no Brasil tem apenas logrado manter seus números. Se considerarmos o aumento real e positivo da população brasileira na mesma fase perceberemos que, de fato, pode-se falar de um retrocesso no contingente de Religiosas e Religiosos do Brasil.

Esse retrocesso quantitativo se localiza, em especial, no segmento feminino. Apesar da recuperação acontecida entre 1970 e 1980, a tendência da curva é para baixo. As Religiosas professas perderam 467 membros nos últimos 13 anos. Outras observações que não serão aqui explicitadas nos mostram que entre as Religiosas, além dessas perdas pequenas mas contínuas, existe um envelhecimento maior do que o constatado nos outros dois segmentos, embora também neles exista um envelhecimento e um significativo vazio no grupo etário entre 40 e 60 anos. As contemplativas têm acusado um ligeiro mas permanente aumento. As 1.271 Religiosas de clausura existentes em 1980 passaram a 1.428 em 1989. Isto é, cresceram 12,3%.

Os Irmãos de Congregações laicais ou clericais são os que mais sentiram os questionamentos do Concílio. Dos 3.290 existentes em 1970, 23% haviam deixado a V.R. em 1980, isto é, 764 abandonos ou mortes sem correspondente reposição. No entanto, a tendência ao decrescimento muda nos anos seguintes. O número de Irmãos começa, de novo, a aumentar. Entre 1990 e 1993 o contingente experimentou um incremento de 13,6%

Há ainda os *Religiosos Sacerdotes*. Entre 1980 e 1993 o seu número permaneceu mais ou menos estável, girando em torno de 7.500-7.600. É interessante observar que, nesse mesmo lapso de tempo, os sacerdotes diocesanos tiveram um contínuo "crescendo". Veja-se a tabela na página ao lado:

Contingente de sacerdotes Diocesanos e Religiosos entre 1970-1990 (Do CERIS).

	Diocesanos	Religiosos	Total
1970	5.040	8.052	13.092
1980	5.159	7.529	12.688
1990	6.560	7.638	14.198
Entre 1970-1990	+ 1.520	- 414	+ 1.106

Significarão estes dados que os Presbíteros Religiosos do Brasil, a exemplo do que parece ser o caso das Religiosas de vida ativa, estarão entrando em uma fase de involução estatística? A resposta é aparentemente não. O que acontece é que secou uma das torneiras de entrada do tanque de água. Durante decênios entravam anualmente centenas de jovens padres religiosos estrangeiros no Brasil. Em 1960, por exemplo, 56,2% dos sacerdotes religiosos eram de origem estrangeira, enquanto em 1990 este número se reduziu a 38,1%. Nos últimos 10 anos entram poucos padres jovens de fora. Além disso, está surgindo o costume de um certo número de veteranos sacerdotes religiosos voltar à sua pátria de origem. A taxa de ordenações de jovens religiosos tem crescido ano a ano, só que em ritmo menor que a dos sacerdotes diocesanos. Há, além disso, mais passagens da VR ao clero diocesano que vice-versa. Veja-se a tabela abaixo:

Ordenações sacerdotais em 3 períodos (P. Antoniazzi, segundo dados do CERIS)

Período	Diocesanos Total de Ordenações		Religiosos Total de Ordenações	Média Anual
1964-1980	1.595	93,8	22,05	129,7
1981-1986	1.159	193,2	942	157
1987-1992	1.996	332,7	1.068	178

Na consideração das estatísticas de aumento ou diminuição das Religiosas e Religiosos (padres ou irmãos) brasileiros há, ainda, um outro fator importante a ser considerado. As Congregações Religiosas são em boa parte organizações internacionais. Algumas Congregações brasileiras estão igualmente se internacionalizando cada vez mais. Há um forte impulso "ad Gentes". Cálculos não muito precisos falam de 1.000 representantes da V.R. brasileira (a ampla maioria: mulheres!) presentes em países da África e América Latina. Também na Europa devem existir, hoje, cerca de 500-600 Religiosos brasileiros trabalhando em nível congregacional ou estudando. Se acrescentarmos esses números aos das estatísticas das tabelas anteriores veremos que embora exista certa dificuldade em romper com a barreira dos 50 mil Religiosos e Religiosas professos, de fato é em torno deste número que deve se situar a totalidade da V.R. brasileira.

Isto são números. Importantes, de certo ponto de vista, mas secundários. Decisiva é a questão da qualidade e da função. Mas, estes são outros quinhentos!

Pe. Edenio Valle, svd

ERAS TU, SENHOR!?

Frei Antônio Moser, ofm*
Petrópolis – RJ

A sociedade em que vivemos está longe de ser a sociedade sonhada por Deus. A Vida Religiosa percebe as sombras e entrevê a luz. Nunca é pessimista, mas realisticamente otimista. Denuncia o pecado e acena para a conversão.

Quando se lê, no Capítulo 25 de São Mateus, a pequena frase " Eras tu, Senhor", surge logo uma dúvida quanto à pontuação! Deve-se colocar um ponto de exclamação? Um ponto de interrogação? Os dois juntos? Pois há um misto de surpresa e de interrogação, ao mesmo tempo. Não se trata apenas de semântica, mas de sentido teológico. A interrogação traduziria um estado de inconsciência total; a exclamação traduziria um estado de semiconsciência. Nos dois casos estaríamos diante de um reconhecimento que só se concretiza no **espelho do Senhor.** Em ambos os casos estaríamos diante de uma responsabilidade moral, que escapa ao tradicional critério de **"plena consciência"**. Aqui se localiza a primeira e a mais importante questão que gostaríamos de examinar, tendo como pano de fundo a Campanha da Fraternidade sobre os excluídos.

Num segundo momento examinaremos o **processo** pelo qual a pessoa e a sociedade desenvolvem a sensibilidade ou a insensibilidade para com os excluídos. Num terceiro momento examinaremos a eventual **tarefa dos religiosos e religiosas diante dos excluídos.**

1. UMA EXCLAMAÇÃO INTERROGANTE

O referido texto de São Mateus é no mínimo intrigante. Intrigante, por ser de São Mateus..., que, nas suas bem-aventuranças, "espiritualiza" os pobres. Seria bem mais compreensível em São Lucas, o evangelista da misericórdia... concreta. Mas o texto intriga sobretudo porque, fundados numa concepção neo-escolástica, gostamos das coisas muito claras: afinal, se age ou não, conscientemente. Não há meio-termo. A consciência é um dos pressupostos do chamado **ato humano**. E aqui no referido texto, no máximo, temos uma semiconsciência, mas que vai levar a um juízo moral tão definitivo: ser ou não admitido no Reino.

A recente encíclica **Splendor Veritatis**[1], por um lado, vai acentuar o valor dos **atos humanos.** Com isto desautoriza o esvaziamento de cada ato, e sobretudo de-

O autor: o franciscano *Frei Antonio Moser*, ofm, redator do Boletim SEDOC, é autor de muitas obras de teologia moral entre outras "Mudanças na Moral do Povo Brasileiro", "O Problema Ecologia e suas implicações éticas".

sautoriza uma concepção moral um tanto vaga. Mas a mesma encíclica redimensiona o juízo da consciência em vista dos **imperativos morais**. A consciência se constitui apenas num **juízo prático**[2], para a pessoa. A norma preexiste, independente da consciência ou das circunstâncias que cercam uma pessoa.

É mantendo estas duas pontas, que podemos entender melhor a exclamação interrogante de São Mateus. Com efeito, este texto nos situa longe de uma simples "moral de intenções". Não bastam as boas intenções; são necessárias práticas concretas. São as práticas que nos dizem quem **somos**. E seremos julgados pelo que somos, e não pelo que julgamos ser. Justamente por isto é que devemos desconfiar da nossa própria consciência. Pelos frutos se conhece a árvore. Mas, por outro lado, também somos o que pensamos, e agimos de acordo com o que pensamos. Há uma interação contínua entre o pensamento e a ação. Isto complica tudo.

Ainda hoje, o tratado da consciência é um dos mais intrincados[3]. Há muito se vêm distinguindo vários tipos e vários níveis de consciência[4]. É que, como em bem poucos outros aspectos, neste os condicionamentos socioculturais, e sobretudo ideológicos, incidem com maior força. Nem a consciência moral, por mais que seja considerada "santuário secretíssimo"[5], deixa de ser influenciada pelos vários círculos existenciais: familiar, religioso, social, econômico, político, ideológico. Há quem tenha preferido comparar a consciência **não com um castelo**, inexpugnável, mas exatamente com uma **praça pública**[6]. Na praça todos transitam, todos influenciam e todos e cada um são influenciados pelas pessoas que passam. Nem por isso cada um deixa de ter sua consciência e sua história pessoal. Nem por isto cada um deixa de ter a sua responsabilidade moral.

Indo adiante com este raciocínio, poderíamos dizer que há uma consciência profunda e verdadeira, que se espelha no Senhor. O próprio sujeito só chega a esta consciência, quando de fato **se espelha no Senhor**. Isto é possível, em vida, ainda que sempre por meio das mediações históricas. Mas ninguém pode fugir deste espelhar-se, quando for confrontado com o Senhor, face a face. Há uma hora da verdade sobre nós mesmos, verdade que talvez nós mesmos nem a conheçamos. Existe, pois, também uma camada menos profunda, que as pessoas e sociedades introjetam, e julgam como verdadeira, mas que será desmascarada diante do Juiz Supremo.

Quando se vai um pouco mais a fundo nesta questão dos sombreamentos, não se pode deixar de constatar que construímos uma "máscara", que pode se identificar mais ou então menos, com a consciência profunda. A máscara nunca será a consciência mesma. E não podemos deixar de pressupor, na trilha da neo-escolástica, que existe um verdadeiro **processo de morte da consciência**. É o que São João denomina de "cegueira", e que vários profetas denominam de "petrificação": é a consciência empedernida. Esta não se torna insensível, mas se autojustifica com todo tipo de razões.

É desta forma que se compreende a tranqüilidade dos justiceiros, dos torturadores, dos assassinos que revelam frieza total diante de seus homicídios. É também à luz destas considerações que se compreende a insensibilidade da burguesia diante dos excluídos: estes não passariam de vagabundos, de preguiçosos, de aproveitadores, de pessoas que "não merecem viver". Num nível societário o mesmo processo se repete em termos de nações ricas e poderosas diante de nações pobres e fracas: estas simplesmente não contam, nem devem contar. Por sua própria inépcia são um peso morto. O mesmo raciocínio ideologizado se projeta a propósito da exclusão por razões raciais, culturais, religiosas e sociais.

2. A CONSCIÊNCIA É UM PROCESSO

Se há algo que foi integrado na Teologia dos últimos decênios é a concepção evolutiva de toda realidade humana. Nada do que é humano é estático ou definitivo. Há sempre uma evolução no que permanece, e sempre permanece algo em meio à evolução. Mesmo quando nos encontramos diante de pessoas e situações aparentemente estratificadas, nunca podemos descartar eventuais surpresas ou ao menos pequenos "movimentos". E não há razões para pensar que, em se tratando da consciência, essa dinâmica deixe de existir. Pelo contrário: todo acontecimento, todo encontro, vai nos "marcando" e vai imprimindo uma evolução da consciência. No fundo, até é uma impropriedade distinguir "nós " de um lado e a "nossa consciência" do outro lado[7]. Como dizemos a propósito de outras faculdades, **não temos** consciência. **Somos** consciência. E o somos dentro da dinâmica de uma vida, que vai sendo tecida aos poucos, com avanços e recuos.

É nesta compreensão de uma consciência em processo que se entende, **paradoxalmente**, a estratificação de uma consciência **empedernida**. De fato, cada acontecimento, cada encontro, imprime marcas mais ou menos profundas, positivas ou negativas, moralmente boas ou más. São marcas que jamais se apagam de todo. Passa-se no ser humano algo de parecido com o que ocorre com um computador: há um texto visível que se pode corrigir, substituir, apagar do vídeo; mas ele permanece na memória. Os comandos vão se contrapondo e se sobrepondo. As primeiras marcas parecem nunca ter existido. Mas elas existiram, elas continuam existindo, estão aí, embora subjacentes, vão compondo um texto secreto, que com alguma habilidade pode ser recuperado.

Este é o lado fascinante da vida, quando as marcas são positivas, boas. É o crescimento imperceptível da pessoa na graça e na virtude. Há uma coerência que se situa para além de eventuais sacudidas, e mesmo quedas. Mas este é também o lado trágico da vida, quando as marcas são negativas, más... esta é a tragicidade do pecado: vai criando raízes, vai espalhando seu rasto de morte. Esta é a tragicidade do coração empedernido, que se torna insensível, petrificado. Cenas chocantes podem comover, mas por poucos instantes. A consciência está programada para absorver a maldade, ir justificando, racionalizando, inocentando. Cria-se uma fortaleza protetora, de cima da qual se contemplam a dor, a miséria, a desumanização.

É nesta altura que se compreende a função dos "crivos", dos processos de "triagem" de fatos e impressões. Fatos e impressões são como que selecionados por mecanismos internos e externos. Os "padrões" veiculados pela Igreja, pelas ideologias, pela sociedade e pela família são os principais crivos.

Crivos internos e externos interagem de tal forma que a distinção é mais teórica do que prática, pois as pessoas assimilam como sendo seus até mesmo os padrões veiculados pelo mundo externo; como também a Igreja, a sociedade e a família não deixam de ser influenciados por pessoas. E isto é tanto mais verdadeiro quanto mais fortes forem as personalidades. Basta, no caso do Brasil, pensar na força dos Meios de Comunicação, dominados por alguns grupos e por algumas pessoas, que ditam padrões de comportamento, fazem e desfazem a imagem de figuras importantes da sociedade. Com impressionante facilidade fabricam deuses e demônios.

O processo que envolve a formação e a deformação da consciência chamada social é ainda mais complicado. Esta consciência não resulta simplesmente da soma das consciências individuais. Há um algo mais, indefinível, mas que cria certos con-

sensos. É o caso da xenofobia em algumas nações européias, ou então, no Brasil, dos preconceitos fundados em razões de cor, procedência regional, classe social, ou mesmo de profissões.

A estes mecanismos gerais, alguns impregnando nossa história desde seus albores, deve-se acrescentar um certo cansaço. Todos nos comovemos profundamente ao lermos episódios de solidariedade para com os excluídos, nas histórias dos Santos e Santas. A opção pelos empobrecidos e excluídos chega a assumir traços de romantismo, quando estes ficam longe de nossas portas, ou nela batem ocasionalmente. Esta opção se torna menos romântica quando o encontro é amplo e cotidiano. E se torna desgastante, quando as pessoas mais sensíveis se sentem como que "coagidas" a dar sempre de novo, a ouvir sempre de novo as mesmas estórias, que caracterizam o jeitinho de o pobre sobreviver, tirando vantagens de sua condição.

Mas, como observa muito bem o texto da Campanha da Fraternidade a propósito dos efeitos e mecanismos de exclusão[8], o grande drama da exclusão reside no fato de que pessoas e grupos excluídos acabam assimilando a imagem negativa que é lançada sobre eles. Acabam vestindo a máscara que lhes é atribuída. Reforçam assim, ainda mais, os mecanismos de exclusão. Com isto é deformada não apenas a consciência dos que alimentam diretamente os mecanismos de exclusão, mas também é deformada a consciência das "vítimas".

É tendo tudo isto em vista que se compreende a exclamação interrogante do "eras tu, Senhor!?". E também tendo tudo isto em vista é que se percebe a necessidade de um trabalho profundo e persistente no sentido de se rasgar as máscaras e reconstruir tanto a verdadeira imagem quanto a verdadeira consciência. É nesta direção que pensamos localizar-se uma importante tarefa para os que abraçam a Vida Religiosa.

3. VR: ENTRE EXCLAMAÇÕES E INTERROGAÇÕES, INSTALAÇÃO E MOVIMENTO

Caracterizada como "fermento evangélico", "testemunho comum dos valores espirituais" e "presença do Evangelho no mundo"[9], **a VR** tem suas raízes mais profundas implantadas no Amor a Deus e ao próximo, demonstrado no amor concreto numa fraternidade e no serviço aos "menores" da sociedade. Praticamente todas as Ordens e Congregações podem ostentar algum grande vulto que abraçou, com todas as forças, o Cristo Crucificado no abraço à causa dos marginalizados. Isto não só no passado como também no presente. Juntamente com numerosos bispos, numerosos religiosos e religiosas se fizeram e ainda se fazem pais e mães dos órfãos e dos desamparados. O despertar para a inserção entre os pobres vem movimentando as forças mais jovens e mais vivas existentes na VR.

Sendo assim, teoricamente seria fácil abraçar as sugestões concretas da Campanha da Fraternidade para continuar o sonho de Deus, na busca de uma nova sociedade: sensibilizar-se; dar socorro imediato à multidão dos necessitados; participar das lutas com e em favor das massas sobrantes[10]. Afinal, não são exatamente estes traços marcantes da opção pelos empobrecidos, tão ardorosamente abraçada por tantos religiosos e religiosas? Entretanto, na prática também aqui existem dificuldades. Umas no sentido de os próprios religiosos e religiosas se trabalharem, outras no sentido de cumprirem uma missão "ad extra".

É inegável que muitos dos candidatos e candidatas à VR batem às nossas portas movidos exatamente por este ideal. Contudo, é também verdade que muitas vezes este ideal é pouco consistente, exigindo aprofundamentos teóricos e práticos.

Para começar, uma verdadeira identificação com os excluídos, de todos os tipos, exige uma **ruptura** com um modo de pensar e de ser existente "no mundo". Esta ruptura já não é tão evidente assim. Muitas vezes se percebem mais aparências de ruptura do que realidade. Nada há de surpreendente nisto, pois afinal todos são ardorosamente trabalhados pelos padrões dominantes. E estes são de busca de conforto, adaptações superficiais. Sacrifício, renúncia, persistência não constam no dicionário atual de virtudes. Aqui se configura o primeiro grande desafio: ultrapassar o clima romântico e festivo para uma identificação real com os sofrimentos das massas sobrantes. E isto só continua possível naquela inspiração verdadeiramente evangélica que caracterizou os fundadores e fundadoras. Isto se denomina conversão, cruz, ideal com raízes profundamente implantadas no esvaziamento de si próprio.

Entretanto, mesmo religiosos e religiosas que fizeram a grande ruptura, que num segundo momento abraçaram a causa dos excluídos, não se encontram imunes do clima de retração verificado um pouco por toda parte. O período dos grandes entusiasmos e dos grandes gestos de bravura parece ir dando lugar a uma acomodação. O neoliberalismo volta com ares triunfantes, de que, afinal, é preciso ser realista. Há muitos marginalizados que se marginalizam, há muitos pobres abusados, há pivetes por toda parte. Não poucos aplaudem medidas cautelares como as que vêm sendo tomadas nos morros do Rio de Janeiro. Isto não como um passo prévio para implantar uma infra-estrutura que deveria ter sido implantada há muito tempo, mas como uma espécie de solução definitiva. Afinal, é preciso buscar segurança acima de tudo... Com este tipo de ideologia, muito em breve poucos serão os heróis e heroínas dispostos a "subir os morros", e os espaços que uma vez tendiam a se abrir, hoje tendem a se fechar. Tudo de modo muito discreto, muito razoável.

Os desafios para evangelizar uma sociedade que exclui não são menores. A tão falada modernidade, com suas luzes, mas também conhecidas sombras, vai ganhando terreno. Também está passando o tempo em que "ser de esquerda" soava bem aos ouvidos de boa parte da classe média, e até de alguns setores das classes altas. Conseqüentemente, os mecanismos de resistência são maiores tanto aos discursos quanto, e sobretudo, às ações concretas. É certo que surgiram um pouco por toda parte os **"movimentos de cidadania"**. A pergunta é se estes irão persistir para além do líder carismático que os alimenta, e em sintonia profunda com seu carisma.

CONCLUSÃO

A própria lógica de uma Campanha da Fraternidade pressupõe que haja problemas. No caso, a sociedade em que vivemos está longe de ser a sociedade sonhada por Deus. É nesta tensão que se situam a dinâmica cristã e a dinâmica da VR. Elas percebem as sombras, mas entrevêem a luz. Por isto mesmo nunca são pessimistas. São sempre realisticamente otimistas. Por isto denunciam o pecado, na exata medida em que acenam para a conversão.

A conversão, em se tratando de superar um pecado de tamanha amplitude, e tão profundo, quanto sutilmente enraizado na sociedade, pressupõe um processo empenhativo e demorado. Trata-se de desmascarar uma consciência empedernida no mal, para fazer emergir a verdadeira consciência, aquela que se espelha no Senhor.

Esta tarefa certamente ultrapassa os limites de uma Campanha e se projeta como uma tarefa nunca inteiramente acabada. Principalmente porque não nos encontramos apenas diante de situações episódicas, mas solidamente estratificadas. É necessária muita ousadia, tanto para ver e denun-

institutos seculares que podiam por sua

ciar o que se tenta encobrir a todo custo quanto para provocar o movimento contrário. Sacudir um **status quo** é sempre uma tarefa difícil. Mas foi exatamente por sua ousadia que os Santos e Santas chegaram à luz da Verdade. E foi por verem o que muitos se negavam a ver, e por assumir o que muitos não ousaram, que não terão dúvidas sobre a pontuação: " Eu sabia, eras Tu, mesmo, Senhor"...

Para alguns, o emprego do termo "mis-

NOTAS

1. Cf. JOÃO PAULO II, **O Esplendor da Verdade, n** 71s.
2. ID., Ibid., 59s.
3. Cf. PRIVITERA, s., Conciencia, in **Nuovo Diccionário de Teologia Moral**, Ed. Paulinas, Madrid 1990.
4. Cf. VALSECCHI, A, Conciencia, in **Nuovo Diccionário**, op. cit.
5. Cf. **GAUDIUM ET SPES**, 16.
6. Cf. PRIVITERA, S., ut supra
7. ID, ibid.
8. Cf. **Eras Tu, Senhor?**, texto-base Campanha da Fraternidade 1995, 72s.
9. Cf. "Instrumentum Laboris" do Sínodo dos Bispos de 1994, in SEDOC, NOV- DEZ. 1994, 270s
10. Cf. **Eras Tu, Senhor?**, texto-base CF 1995, 189s.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL DO TEXTO OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. A consciência, por causa do pecado, está programada para absorver a maldade, e por isso vai justificando, racionalizando, inocentando. Cria-se uma fortaleza protetora, de cima da qual se contemplam a dor, a miséria, a desumanização. Esta afirmação do autor é percebida por você ou sua comunidade como verdadeira, olhando a relação das pessoas com o mundo dos excluídos do lugar em que vocês vivem?
2. Abraçar o Cristo crucificado implica abraçar a causa dos marginalizados. Juntamente com numerosos bispos, numerosos religiosos e religiosas que se fizeram e ainda se fazem pais e mães de órfãos e desamparados. A percepção destes órfãos e desamparados é feita a partir da experiência carismática de cada ordem ou congregação, tendo presente os desafios da realidade local. No espírito de sua fundação, quais excluídos podem ser identificados por vocês como privilegiados para este tempo quaresmal?
3. O período dos grandes entusiasmos e dos grandes gestos de bravura parece ir dando lugar a uma acomodação. Há muitos marginalizados que se marginalizam, há muitos pobres abusados, há pivetes que nos agridem por toda parte. Os espaços que uma vez tendiam a se abrir, hoje tendem a se fechar. Você percebe em si mesmo ou em seu grupo sinais deste recuo diante da cruz que o seguimento pode provocar? O que pode ser feito para melhorar e resistir à tentação?

NOVA ERA: ELEMENTOS PARA UMA VISÃO CRÍTICA

Ir. Nery, FSC*
Brasília – DF

A Nova Era não ataca frontalmente o cristianismo, mas o desconhece ou manipula livremente. Pensa estar propondo algo totalmente novo com forte carga mística em função da utopia de uma felicidade que chegará para todos na Era de Aquário.

INTRODUÇÃO

Nos cursos e assessorias que venho realizando, por diversas vezes apareceram pedidos de informações e de orientação sobre a crescente onda do que se denomina genericamente de Nova Era, "New Age". Passei a contatar o que sobre esta tendência está ao alcance no Brasil e mesmo fora. Apresento aqui, com simplicidade, um panorama do que consegui apreender, consciente de que ainda estou no começo deste estudo. Uma bibliografia básica no final deste trabalho orientará os que desejam maiores informações.

1. NOÇÕES GERAIS SOBRE NOVA ERA

1.1. O ambiente propício à Nova Era

A "New Age" ou Nova Era ou Era de Aquário não é uma religião nem seita[1]. Não tem propriamente fundador ou fundadores, nem dogmas, nada especificamente organizado e muito menos estruturado. É uma mentalidade difusa, espalhada em rede, que vai aglutinando um ressurgir geral da religiosidade com apoio no misticismo, em elementos do cristianismo, das grandes religiões orientais, do esoterismo, da astrologia e da busca de um mundo de liberdade, paz, respeito ao ecossistema, amor. No dizer de Marilyn Furgusson, no livro "A Conspiração de Aquário", 1980, trata-se de uma "conspiração", no sentido de "conspirare", isto é, um respirar juntos, coletivamente, em todas as partes do mundo, as mesmas aspirações humanas de felicidade e paz, resultado de "coincidências de opostos", que produz uma nova harmonia.

A Nova Era (NE) situa-se no contexto de transição da modernidade para a pós-modernidade. Houve um predomínio no mundo moderno, nestes últimos séculos, da razão objetiva (o racional), da ciência prática, da tecnologia, da codificação da pessoa humana e de um endeusamento do

O autor: *Fr. Israel José Nery*, fsc, da congregação de La Salle, faz parte da Diretoria Nacional da CRB e é autor, entre outras obras, de "O Mundo tem fome de Deus" e "O Natal e seus símbolos".

dinheiro, das aparências, do conforto, do poder e do prazer. O resultado aí está: um mundo desumano, com o ecossistema abalado pelas agressões à natureza, as pessoas vazias, entristecidas e sem rumo, com um abismo imenso entre os poucos ricos (e mesmo assim insatisfeitos) e a crescente multidão de pobres e miseráveis (mais insatisfeitos ainda).

As religiões tradicionais, principalmente o cristianismo, que predominou e continua predominando no ocidente, se articularam e se estruturaram de tal modo que ou foram absorvidas por este caos moderno tornando-se uma peça a mais do sistema ou caminharam à margem desse sistema moderno.

A insatisfação difusa e geral pelo que foi feito da convivência humana, pelo que foi feito de nosso planeta terra e com os diversos caminhos dados à religiosidade humana, veio gerando uma reação aqui e acolá em todas as partes e se articulou numa conjugação de acontecimentos, especialmente nas décadas de 60 e 70, tematizados no grito e nas atitudes de "Paz e Amor" da geração hippie, um sonho de um mundo novo, melhor, pacífico, fraterno, livre, espontâneo, erótico, paradisíaco. Já não se agüentava mais a sensação de fracasso do mito do progresso moderno e da influência de religiões formalistas e carentes de interioridade e impulso místico. A revolta da juventude estudantil universitária na França em 1968 abriu espaço para a cadeia de manifestações que marcaram a década de 70 na busca de novos paradigmas para o mundo, que foram se firmando e agora estão aí em voga.

Aos poucos está entrando a primazia do subjetivo, da emoção, do sentimento e da opinião pessoal. A liberdade pessoal é acossada a ir o mais longe possível. Buscam-se experiências diferentes e mais envolventes de comunhão interior com as forças da natureza por meio da energia do sol, do vento, da alimentação e medicinas alternativas. Há certa satisfação em dar espaço livre a uma quantidade de dados esotéricos e para-religiosos que as religiões históricas sufocaram e exorcizaram. No caso do cristianismo pipocam novos grupos e seitas com novas versões de Cristo, de oração, de milagres e forças carismáticas que arregimentam dia a dia milhares de pessoas. Alguns grupos colocam em destaque os "Evangelhos Apócrifos" e os "anos ocultos de Jesus" e textos de antigas heresias e seitas e tiram daí conclusões discordantes da tradição cristã, o que deixa muitos cristãos perplexos, em dúvida, abalados.

À consciência aguda das falhas de visão sobre o universo, causadas pela ciência, pela tecnologia e pela filosofia, fragmentando tudo em campos especializados, autônomos e mesmo independentes, apareceu aos poucos a contraproposta de um universos holístico (holos = o todo unido) de total interdependência de tudo o que existe, não como algo sem vida, mas com vida e vida divina. Com isso surgiu forte movimento pró-terra, pró-ecologia, pró-ciência a favor da vida como os "grupos verde", "greenpeace", macrobióticos etc.

Afirma-se que o terreno para a Nova Era foi preparado já no final do século passado por Helena Blavatsky, fundadora da Teosofia, falecida nos EUA em 1889, cultivado depois por Annie Besant, falecida em 1933 e, especialmente, por Alice Bailey (1880/1949). A divulgação desta nova onda aconteceu com o musical "Hair", na década de 60, que teve como título e tema central a canção "Age of Aquarius", com reforço na década de 80 com o livro de Marilyn Furgusson, acima citado. Além disso, como já me referi, a década de 70 foi dando margem a esta corrente, com os hippies e especialmente a farta literatura de cunho oriental influenciada por mestres espirituais de tradição hindu e budista

(gurus, meditação transcendental, yoga, zen, terceiro olho), além da influência espírita e esoterista.

O livro de Alice Bailey "O Reaparecimento de Cristo", publicado nos EUA em 1948 e no Brasil em 1991, foi amplamente divulgado e se transformou numa espécie de bíblia de grupos, associações, fraternidades e movimentos como a fraternidade Branca Universal, o Graal, a Rosacruz, a Comunidade de Findhorn (na Escócia) etc. Hoje, a literatura é vista em todos os sentidos, veiculando uma espiritualidade ampla, difusa, sem Deus, sem a graça divina, mas ao mesmo tempo valorizando anjos, espíritos, gnomos, forças espirituais da água, do sol, da mata, do vento e mesmo de satanás, tanto numa versão nova simpática, "soft", como em outra vertente de satanismo mais radical. Jesus Cristo é revisto como um "avatar", uma manifestação do "divino que há em nós e no cosmo" e que se expressa em algumas pessoas, mais densamente, como Buda, Zoroastro, Jesus, Maomé e outros.

1.2. Alguns parâmetros da Nova Era

1.2.1. A Astrologia

Um dos parâmetros chaves da NE é a divisão do mundo em Eras a partir da Astrologia. Parte-se de um pressuposto quase dogmático de que tudo no mundo depende da composição dos astros no sistema solar, pois de acordo com a variação desta composição as energias cósmicas diferem em sua influência sobre tudo, especialmente sobre os seres humanos. A divisão astrológica mais antiga e mais divulgada, ao que parece, vem da Babilônia e tem conotações profundamente religiosas, e por isso as religiões antigas e o cristianismo constituem um referencial básico para o discurso explicativo das chamadas Eras.

Os astrólogos dizem que cada Era tem a duração aproximada de 2 mil anos, segundo a colocação dos astros em relação ao sol. No calendário em uso no ocidente, feito na Idade Média pelo monge Dionisius Parvulus, que coloca o nascimento de Cristo como "ano zero", a duração de cada Era é de 2.150 anos. Em geral a colocação das Eras inicia-se com o ano 4.000 a.C.

A denominação dada a cada Era provém do zodíaco. E o zodíaco é a divisão da caminhada do sol em etapas, vista a partir da terra. Estas etapas correspondem a um mês de duração e são iguais entre si. Somando, portanto, os doze astros do sistema solar e cada um em seu tempo fica, em nossa visão a partir da terra, sob o impacto direto do sol e numa relação privilegiada com a terra. O mapa astral, objeto da análise dos astrólogos, é o resultado da composição de Júpter, Vênus, Marte, Mercúrio, Urano, Saturno, Plutão e Netuno em relação ao Sol e à Lua e alguns elementos fornecidos pela pessoa que deseja orientação, como, por exemplo, data e hora do nascimento. Desde os tempos dos babilônios, que eram obcecados estudiosos dos astros, a denominação das etapas está ligada a animais: Áries (21/3 - 20/4); Touro (21/4 - 20/5): Gêmeos)22/5 - 21/6); Câncer (22/6 - 22/7); Leão (23/7 - 22/8); Virgem(23/8 - 22/9); Libra (23/9 - 22/10); Escorpião (23/10 - 21/11); Sagitário (22/11 - 20/12); Capricórnio (21/12 - 19/01); Aquário (20/01 - 18/02); Peixes (19/02 - 20/3).

A cada intervalo de 25.920 anos, o sol retorna a seu ponto de partida, depois de ter dado uma volta completa no cosmo. Neste longo trajeto, os astrólogos colocam também outra divisão de etapas, ou eras, com duração de 2.150 anos, e relacionada a um signo do zodíaco da divisão anual da caminhada do Sol. Durante esta rotação do Sol em todo o cosmo, a terra terá sofrido a influência dos signos do zodíaco. Estamos agora deixando a Era de Peixes e entrando na Era de Aquário. Dentro do

calendário astrológico as Eras até agora foram as seguintes:

1. ***Era de Touro***, de 4.303 a 2.154 a.C. O referencial religioso que marcou os valores da humanidade foi a divindade simbolizada no Touro (Boi Apis, Boi Alado na Mesopotânia, no Egito, em Creta). O Império dos Sumérios (atual Iraque com toda a região dos rios Tigre e Eufrates, golfo pérsico) é o referencial histórico principal.

2. ***Era de Carneiro***, de 2.154 a 4 antes de Cristo. (É importante lembrar aqui que Dionísio Parvulus errou na datação do ano zero que deve ser 4 antes daquele que ele marcou). O predomínio religioso foi da religião dos judeus que tinha como referencial, assim explicam os astrólogos, o CORDEIRO do sacrifício a Javé (cf. o Sacrifício de Abraão no monte Horeb; o sacrifício da saída da escravidão no Egito, que era um cordeirinho por família e cujo sangue foi colocado nos umbrais das portas das casas dos israelitas; o cordeiro como animal principal nos sacrifícios no Templo de Jerusalém etc.).

3. ***A Era de Peixes***, de 4 antes de Cristo a 2.146 d.C., no próximo milênio. Constrói-se a explicação com um dado periférico posto em primazia, ou seja, a composição do nome descritivo de Jesus com a palavra PEIXE em grego e que é ICHTUS. Cada letra corresponde a uma denominação: I (IÉSOUS), CH (CHRISTOS), T (THEOS), U (UIÒS) S (SOTER) que em português se traduz por "**Jesus Cristo Filho de Deus Salvador**".

4. ***A Era de Aquário***, de 2.146 d.C. a 4.296 d.C. Como ainda não aconteceu, diferentemente das outras Eras, nós a vamos construir conscientemente. O símbolo já não estará dominado por religião alguma. É a água em abundância do próprio signo zodíaco. A simbologia já está em voga. É a de um venerando ancião de semblante sereno, de profunda paz interior, fruto da sabedoria cósmica que inclina a grande jarra da evolução do cosmos, derramando com generosidade a abundante água da vida. O velho simboliza também o tempo que já passou, a velha Era de Peixes e a água, a nova Era que está chegando.

1.2.2. A utopia da felicidade neste mundo

Outro parâmetro essencial e onde reside, talvez, uma das principais atrações da NE é a possibilidade do paraíso na terra construído por nós mesmos, sem precisar de Deus, nem religião alguma. Temos essa possibilidade porque possuímos em nós, assim o afirmam os adeptos da NE, o "Poder Infinito da Mente", a "Sabedoria Infinita" em nosso Interior. Tudo o que imaginamos e desejamos poderá em breve ser realizado porque estamos descobrindo como utilizar este Poder Infinito, esta Sabedoria Infinita.

A NE em suas múltiplas e difusas maneiras de expor suas convicções diz que o que até agora aconteceu com a humanidade foi um vertiginoso avanço e desenvolvimento do "mundo exterior", numa guerra atroz do homem com as forças da natureza, para tomar posse delas, dominá-las, manipulá-las, chegando assim a agredir vitalmente o planeta terra. Nesta luta o homem manipulou e manipula a si mesmo e alguns poucos dominam sobre a maioria de seus próprios irmãos. E enquanto isso acontecia, o mais importante e fundamental no homem e na mulher ficou raquítico, primitivo, atrofiado: "o seu mundo interior" e também o fabuloso "mundo interior de tudo o que existe", a energia da natureza.

A partir dessa tese conclui-se que vivemos em situações subumanas fisicamente (fome, miséria, doenças, escravidões...) e psicologiamente (tristeza, infelicidade, soli-

dão, stress, depressão, inveja, carência afetiva...). Na busca de explicações, algumas pessoas e grupos, a partir da astrologia, de maneira descritiva e incisiva, simplesmente informam, como uma espécie de dogma, que a Era Peixe, segundo eles a Era do cristianismo, é a responsável por este esvaziamento do homem e pelas loucuras que se cometeram nestes dois milênios com atrocidades imensas (barbáries, escravidões, inquisição, genocídios, discriminação da mulher, guerras, bomba atômica e quase destruição do planeta terra...). Por contraposição anunciam uma nova era, a de Aquário, que será totalmente diferente da anterior regida pelo cristianismo e que será a do paraíso na terra.

Nesta Era de Aquário acabarão as mazelas da Era Peixes. A distância entre o que hoje somos e o que desejamos ser será, pois haverá a fusão do que desejamos com o nosso ser real. Alcançaremos de tal modo o nosso mundo interior e a interioridade de tudo o que existe (as energias) que realizaremos todas as criações de nossa mente. E a nossa mente só desejará o bem, o bom e o belo. Todas as coisas e situações que desejamos que existam estão latentes em nossa mente humana à espera do momento de serem libertadas e materializadas pelo pensamento criador, pois possuímos o Poder Infinito da Mente. A grande tarefa agora em preparação à Era de Aquário é trabalhar o nosso interior, atingi-lo plenamente, dar chance ao nosso Poder Infinito. E à medida que conquistarmos, dominarmos o nosso mundo interior e a nossa mente, automaticamente vai melhorar a qualidade de vida do ser humano e do nosso cosmo. Os que propagam a NE dizem que estamos entrando no momento mais grandioso da história do universo: era de paz, harmonia, abundância de bens, fraternidade com a natureza e entre os homens. Seremos, enfim, como deuses!

Aquarius é a plenitude da mente em que o ser humano alcançará a dimensão mais alta e mais profunda de si mesmo, chegando ao paraíso, que se encontra no seu próprio interior e que se materializará no concreto da vida. A fonte de riqueza estará no interior da pessoa humana. O valor primeiro e maior do universo é a pessoa humana que ocupará nele seu devido lugar.

1.3. Algumas mediações da Nova Era

1.3.1. Nova visão da filosofia das ciências

O modelo é a física moderna proposta pelo físico atômico Fritjof Capra, que exerce grande influência com seus livros "O Tao da Física" (1975) e "Ponto de Mutação"(1982), como uma espécie de cientista ideológico da Nova Era. O universo não é uma máquina fria de matéria em partículas, mas um organismo vivo, unitário de ondas e energias formando um todo interconectado (a holística). Quanto mais se vai ao interior, à raiz da realidade, mais se experimenta a unidade de tudo no cosmo. No fundo de todos os seres, tudo se simplifica, se unifica, se reduz à unidade. O homem é parte integrante da vida orgânica do todo e não pode comportar-se como alguém de fora, superior, sujeito independente. A felicidade está no fundir-se com a interioridade harmoniosa de tudo o que existe.

A "New Age" assume este novo paradigma da ciência e, portanto, transforma o cosmo numa espécie de divindade, que dispensa um Deus criador já que o "tudo" é, por si mesmo, pleno. Nós é que, erroneamente, dividimos as coisas em sujeito e objeto, dentro e fora, Deus e o mundo, céu e terra, consciente e inconsciente. A infelicidade veio pelo fato de o homem coisificar a natureza que é sua mãe, sua vida, seu tudo.

1.3.2. Aproveitamento livre do que há de "bom" nas religiões, sobretudo orientais
e que ajude o homem a alcançar o Poder Infinito da Mente, a Sabedoria Interior, a união íntima e paradisíaca consigo e com a interioridade da natureza.

Para a NE o cristianismo criou um abismo intransponível entre Deus e o homem. Um Deus pessoal e o homem como pessoa, numa relação dialogal "eu-tu". Ora, isso impossibilita a imersão do Eu no Todo e arrebenta a possibilidade da felicidade porque divide o homem por dentro. O cristianismo é, assim dizem, formalista, legalista, racionalista, autoritário, desconfia do sentimento, da experiência mística e esmaga a criatividade, a força da mente. É negativo ao carregar o homem de pecado, culpa, divisão interior, de guerra contra si mesmo e sua sede de felicidade.

As religiões orientais anulam as divisões e diferenças. A realidade é una. O "Eu" é o "a si mesmo infinito e divino". Pela meditação se chega ao interior de si mesmo (samadhi) e à iluminação (satori). Experimenta-se então que o Eu é o absolutamente impessoal e que encontra sua paz na união interior com a realidade, para se chegar ao UM, à unificação.

Além da yoga, do zen, da meditação transcendental, busca-se com insistência as chamadas experiências-limites nas "viagens" com recursos a transes, psicotrópicos e exercícios transpessoais (sair do próprio eu dilatando a consciência pessoal para o nível universal, a comunhão com a energia cósmica). Valorizam-se as experiências interiores de contato com os mortos, com o passado pessoal, para apreender a chegar ao um, ao todo. Tenta-se verificar o que algumas pessoas que chegaram ao limite da morte, mas não morreram, conseguiram experimentar.

A NE utiliza também para isso, e bastante, o que em inglês se denomina "channeling" (canalização), que é uma versão moderna da "mediunidade espírita", para o contato com os mortos, a colocação de pessoas a serviço dos espíritos para mensagens aos outros. Nesta corrente do contato com os espíritos valoriza-se muito o mundo dos anjos e demônios, os gnomos e duendes, os espíritos dos mortos, a reencarnação, as forças da mente etc.

1.3.3. O recurso à psicologia do profundo e à parapsicologia,
com o propósito de autodomínio, experiência de estados interiores especiais de felicidade íntima. Têm destaque na NE a psicologia do profundo de Karl Gustav Jung e a psicologia humanista de Maslow.

Como o universo é visto como um conjunto de energias, vibrações e movimentos ondulatórios recorre-se muito a exercícios físicos para ingestão das energias do vento, do sol, dos cristais, das cores, dos números, das pirâmides etc. Ênfase especial é dada à música por ser a arte da vibração das energias do som. A produção de músicas no estilo "New Age" é grande hoje, músicas que favorecem meditação, misticismo, imitação artística das vibrações do cosmo, especialmente dos elementos base: terra, ar, fogo, água.

Procura-se captar as mensagens de vida que a natureza-mãe quer transmitir através de suas vibrações energéticas e fugir dos venenos que os homens, sem comunhão com estas energias, estão produzindo.

1.3.4. O reencantamento do cosmos

Este é um quase dogma fundamental da New Age: ressacralizar o cosmos tão explorado, depredado, desrespeitado e despojado pelo homem da Era Peixes. O cos-

mo objetivado, fragmentado, manipulado é redimido pela visão do todo, a visão holística. É o "uno" que funde os opostos como os princípios Yin (feminino) e Yan (masculino) no taoísmo, cujo símbolo gráfico a NE adota.

A Nova Era vai além do movimento ecológico preocupado, e com razão, com a nossa casa comum, nosso habitat, o planeta terra. Quer-se a "deep-echology" (a ecologia profunda) em que a terra é organismo vivo, sensível, de caráter divino, do qual o homem é parte integrante e dependente.

2. OS CRISTÃOS EM FACE DA NOVA ERA

2.1. Nova Era e Cristianismo

Pelo que relatamos até agora parece óbvio que a NE anunciada pelo advento do predomínio de Aquarius tem um aspecto fortemente contrário ao cristianismo, na leitura que faz da Era anterior, correspondente a Peixes. Em outras palavras, muitos adeptos da NE anunciam o Fim do Cristianismo, que dominou na Era Peixe. Em geral os que assumem a onda New Age, consciente ou inconscientemente, estão pregando o fim do cristianismo, como aconteceu com o fim da religião dos Babilônios e Egípcios, dominadas pelo signo Touro, e do Judaísmo, caracterizado pelo signo Carneiro.

Além dessa negação global do cristianismo, a análise do que é difundido pela NE revela aspectos fundamentais da fé cristã que com ela são simplesmente incompatíveis. Bastam estes dois dados: a) Deus, pessoa e em sua transcendência absoluta, sua distinção do mundo material, do qual é criador, não tem vez para a NE; b) Jesus Cristo, que para a NE não é a encarnação de Deus na história. Tudo o que ele é, fez e faz não tem sentido salvador algum. A "'Nova Era" fala e muito de Cristo mas em outra versão, diferente do apresentado pelos Evangelhos. É um "Cristo cósmico", que ao longo da história se encarnou em Buda, em Krishana, em Jesus de Nazaré, em Maomé e se encarnou e vai se encarnar em muitas outras pessoas especiais da história. Ele virá como Maytreya, na Nova Era de Aquarius. Alguns afirmam que ele já nasceu.

Não há ataque frontal a nada do cristianismo. Simplesmente ou é desconhecido ou é manipulado livremente. A NE é um rolo compressor que passa por cima do que existe e propõe algo, que se pensa totalmente novo, com forte carga mística em função da utopia da felicidade plena que chegará com a Era de Aquário. A linguagem é sutil, mística, religiosa, envolvente e hipnótica, mais cheia de símbolos que de teorias, mais cheia de poesia utópica do que de discursos filosóficos explicativos. Usa-se e abusa-se da esfera espiritual e religiosa, manipula-se o mundo específico das religiões e o da religiosidade humana. Visa-se a sensação, o imaginário, o emocional, a fascinação pelo maravilhoso, pelo mistério, e até pelo que é considerado comumente proibido ou secreto; visa-se o universo interior das pessoas, mas dentro do subjetivismo, a plena liberdade. Discurso, aliás, que pode alienar e escravizar profundamente as pessoas.

2.2. Nova Era, uma fascinante mística

Atendendo ao vazio interior do homem moderno, dando-lhe a sensação de estar em comunhão com um todo, convencendo-o de que é portador do Poder Infinito de sua Mente, não limitando-a a nada por força de dogmas, moral, hierarquia, estrutura, templo, propondo-lhe um paraíso de abundância e paz na terra como materialização do poder da mente..., a NE vem conquistando mais e mais adeptos. É pelo conhe-

cimento-saber (gnosis) que a gente alcança a felicidade[2].

A verdade é que o senso religioso dos homens modernos ocidentais não se extinguiu, como proclamava a Teologia da Morte de Deus na década de 60. Aconteceu o contrário, pois estamos vivendo neste final de milênio um momento de verdadeiro "boom" de religiosidade, magia, esoterismo, seitas, interesse por forças ocultas etc. Há uma busca desesperada do maravilhoso, do milagre, do contato com mortos, com espíritos e extraterrestres.

Este atrativo das novas gnoses e este fascínio pelo maravilhoso revelam, na verdade, o pânico de uma sociedade altamente industrializada que se tornou incapaz de oferecer um sentido da vida apto a convencer os homens e revelam, também, o pânico dos pobres que não encontram outra esperança a não ser alguma forma de religiosidade, mais à flor da pele, mais próxima ao coração, à imaginação e às necessidades urgentes.

A pergunta em relação a nós cristãos não pode deixar de ser feita. Mesmo que não aceitemos, com conhecimento de causa, a culpabilidade plena do cristianismo pelo que nestes dois mil anos aconteceu na história, há falhas inegáveis. E diante da mística proposta pelos que seguem a NE nós cristãos — católicos e evangélicos — que mística propomos? Não somos, de fato, burocratas da religião ou manipuladores de Jesus e do Evangelho, bem longe da essência da fé cristã, com um vazio interior que nos deixa vulneráveis a toda essa onda de propostas que se multiplicam porque encontram espaço, em nós e nos outros, deixado por nós cristãos? Além disso como é que nos situamos diante da liberdade humana em busca e que se manifesta hoje em um vasto e multiforme pluralismo?

2.3. A revalorização de aspectos importantes da vida e da religiosidade que não são suficientemente atendidos pelas religiões e pelo cristianismo

Há pânico entre alguns evangélicos e entre alguns católicos diante da Nova Era. Este medo levou a simplesmente "satanizar" tudo o que se refere à NE ou a ela atribuir uma série de manifestações do mundo atual como algumas descobertas, acentuações e símbolos. E isso vai desde o movimento ecológico e a medicina alternativa aos filmes de Spielberg: desde o "código de barras" para os preços, onda de livros sobre seitas secretas do antigo Egito e até a conspiração para o governo central do mundo por Satanás; desde o Rock até os cultos satânicos. A NE é assim promovida, pelos que se dizem adversários dela, como o receptáculo de tudo o que é diferente e original, em relação ao que já existe.

É uma verdade que, seja de que fonte venha e deveria ter vindo dos cristãos, precisamos revalorizar e urgentemente alguns aspectos da vida e do planeta, indispensáveis tanto para a nossa sobrevivência como felicidade. Cito alguns exemplos: o valor da pessoa humana e da vida em todas as suas manifestações: a importância fundamental do ecossistema, da ecologia e de certo retorno à natureza: a valorização da interligação dos seres na engrenagem da vida (todos precisamos uns dos outros e das forças da natureza): o equilíbrio entre afeto, sentimento, razão: a revalorização do subjetivo, a ênfase na esperança de um mundo melhor etc. Tudo isso é profundamente evangélico, desde que não entre na adoração, no panteísmo nem na satanização.

2.4. Estudo, distância crítica e solidez na fé

A Nova Era, um desafio que é estímulo a um revigoramento da fé cristã em meio

ao surto da religiosidade primitiva que hoje está em alta.

Houve época de perseguição, de guerra contra a fé religiosa e de ateísmo ativo. Tivemos de encontrar espaço e heroicamente sobreviver e crescer. Hoje voltamos ao panteão de múltiplos e variados cultos, mais até do que o encontrado por Paulo no areópago de Atenas. No meio do pouco, e já insignificante, ateísmo no mundo de hoje, a Fé Cristã está agora como uma possibilidade entre outras, no mundo plural religioso, no imenso supermercado de ofertas religiosas para todos os gostos.

O medo, a ingenuidade, o fanatismo, a guerra e a ignorância não são os melhores caminhos diante do que está acontecendo ao nosso redor, em nossas famílias e quem sabe conosco mesmos neste campo da explosão de religiosidade em seitas, novos movimentos religiosos e novas filosofias de vida. É fundamental dedicar muito mais tempo à intimidade com Deus, ao estudo de nossa fé e desta cultura geral moderna, sozinhos ou em grupos, mas em atitude de diálogo e de leitura na fé dos "sinais dos tempos".

É farta a literatura e se multiplicam os grupos relativos à NE, assim como às seitas e novos movimentos religiosos. É preciso que nós cristãos estejamos sólidos em nossas convicções e firmes em nossa formação.

2.5. As principais vertentes da Nova Era

Analisando o que aparece sobre a Nova Era descobrimos três vertentes que no momento predominam:

a) A vertente panteísta. É a mais presente na literatura da própria NE. Há aceitação de uma divindade difusa, de uma energia divina, mas que nada tem a ver com o Deus da revelação bíblica. Trata-se não só de uma energia cósmica, mas de que o próprio universo é divino, tudo é parcela da divindade, somos deuses.

b) A vertente satânica. Há na literatura "New Age" duas maneiras de apresentar Lúcifer. Uma como o "Anjo da Luz" que o judaísmo e o cristianismo injustamente tornaram "anjo mau". Ele passa a ser resgatado como "anjo bom", incompreendido e maltratado. A outra maneira é apresentar Satanás realmente como mau, uma divindade má, mas que pode ser aplacado mediante alianças especiais com ele, e assim Satanás não fará o mal ao mundo e às pessoas, estas, aliás, por se aliarem ao Demônio se tornam poderosas neste mundo. Esta vertente satânica é ainda diminuta no contexto da NE.

Apesar de estes referenciais a Satanás serem ainda muito pequenos na Nova Era, há uma onda entre cristãos (grupos evangélicos e alguns grupos católicos) de satanização e demonização de toda essa onda New Age, com uma ação aguerrida, até mesmo de forma exagerada.

c) A vertente crística. É muito pequena. Combate a Nova Era tentando mostrar que a Era de Aquarius é a Era do Espírito, Era de Pentecostes, representada na abundância de dons, carismas, graças, paz, solidariedade, felicidade, amor, e como seqüência e realização da Era Peixes. É agora a partir do Ano 2.000 que o cristianismo vai acontecer como Jesus quer.

Já há alguma literatura e pessoas querendo liderar a visão Crística da New Age. Jesus Cristo é apresentado, a partir de todo um discurso bíblico, como o "antecipador e precursor" da NE. E que, na verdade, esta Nova Era já chegou com Ele, que viveu e ensinou tudo o que agora está sendo anunciado para este novo período da humanidade. Infelizmente Ele não foi compreendido e aceito na época e até agora. Dois mil anos depois é que estamos percebendo quem é Jesus Cristo e o que Ele propôs. Somos privilegiados em preparar

e viver a verdadeira Era do Cristianismo, que está chegando.

Para provar esta tese autores da vertente "New Age Crística" manipulam, à vontade, a pessoa, os milagres e ensinamentos de Jesus, citando, a seu bel-prazer, passagens da Bíblia, sobretudo do Novo Testamento. Com a falta de visão crítica, de boa formação cristã, com a curiosidade e o medo a respeito da Nova Era, um bom número de cristãos participa de cursos, congressos e compra livros e vídeos desta vertente crística, aceitando tudo. Isto também vem criando muita confusão, especialmente porque um dos principais líderes e escritores desta vertente crística no Brasil é o sacerdote Lauro Trevisan, com um centro bem montado no Rio Grande do Sul e uma certa influência em todo o Brasil e mesmo no exterior.

2.6. Bibliografia Básica

No Brasil a literatura sobre a Nova Era e da Nova Era ainda é pequena. É importante alertar que nem tudo o que vem com a denominação NE está sintonizado com a onda New Age, simplesmente porque a questão já entrou no nível da moda, devido à proximidade do terceiro milênio.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em sua coleção "Estudos da CNBB", volume 71, com o título "A Igreja Católica diante do pluralismo religioso no Brasil" (Ed. Paulus - 1994), divulga um trabalho de Leila AMARAL: **"Nova Era: Um Movimento de Caminhos Cruzados"**, apresentado para debate no terceiro seminário sobre pluralismo religioso no Brasil, em Brasília, de 1º a 3 de março de 1994. Vale a pena conferir.

O Padre JOÃOZINHO, SCJ (João Carlos de Almeida), publicou pela Editora Loyola, setembro de 1994, um pequeno livro **"Nova Era e Fé Cristã"**. Na primeira parte comenta um parágrafo do Papa João Paulo II sobre a Nova Era em discurso aos Bispos dos EUA[3]. Na segunda parte apresenta a tradução de uma carta pastoral do Cardeal de Bruxelas, em dezembro de 1990, com o título **"O Cristo ou Aquário"**. Este documento do Cardeal Gofried DANEELS é considerado, no momento, a melhor reflexão cristã sobre a Nova Era. Padre Joãozinho apresenta também uma pequena notícia crítica sobre as principais obras referentes a NE, publicadas no Brasil, e promete mais um livro seu sobre o assunto para breve.

Um artigo interessante como introdução geral ao tema é o de Leonardo CAPELLUTTI, intitulado **"Nova Era: Um Desafio à Fé Cristã"**, na Revista GRANDE SINAL, da Editora Vozes, de outubro de 1994, das páginas 573 a 585. E para noções gerais sobre Astrologia o livrinho de Gilbert Le MOUËL: **"Astrologia e Fé Cristã"**, Ed. Loyola, novembro de 1994, é uma boa ajuda.

NOTAS

1. "A Nova Era não é uma religião, mas é religiosa. Não é uma filosofia, mas tem ao menos uma certa visão do homem e do mundo. Não é ciência, mas pretende apoiar-se em leis científicas, mesmo que seja preciso buscá-las na astrologia. A New Age é uma grande nebulosa que contém esoterismo e ocultismo, pensamento místico e mágico, respeito pelos segredos da vida e uma pitadinha de Cristianismo, tudo misturado com idéias que procedem da astrofísica" (DANEELS, Godfried: **"Cristo ou Aquário"**, in Pe. Joãozinho, scj: "Nova Era e Fé Cristã", Ed. Loyola, São Paulo, 1994).
2. "A Nova Era começa a ganhar sempre maior espaço dentro de nossa sociedade, as pessoas vêem nela um meio ou uma crença colocada à sua disposição para obter todo tipo de coisas. Creio que todo o mundo deseja ser feliz e sentir-se bem. E é isto o que nos ensina a NE. Com efeito a NE é uma forma de psicologia ou filosofia que congrega muitas pessoas que necessitam da mesma coisa: ser feliz e sentir-se bem" (BERGERON, R. et alii **"La Nueva Era cuestionada"**. Ed. San Pablo, Buenos Aires, Argentina, 1993).

3. "As idéias do movimento "New Age" (Nova Era) conseguem, às vezes, insinuar-se na pregação, na catequese, nas obras e nos retiros, e deste modo influenciam até mesmo católicos praticantes que, talvez, não tenham consciência da incompatibilidade entre aquelas idéias e a fé da Igreja. Na sua visão sincretista e imanente, esses movimentos para-religiosos dão pouca importância à Revelação; pelo contrário, procuram chegar a Deus mediante a inteligência e a experiência, baseadas em elementos provenientes da espiritualidade oriental ou de técnicas psicológicas. Tendem a relativizar a doutrina religiosa, em benefício de uma vaga visão mundial, expressa como sistema de mitos e de símbolos, mediante uma linguagem religiosa. Além disso, apresentam com freqüência um conceito panteísta de Deus, o que é incompatível com a Sagrada Escritura e com a Tradição cristã. Eles substituem a responsabilidade pessoal das próprias ações perante Deus por um sentido de dever em relação ao cosmo, opondo-se, assim, ao verdadeiro conceito de pecado e à necessidade de redenção por meio de Cristo" *(JOÃO PAULO II: 28/05/1993, citado por Pe. Joãozinho, op. cit., p 11).*

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL DO TEXTO OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. A que se deve a explosão de interesse pelo religioso e fenômenos espirituais que vem acontecendo nestes últimos anos? E por que há, entre muitos cristãos, interesse e quase fascínio juntamente com medo, diante de tudo isto?
2. Em que sentido a onda da Nova Era é para nós cristãos um desafio que pode nos ajudar na solidez de nossas convicções cristãs?
3. Como, a partir da linguagem, dos símbolos e dos conteúdos básicos da Nova Era, que já pervadem grande parte da cultura contemporânea, realizar uma evangelização que, dentro da fidelidade ao Senhor e à sua Igreja, chegue mais às necessidades do homem e da mulher hodiernos?
4. Quais os aspectos do cristianismo a serem mais enfatizados em face das propostas da Nova Era?

nomia diante dela. Surge, destarte, a pergunta que o COMLA - V se faz: Que caminhos encontrar para o evangelho a partir da nova consciência duma situação pluricultural e plurirreligiosa de nosso continente?[6].

EVANGELHO NAS CULTURAS

A reflexão teológica já chegou ao consenso de que o evangelho salvador de Deus não se esgota na identidade católica, manifesta-se nas diversas tradições religiosas e pode assumir formas plurais. Não se identifica, portanto, unicamente com a forma atual de catolicismo[7]. Sabemos que, simplificando bastante, a forma católica do evangelho nasceu do lento processo de caldeamento cultural-religioso da tradição semita jesuana, da cultura grega dominante no início da cristianização, da influência romana sob cujo império o cristianismo se difundiu, da assimilação das culturas das hostes bárbaras germânicas. Ora a cultura negra, a cultura indígena não pertencem a este universo cultural e tiveram de assumi-lo à força. No momento, elas buscam sua identidade e levantam a questão: como encontrar-se com o evangelho desde sua cultura? E a pergunta vale do outro lado: como evangelizar com a forma católica ocidental este universo não-ocidental?

Teologicamente não há dificuldade de aceitar que o evangelho, na sua atual forma ocidental, seja capaz de inscrir-se nestas culturas, sem necessariamente impor sua forma ocidental, permitindo-lhes criar novas formas de viver o evangelho. A isso se chama "inculturação".

Em outras palavras, o caminho do evangelho nas culturas é a inculturação. Defini-la, em termos teológicos, não parece tarefa tão difícil. Não se conseguem, porém, medir as conseqüências para a instituição eclesiástica do momento em que as novas formas de expressão do evangelho forem predominantemente não-ocidentais.

Inculturação reflete etimologicamente três elementos: a raiz "cultura", os sufixos "in" e "ção". O centro da idéia é a cultura. O sufixo "ção" denota movimento, enquanto o "in" indica a natureza do movimento, a saber, para dentro de. Pode-se escandir a palavra: in-cultura-ção. Portanto, fala-se de uma "cultura" em "ação" para dentro - "in"- de alguma coisa, que, no caso, é outra cultura. Inculturação exprime, pois, movimento da cultura em direção a outra cultura, penetrando-a interiormente.

Sem querer perder-se em malabarismos teóricos, entende-se, de modo simples, por cultura a teia de símbolos e sentidos com que se representam a vida, as crenças, os códigos de convivência familiar e comunitária, as técnicas e as estratégias de reprodução do trabalho[8]. É sistema em permanente adaptação.

Como sistema, organiza os padrões de comportamento, transmitidos socialmente, que servem para relacionar as comunidades humanas aos seus ambientes ecológico: tecnologia, modos de organização econômica e política, estilos de agrupamentos humanos, padrões de habitação e ocupação da terra, práticas e crenças religiosas[9].

A cultura abarca o estilo comum de vida e convivência, costumes, estruturas e instituições sociais, políticas, econômicas, educativas. Cultura, no sentido humano integral, compreende não somente os valores e símbolos, mas também todo o estilo de vida, o trabalho, os sistemas sociais, econômicos, políticos, a arte, a ciência, o direito, a tecnologia. É o cultivo do humano pela liberdade através de suas mediações históricas[10].

Este conceito de cultura, de colorido antropológico, não pode ser entendido de modo sacralizado e fechado a ponto de se condenar como violência cultural qualquer

ferente. As outras formas culturais e religiosas diferentes emergiam como objeto exótico e raro, ou para ser rejeitado, ou para ser tolerado na vida de grupos marginais, sem relevância para nosso mundo católico.

Desde o início da modernidade, mas em nosso país sobretudo nas últimas décadas, produziu-se sensível deslocamento das correntes de ar religioso e cultural. Dois fenômenos tornam-se simultaneamente agudos, modificando profundamente a situação do catolicismo — a religião dominante — e da hegemonia absoluta da cultura ocidental[2].

No mundo cultural, culturas plurais, até então dominadas, emergem com vigor. Rompem o círculo fechado etnocêntrico da cultura branca ocidental. Assim as culturas negra e indígena levantam sua cabeça, fazendo sentir sua presença. Em alguns casos, estatisticamente majoritárias, tinham sido caladas pela força conquistadora e dominadora da cultura ocidental. Agora mostram seu verdadeiro rosto. *No mundo religioso*, ao desfazer-se o quadro católico, rigidamente construído, sobretudo no último século e meio, pela romanização, criaram-se espaços religiosos livres, que vêm sendo ocupados por novas formas religiosas[3].

De fato, a Igreja Católica, de modo extremamente eficiente, construíra, dentro de uma modernidade cada vez mais subjetivista e dominada pela racionalidade instrumental secularizante, um arcabouço religioso resistente sobre três estruturas básicas: uma cosmovisão compacta, instituições vigorosas e marcante ritualização do cotidiano[4].

A cosmovisão centrara-se no jogo bem articulado entre os dois níveis da existência humana: vida terrestre e vida eterna. Toda a vida aqui na terra era pensada como teatro de gigantesca peça cujo desfecho definitivo terminava com a salvação ou a condenação eternas. Em vista da salvação, todas as realidades terrestres deveriam ser tocadas pela aura religiosa. Forjara-se o termo "sobrenatural" para significar o coração de tal cosmovisão. No natural da vida, viver o "sobrenatural" resumia a consigna fundamental de tal cosmovisão.

Para isso, o catolicismo criou dois instrumentos poderosos: suas instituições e a ritualização do cotidiano. As instituições preparavam os evangelizadores e enquadravam os fiéis desde o berço no mundo católico; família religiosa, paróquia com as diferentes catequeses e organizações, movimentos religiosos, instituições educativas de todos os níveis, hospitais etc.

O cotidiano submetia-se ao quadro católico tanto mais quanto menor era a cidade. Como a urbanização do Brasil aconteceu nas últimas décadas, a força disciplinante da Igreja comandava o dia-a-dia de seus fiéis, vivendo a maioria deles no mundo rural. Nalgumas pequenas cidades, o relógio da Igreja escandia as horas do dia com suas badaladas sonoras.

Nos últimos anos, assistimos, de maneira rápida, ao desfazer-se dessa tríplice estrutura "católica", abrindo espaço para novas formas religiosas e novas formas culturais. Revelam-se assim as duas faces antagônicas e paradoxais da modernidade. De um lado, seculariza os espaços públicos, desaloja as religiões do campo sociopolítico, tira-lhes o poder norteador social, mas, de outro, permite o surgimento anárquico de infinitas expressões religiosas. Umas tinham sido recalcadas, outras vieram de fora e outras surgiram na novidade do momento cultural religioso[5].

Surge, então, a questão se o evangelho tem a ver com este processo paradoxal de secularização institucional da religião dominante e do surto anárquico de muitas formas religiosas. E como a cultura ocidental se situa diante de outras culturas que adquirem, pouco a pouco, certa auto-

nomia diante dela. Surge, destarte, a pergunta que o COMLA - V se faz: Que caminhos encontrar para o evangelho a partir da nova consciência duma situação pluricultural e plurirreligiosa de nosso continente?[6].

EVANGELHO NAS CULTURAS

A reflexão teológica já chegou ao consenso de que o evangelho salvador de Deus não se esgota na identidade católica, manifesta-se nas diversas tradições religiosas e pode assumir formas plurais. Não se identifica, portanto, unicamente com a forma atual de catolicismo[7]. Sabemos que, simplificando bastante, a forma católica do evangelho nasceu do lento processo de caldeamento cultural-religioso da tradição semita jesuana, da cultura grega dominante no início da cristianização, da influência romana sob cujo império o cristianismo se difundiu, da assimilação das culturas das hostes bárbaras germânicas. Ora a cultura negra, a cultura indígena não pertencem a este universo cultural e tiveram de assumi-lo à força. No momento, elas buscam sua identidade e levantam a questão: como encontrar-se com o evangelho desde sua cultura? E a pergunta vale do outro lado: como evangelizar com a forma católica ocidental este universo não-ocidental?

Teologicamente não há dificuldade de aceitar que o evangelho, na sua atual forma ocidental, seja capaz de inserir-se nestas culturas, sem necessariamente impor sua forma ocidental, permitindo-lhes criar novas formas de viver o evangelho. A isso se chama "inculturação".

Em outras palavras, o caminho do evangelho nas culturas é a inculturação. Defini-la, em termos teológicos, não parece tarefa tão difícil. Não se conseguem, porém, medir as conseqüências para a instituição se novas formas de expressão do evangelho forem predominantemente não-ocidentais.

Inculturação reflete etimologicamente três elementos: a raiz "cultura", os sufixos "in" e "ção". O centro da idéia é a cultura. O sufixo "ção" denota movimento, enquanto o "in" indica a natureza do movimento, a saber, para dentro de. Pode-se escandir a palavra: in-cultura-ção. Portanto, fala-se de uma "cultura" em "ação" para dentro - "in"- de alguma coisa, que, no caso, é outra cultura. Inculturação exprime, pois, movimento da cultura em direção a outra cultura, penetrando-a interiormente.

Sem querer perder-se em malabarismos teóricos, entende-se, de modo simples, por cultura a teia de símbolos e sentidos com que se representam a vida, as crenças, os códigos de convivência familiar e comunitária, as técnicas e as estratégias de reprodução do trabalho[8]. É sistema em permanente adaptação.

Como sistema, organiza os padrões de comportamento, transmitidos socialmente, que servem para relacionar as comunidades humanas aos seus ambientes ecológico: tecnologia, modos de organização econômica e política, estilos de agrupamentos humanos, padrões de habitação e ocupação da terra, práticas e crenças religiosas[9].

A cultura abarca o estilo comum de vida e convivência, costumes, estruturas e instituições sociais, políticas, econômicas, educativas. Cultura, no sentido humano integral, compreende não somente os valores e símbolos, mas também todo o estilo de vida, o trabalho, os sistemas sociais, econômicos, políticos, a arte, a ciência, o direito, a tecnologia. É o cultivo do humano pela liberdade através de suas mediações históricas[10].

Este conceito de cultura, de colorido antropológico, não pode ser entendido de modo sacralizado e fechado a ponto de se

interferência de outra cultura. Uma leitura etnocêntrica, em reação exagerada às violências impostas no passado pelas culturas dominantes, termina por transformar cada cultura em ilha intocável. Posição teoricamente insustentável e praticamente inviável em mundo de influências múltiplas entre as culturas.

Toda cultura reflete forma histórica, contingente, localizada, frágil de articulação de um sentido e valor obrigatórios e universais. Em cada cultura se historicizam sentido e valores imperativos universais, de um lado, e, de outro, eles se expressam em formas particulares, caducas, transitórias[11].

Portanto, cada cultura está aberta a que seja questionada nas suas formas de exprimir valores definitivos. Nesse sentido, adquire relevância o diálogo intercultural. O fechamento de uma cultura em si mesma empobrece-a.

Nessa perspectiva, entende-se a inculturação do evangelho de modo positivo a partir de dois pontos de vista diferentes. *Sob o simples aspecto cultural*, a forma ocidental do evangelho, em que pese seus limites próprios, carrega valores culturais que podem enriquecer qualquer outra cultura. *Sob o aspecto teológico*, é-se consciente de que o evangelho, mesmo encarnado nos limites da cultura ocidental, tem força suficiente de conversão de qualquer cultura.

Esta consideração permite pensar a inculturação a partir do evangelho na forma que temos no Ocidente. Evangelizar não significa necessariamente dominar, violentar outras culturas. Tem sentido continuarmos empolgados pela vocação evangelizadora, conscientes da riqueza que nos foi presenteada por Deus na sua revelação e que assumiu a forma cultural que hoje temos.

Nesta perspectiva, o conceito e a realidade da inculturação se clarificam. O evangelho, inserido na cultura ocidental, retém um "excesso", um "mais" que não se deixa prender, nem esgotar-se nela e que se move, imerso na cultura-suporte, ao encontro de outra cultura e nela insere-se. Em toda cultura, o evangelho encarna-se, limita-se, oculta seu "excesso" que só se desprenderá quando se inculturar em outra cultura. Por isso, toda nova inculturação enriquece as expressões do evangelho de Jesus.

Não se trata de destacar do evangelho inculturado uma "essência abstrata", "conteúdos permanentes", uma "doutrina", uma "ortodoxia" e depois inculturá-los em outra cultura.

Acontece encontro entre duas culturas. Uma já permeada pelo evangelho explícito de Cristo e outra ainda não. No encontro dessas duas culturas, a cultura permeada pelo evangelho pode, ao espelhar-se na outra cultura, dar-se conta também de seus limites e aprender elementos novos, desprendendo para si aspecto deste "excesso" do evangelho, até então despercebido. E, por sua vez, a outra cultura, ainda não evangelizada, mas já visitada pelo Espírito de Deus e possuindo "sementes do Verbo", percebe elementos novos que lhe pedem conversão, aperfeiçoamento. É o evangelho presente na cultura adveniente que penetra e transforma esta cultura por dentro.

A inculturação do evangelho é, portanto, propriamente o resultado de um encontro de duas culturas, uma, em que o evangelho já vem expresso tematicamente e a outra, a que ele é proposto. Este encontro de culturas faz aparecer que:

— o evangelho já vem encarnado numa cultura;

— entra num processo de interpretação e reexpressão em nova forma cultural.

No nível da reflexão, o processo de inculturação parece claro e lidimamente consoante com a própria pretensão univer-

sal do evangelho. Mas no nível prático, permanecem-nos obscuras as conseqüências que de tal realidade podem surgir.

No momento em que o evangelho, na forma ocidental, tomar o caminho das culturas não-ocidentais, ele não só vai enriquecê-las cultural e teologalmente, mas também vai receber delas impacto tal que surgirão novas formas de expressão do evangelho.

Empregando a categoria "cenário", tão usada hoje em ciências políticas, podem-se antever vários cenários possíveis desse encontro com respeito à forma ocidental do evangelho.

Um primeiro cenário, vivido no passado, mas hoje mais dificilmente justificável, consistiria em que a forma ocidental não deixaria nascer outra forma cultural de evangelho diferente da sua. Tentaria de todas as formas cercear as originalidades evangélicas de outras culturas ou cooptar totalmente para dentro de si as diferenças, anulando-as. Na linguagem de Erich Fromm, criar-se-iam mecanismos sociais de fuga da liberdade para as culturas diferentes de modo que se estabeleceria o jogo do autoritarismo e do conformismo autônomo. Autoritarismo por parte da cultura ocidental católica, submissão por parte das outras culturas, destruindo-se assim as diferenças e reduzindo-se as mesmas à identidade católica ocidental[12].

Repetir-se-ia a façanha dos conquistadores do século XVI, só que com a agravante injustificável de viver-se em outro momento de consciência histórica. Hoje tal violência bradaria aos céus da própria cultura ocidental consciente e crítica.

Tal cenário tem paradoxalmente chances, mas não tem futuro. As chances de ser implementado advêm-lhe das possibilidades de as culturas dominantes imporem-se com o uso dos poderosos sistemas atuais de persuasão e de influência subliminar. Além disso, as culturas consideradas inferiores pela cultura dominante introjetaram em muitos casos tal inferioridade. Vive-se então a dolorosa experiência de identificação ideal dos inferiores com os padrões superiores, aceitando assim suas imposições.

Entretanto, não tem futuro. Por mais que tal fenômeno de imposição e introjeção aconteça, as possibilidades de tomada de consciência crítica parecem maiores por parte dos povos de cultura não-ocidental. Mais. Diante do próprio Ocidente a forma católica, ao assumir tal atitude de dominação, perderia credibilidade e se condenaria a transformar-se em gueto religioso.

Um segundo cenário faz-se mais provável nos primeiros momentos desse encontro. As novas formas culturais do evangelho girariam como planetas menores em torno do sol da atual forma católica hegemônica, sem provocar-lhe questionamentos profundos, nem exigir-lhe mudanças substanciais nas instituições. Viver-se-ia para o catolicismo ocidental romano. Viver-se-ia a "tolerância", a singularidade. No entanto, como a forma católica plasmou as principais instituições e sua maneira de agir, as outras formas não implicariam ameaça nem provocação. A forma católica ocidental romana continuaria hegemônica no sentido gramsciano do termo. Dirigiria com absoluta soberania o universo de valores, de expressão. Constituiria a cosmovisão central, enquanto as outras formas de cultura evangelizada representariam variantes toleráveis e mantidas dentro dos limites da intangibilidade da forma cultural central.

Este cenário apresenta chances maiores. Parece responder, ao mesmo tempo, ao respeito com o diferente sem perder-se, porém, a hegemonia do poder central. Corresponde ao agir no mundo econômico e político de poderes centrais que permitem maior autonomia às filiais. Entretanto,

a longo prazo, não navega na direção da história que caminha para uma concepção de poder horizontal em forma de rede, e não vertical, em forma de concessões[3]. Neste cenário, a Igreja Católica tornar-se-á cada vez mais peregrina em suas expressões arcaicas institucionais de poder com crescente falta de credibilidade.

Um terceiro cenário, que se delineia em horizonte mais longínquo, consistiria no deslocamento lento, mas constante e significativo, do peso católico para outras expressões culturais do evangelho: negra, indígena, asiática. E ir-se-iam elaborando novas teologias, catecismos, estruturas e instituições, maneiras de gerir o poder, ritos, celebrações etc. Destarte, certas formas de poder, de celebrar, de ritos, de expressões dogmáticas da expressão católica romana, que até hoje atribuímos, sem mais, à revelação, à vontade irreformável de Cristo, ao direito divino, ao passarem pelo crivo de outras culturas, se revelariam transitórias, mutáveis, reformáveis. Este será o campo da surpresa, da novidade, do futuro de um universo sem a hegemonia da cultura ocidental. Supor-se-á gigantesco esforço de diálogo, de busca de consenso na diferença, de transformações profundas de estruturas centralizadoras.

Evidentemente o aparecimento desse cenário dependerá de muitos fatores econômicos, culturais e religiosos. No mundo econômico, assistimos à criação de megablocos. Que vigore equilíbrio entre eles ou se imponha a superioridade de algum deles de modo que todos os outros sejam por ele comandados ou, pelo menos, condicionados, não se pode prever. O mesmo vale do mundo cultural. E quanto ao destino do catolicismo, as previsões estatísticas de hoje anunciam deslocamento massivo para o Terceiro Mundo. Contudo, isto não implica necessariamente que a maioria numérica signifique realmente o peso maior decisório sobre a forma católica do próximo milênio.

Por enquanto ficam diante de nós esses possíveis cenários ou outros que nos escapam no momento até a previsibilidade.

EVANGELHO: CAMINHO DE VIDA E DE ESPERANÇA

Independentemente desses cenários, o evangelho de Jesus Cristo anuncia, sob formas diferentes, dado primordial insuperável e definitivo: a pessoa de Jesus Cristo como revelação do amor perdoante e salvador de Deus para toda a humanidade. Esse dado concretiza-se nas culturas, pode ir assumindo cada vez formas mais concretas. Existe, em qualquer forma em que o cristianismo se expressar, um "mais", um "excesso" que se torna disponível para encarnar-se, inculturar-se em outras culturas.

O COMLA-V escolheu dois elementos fundamentais que apontam para a natureza da salvação realizada por e em Jesus, que traduzem este "excesso": vida e esperança.

Os índios tapirapés tinham-se decretado, no meio a tanto sofrimento, a morte silenciosa de não colocarem mais novas crianças no mundo. Não lhes desejavam a dor e padecimentos por que passavam. Melhor não nascer que viver nessa penúria. O grito de Jó enchia-lhes a vida.

Lá chegam os pés maravilhosos de arautas da paz, as Irmãzinhas de Foucauld. Pouco a pouco, acende-se-lhes a chama da esperança e começam de novo a ter filhos. a crescer. Esta presença discreta, sem o alarde das grandes pregações nem de numerosos batismos, significou a presença autêntica do evangelho no interior dessa cultura indígena. O fruto dele foi a volta ao desejo de viver. Caminho de vida e de esperança.

A raça negra foi amordaçada cultural e religiosamente durante séculos[4]. Calou sua cultura, sua religião no âmbito da publicidade, reservando-as para os espaços da in-

timidade do terreiro. Nova consciência evangelizadora, nova presença de Igreja tem ajudado o negro a encontrar suas raízes de vida e recobrar a esperança de ser gente, de ser cidadão. A Campanha da Fraternidade de 1988 purifica o ouvido da Igreja para sentir o grito do povo negro[15]. Grito cultural. Grito religioso. Ao lutar-se pela vida e liberdade do povo negro, abre-se-lhe o caminho da esperança. Por aí está passando a aura do evangelho, ainda que algumas clássicas formas católicas sofram arrepios. O evangelho vem ao encontro dos anseios do povo negro, que no carnaval do aniversário centenário da Lei Áurea uma Escola de Samba tão bem cantou e bailou:

"Será que já raiou a liberdade
Ou que foi tudo ilusão
Será...
Que a Lei Áurea tão sonhada
Há tanto tempo assinada
Não foi o fim da escravidão?
Hoje dentro da realidade
Onde está a liberdade
Onde esta que ninguém viu?"

O antievangelho, por sua vez, vem sendo cada dia levado a tantos meios indígenas e culturas populares pela cultura de massa da mídia, gerada e transmitida para esses meios e culturas sem o mínimo respeito e consideração a seus valores, e pelos interesses muitas vezes situados até fora do nosso país e cultura. Pouco a pouco, morrem valores, desaparecem tradições fundamentais e de referência, criam-se espaços vazios de sentido cada vez maiores, perdem-se os parâmetros morais e religiosos. Em seu lugar, surgem a morte, a desesperança, o niilismo de bem, de valor e de verdade.

O desafio, portanto, da evangelização inculturada emerge, quer do risco da dominação da forma católica ocidental, quer da contaminação cultural provocada pelos agressores externos da cultura secular. O olhar deve voltar-se tanto para dentro da própria proposta do evangelizador em atitude autocrítica quanto para os invasores culturais externos em ação. Certo pudor exagerado de não querer levar o evangelho na forma católica para não violentar outras culturas esquece que estas já vêm sendo batalhadas por forças sem escrúpulos e muito mais eficientes. Nesse contexto paradoxal de respeito, mas de realismo, diante das intromissões externas violadoras das culturas, o evangelizador vai encontrando o caminho do evangelho nessas culturas, abrindo-lhes espaços de vida e de esperança.

Cada evangelizador ou grupo de evangelização, à medida que for adentrando em determinada cultura e influenciando-a com sua presença e impacto, olhe para trás e analise os traços que deixou. Nasceram da semente de sua palavra e exemplo novos brotos de vida para a cultura evangelizada? O passar de seus passos despertou sempre novas esperanças? As mudanças introduzidas levaram as pessoas ao encontro íntimo com sua própria cultura, mergulhando nas profundidades de sua riqueza? Por aí passou o evangelho, mesmo que não tenha terminado em nenhum batismo ou nalguma construção de igreja.

No entanto, pelo contrário, se o olhar do evangelizador se encontrar com obras sólidas, com construções robustas, com estatísticas lisonjeiras, mas no seu interior perambular um povo sem alma própria, que perdeu sua cultura, que esqueceu sua gramática de vida, que se submeteu humilde ao império do colonizador, sofra e arrependa-se por ter falseado o evangelho de Jesus. Não abriu caminhos de vida e de esperança. O evangelho não cruzou as fronteiras da cultura para perder-se dentro dela e fermentá-la, mas a cultura ocidental, mais uma vez, levou a cabo sua aventura conquistadora.

CONCLUSÃO

O navegador do evangelho nas e pelas culturas está entre Cila e Caribde. De um lado, a tentação de impor-se juntamente com a cultura ocidental, de outro, a timidez de não propor nada e deixar as outras culturas entregues aos impactos de outros fatores culturais alheios a ele.

A luz, que pode guiar-nos nessa noite da dúvida e do medo, vem da certeza de que se anunciam vida e esperança. Enquanto no horizonte de nossa ação pastoral estiver bem clara a convicção de que o sinal indubitável da presença salvadora do Evangelho é gestar vida e esperança na cultura tocada por ele, não se corre o perigo de traí-lo. A cada momento de evangelização, deve seguir-se na cultura evangelizada um crescimento de vida e esperança em todos os níveis. Não se trata unicamente de vida sobrenatural e eterna, mas também dos elementos básicos da existência humana. Nesse sentido, toda evangelização traz consigo para dentro da cultura mudanças que afetam a ordem econômica, política e social. Não há evangelização sem transformação estrutural no seio do povo que acolhe o evangelho em ordem à criação das condições de vida de todos os seus membros em todos os níveis e, por isso, um acréscimo de esperança de viver neste mundo e para além dele. Pelos caminhos da vida e da esperança passa o evangelho.

NOTAS

1. Pontifícias Obras Missionárias - CNBB, COMLA V: O Evangelho nas culturas. Caminho de vida e esperança. Texto-base, ABC BSB ed., Brasília, 1994.
2. M. de França Miranda, A Salvação cristã na modernidade, in: Maria Clara L. Bingemer (org.) , O impacto da modernidade sobre a religião. São Paulo, Loyola, 1992, 197-221.
3. Pedro R. de Oliveira, Catolicismo popular e romanização do catolicismo brasileiro, in: REB 36 (1976): 131-141; id., Catolicismo Popular no Brasil, Rio, CERIS, 1970; id., Religiosidade popular na América Latina, in: REB 32 (1972): 354-364; R. Azzi, Elementos para a história do catolicismo popular, in: REB 36 (1976): 95-130; J. Comblin, Situação histórica do catolicismo no Brasil, in: REB 26 (1966): 574-601; id., Para uma tipologia do catolicismo no Brasil, in: REB 28 (1968): 46-73; E. Hoornaert, Formação do catolicismo brasileiro, Petrópolis, Vozes, 1974.
4. K. Gabriel, Christentum zwischen Tradition und Postmoderne, Freiburg, Herder, 1992.
5. G. Gusdorf, A agonia da nossa civilização. São Paulo, Convívio, 1978; O. Ianni, O encantamento do mundo, in: Religião e Sociedade 1986, março, n. 13/1; L. Kolakowiski, A revanche do sagrado na cultura profana, in: Religião e Sociedade 1977 n. 1, 153-162.
6. M. de França Miranda, A configuração do cristianismo num contexto plurirreligioso, in: Perspectiva Teológica 26 (1994): 373-387.
7. M. Amaladoss, The Pluralism of Religions and the Significance of Christ, in: id. Making all things new. Mission in Dialogue (Jesuit theological forum reflections XI / 4), Anand (India), 1990, 242-268; M. Amaladoss, Dialogue and Mission: Conflict or Convergence, in: id. o. cit. 179-207.
8. C. Brandão: O trabalho de saber, FTD, SP, 1990.
9. M. de Carvalho Azevedo, Comunidades eclesiais de base e inculturação da fé, Loyola, São Paulo, 1986, 321.
10. J.C. Scannone: Evangelización, cultura y teología. Buenos Aires: Guadalupe, 1990, 95.
11. M.A. de Oliveira, A dinâmica atual da cultura brasileira e os desafios da evangelização, in: Convergência 25 (1990): 304-318; M.A. de Oliveira, A questão de fundo de uma educação libertadora, in: Revista de Educação AEC 18 (1989) n. 71, 15-27. M. A. de Oliveira, Cultura: uma abordagem hermenêutico-prática, em: Vários, Santo Domingo. Ensaios teológico-pastorais, Petrópolis, Vozes-Soter-Ameríndia, 1993, 145-165.
12. E. Fromm, O medo à liberdade, Rio, Zahar, 1974; L. A. Monnerat Celes, A Análise dos mecanismos de fuga, in: Id., Formação da Consciência Crítica, 3. Subsídios psicopedagógicos, Petrópolis, Vozes, 31982, 21-57.
13. Chico Whitaker, Rede: estrutura alternativa e organização, em: Procurando entender n. 14, mimeo, São Paulo, 1993; id., Hora de mudar, em: Vida Pastoral 30 (1989) n. 147, 23-47.
14. Zilá Bernd, O que é negritude? Col. Primeiros Passos 209, São Paulo, Brasiliense, 1988.
15. CNBB, Ouvi o clamor deste povo. Manual da Campanha da Fraternidade de 1988. CNBB. Brasília, 1988.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL DO TEXTO OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Tradicionalmente a Igreja católica resistiu, de modo extremamente eficiente, durante largo período, às pressões da modernidade cada vez mais subjetivista e dominada pela racionalidade instrumental secularizante, com um arcabouço religioso fundado em três estruturas básicas: uma visão de mundo compacta, subordinando a vida terrestre à vida eterna; instituições fortes e enquadradoras de seus membros e, finalmente, uma marcante ritualização do cotidiano. A vida religiosa apresenta muitas destas marcas, que impedem uma presença pascal mais ousada no mundo. O que se percebe em seu grupo?

2. A reflexão teológica já chegou ao consenso de que o evangelho salvador de Deus não se esgota na identidade católica, mas se manifesta nas diversas tradições religiosas e pode assumir formas plurais. Daí a pergunta natural a cada um de nós: como evangelizar com a forma católica ocidental este universo não-ocidental?

3. O verdadeiro caminho do evangelho nas e pelas culturas se mede pelas pegadas de vida que imprime e pela esperança que suscita. Dito de maneira negativa, as estradas da dominação e do poder, que semeiam morte e desespero, não deixam passar o Evangelho, antes desviam-no de sua verdade primeira e primigênia. Retome esta frase do autor e procure reler seu trabalho de evangelização à sua luz.

FORMAÇÃO INICIAL ILUSTRAÇÃO DE UM PROJETO CONCRETO

Fr. Paulo Gollarte, O. Carm.*
São Paulo – SP

A profundidade da formação religiosa deve levar ao surgimento de atitudes. Mais importante que vestir um hábito religioso é revestir-se de hábitos interiores. Trata-se de internalizar valores, suscitar pertença ou membresia.

As organizações são unidades sociais em vista de escopos específicos. Estes são três: cultural, econômico e disciplinar. Indústrias são exemplos de organizações econômicas ou utilitárias. Reformatórios, hospitais de doenças mentais e prisões se incluem entre as organizações disciplinares ou de manutenção da ordem. Organizações culturais são as que cultivam conhecimentos intelectuais, convicções religiosas, valores morais e talentos estéticos dos seus membros.

Cada um possui seus próprios meios de pressão ou persuasão, com seus conseqüentes engajamentos. Podemos resumir isso no seguinte quadro:

OBJETIVO	MEIOS DE PRESSÃO	ENGAJAMENTO
Cultural	pressão moral	engajamento moral
Econômico	retribuição material	engajamento calculista
Disciplinar	coação física	alienação: não resistência

Nós nos limitaremos, no presente estudo, às organizações culturais, às quais pertencem as instituições religiosas e, portanto, a formação inicial também. As razões por que as organizações culturais empregam prioritariamente o poder moral são as seguintes:

— A realização dos objetivos culturais requer dedicação positiva e intensa da pessoa a este escopo.

— A dedicação aos objetivos culturais se cria especialmente pela ligação e identificação com os líderes das organizações culturais.

— O vínculo com os líderes nasce mediante a autoridade moral.

A profundidade da formação religiosa como educação em geral deve levar ao surgimento de atitudes, não apenas de hábitos exteriores de comportamento. Mais importante que vestir um hábito religioso é revestir-se de hábitos interiores. Trata-se

O autor: *Fr. Paulo Gollarte*, o. carm. doutor em Ciências Sociais pela Universidade Gregoriana (Roma), é professor do Instituto de Teologia Pio XI (SP).

de internalizar valores, suscitar a pertença ou membresia[1].

O fato largamente experimentado do crescente abandono dos Institutos Religiosos ou a fraca qualidade de adesão de seus membros pode ser explicado na chave do conceito psicossociológico da pertença ou membresia. Sem pretender apresentar uma solução reducionista, é nossa intenção fornecer um subsídio para maiores reflexões. É evidente que existem diversos aspectos a serem considerados, a começar do contexto sobrenatural, que é o ponto principal de referência na gênese da vida religiosa. O que não invalida nem exclui a vantagem da análise da dimensão empírica.

1. PROBLEMÁTICA

A pertença pode ser definida como um sistema durável de sentimentos que determina a orientação favorável ou desfavorável de alguém perante uma certa realidade[2].

Os elementos principais da pertença são:

a) O elemento perceptivo ou cognitivo: ideologia, crenças, opiniões, juízos e história do grupo. Enfim, a dimensão intelectual.

b) O elemento do sentimento: aspectos emotivos que conduzem à adesão ou perseverança, enquanto agradáveis; ou que levam ao abandono, enquanto desagradáveis. É o aspecto não racional: situa-se na linha do "sentir".

c) O elemento da tendência à ação: a prontidão para agir a favor ou contra. Mais do que ação propriamente dita, é o estímulo, o impulso para expressão na prática. É a dimensão operativa.

O peso do elemento perceptivo, em geral, é bastante comum durante os anos do estudantado. Tudo é submetido ao seu crivo. Sente-se sobretudo durante a formação filosófica. Só o racional é válido e tudo é submetido a um rigoroso senso crítico. Às vezes, o aspecto sobrenatural ou místico da vida religiosa é visto como algo de ingênuo ou puramente devocional. A atitude se exprime de modo racional, frio, calculista.

Quando prevalece o sentimento, porém, a atitude leva uma forte tônica de emotividade. Tem de alimentar-se de euforia.

A dominância da ação constrói uma atitude moldada na eficiência.

A pertença a um Instituto Religioso, no decurso da formação, deveria trabalhar com o equilíbrio dos três elementos.

Por outro lado, não podemos ignorar a influência do elemento perceptivo durante a formação inicial. Podemos comparar o espaço reservado aos estudos com o tempo ocupado pela vida profissional na vida do trabalhador. A tendência é, pelo menos na prática, o religioso identificar-se mais como estudante, o que por si ainda lhe confere um status vantajoso perante a sociedade. O valor intelectual passa a ser o critério de avaliação de todas as atividades. O senso crítico, no sentido de rigor de julgamento, se estende à vida religiosa, comunitária, exercícios de apostolado etc. Cria-se uma defasagem entre a informação escolar e a formação religiosa, em detrimento desta. O problema é agravado pela tendência atual, e muito justa, de se oferecer uma empostação pastoral aos estudos escolásticos, aproximá-los da vida cotidiana. Tudo é idealizado em termos de modelos teóricos bem arrumados, ao menos nos escritos.

Omite-se uma dialética entre a teoria e a prática em favor de uma mitização das idéias com aplicação categórico-dedutiva à realidade. Como a afirmação de que a carne é nutritiva, portanto deve ser o alimento do coelho, mesmo que ele não a

aceite. A solução é mudar o gosto ou o estômago do coelho[3]. Não importa que ele venha a definhar. O exemplo é exagerado, mas pretende apenas ilustrar de maneira humorística. Nisso tudo, o importante é salvar a receita.

Pode acontecer, e por vezes acontece, que alguns religiosos sintam a deficiência de sua socialização no sentido mais amplo do termo, em relação com o progresso evidente nos estudos, os quais têm uma referência concreta de aproveitamento nas avaliações e passagem para um nível superior. E acabam fazendo destes um pretexto ou mecanismo de defesa diante da formação formal da vida religiosa, desculpando-se com falta de tempo, necessidade de complementações de estudo ou maior empenho na atividade intelectual. No fundo, trata-se da falta de adequação entre as necessidades pessoais do formando e o conteúdo que lhe é oferecido pelo Instituto.

É muito comum um desgaste no ímpeto aprendido na iniciação da vida religiosa, principalmente no noviciado, ou no entusiasmo do ingresso. Não faltarão desculpas para dispensa das obrigações da vida comunitária ou das ocasiões de aprendizagem formal da vida religiosa. Com o tempo, são mais estudantes com a retaguarda de sustento da instituição religiosa, passando à condição de associados ao invés de membros. Ficarão na periferia em relação à pertença, porém se pronunciarão a respeito de todo o andamento interno e externo do Instituto sem o elã de assumir as responsabilidades. Em resumo, a vida religiosa acaba bem definhada diante de um gigantismo dos estudos e da ação pastoral. Isto deve levar Superiores e Formadores a pensar seriamente naquilo que em consciência lhes compete, pois o ambiente por si só não é suficiente para transmitir automaticamente uma formação.

O resultado é a ambigüidade da situação do formando: é apenas um matriculado no Instituto Religioso ou é um membro seu? Para alguns, a presença é mais nominal do que efetiva, com a conseqüente incidência no compromisso religioso e na qualificação do Instituto, além da instrumentalização do mesmo da parte de alguns dos seus integrantes em seu interesse particular.

A interação dos formandos dos vários Institutos foi uma grande aquisição do pós-Concílio. Mas, em nome de uma vida religiosa genérica, pode ocorrer que a espécie se dilua no gênero, com prejuízo de engajamentos concretos com o próprio Instituto. O carisma específico pode perder sua força de identificação, sem por isso cair em exclusivismos.

O diálogo intercongregacional é muito fecundo, desde que cada um esteja consciente de sua própria identidade: tem o que receber e tem o que oferecer. Do contrário desaparecem as fronteiras, não enquanto barreiras mas delimitações, e não se pode observar mais os pontos de contato, com o empobrecimento de ambas as partes. O ponto de referência da vida religiosa passa a encontrar-se fora do próprio Instituto, em nome de uma vida religiosa descomprometida concretamente. "Quando um Instituto participa num centro intercongregacional, deve haver uma **complementaridade** (o grifo é nosso) entre a comunidade de formação e o centro, em vista de uma formação harmônica e integral". Há poucos anos, a Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica prometera publicar um documento sobre as diretrizes em vista da colaboração intercongregacional no campo da formação[4].

Pode-se falar de uma crise dos formadores. São eles mesmos que o confessam[5]. No entanto, a importância deles é vital pelo significado de sua pessoa. Daí ser mais grave o traço de insegurança pela profundidade de repercussão nos formandos. O centro de estudos de filosofia e teologia é

relevante, porém não substitui a casa de formação. Sua influência é grande e inevitável no padrão de pensamento e de conduta, mas é parcial em relação ao aluno no que tange à formação. A casa religiosa é ou deve ser uma "instituição total", isto é, estende-se praticamente a todas as esferas da vida do religioso: é a sua casa, como um lar para a família. O efeito se faz sentir na elaboração das atitudes, isto é, disposições para agir desta ou daquela maneira. É ali que se adquire o espírito peculiar do Instituto e nele se cresce[6].

Como um chefe de família, o Superior ou o responsável tem em suas mãos a coordenação da comunidade. Além de uma razão de disciplina, é da sua competência promover a assimilação dos valores e do carisma. Mais que submissão à autoridade, é mister que haja da parte dos seus formandos a apreciação de certas qualidades no formador. Além do indispensável vínculo afetivo, durante o processo de formação, é de grande prestígio o nível intelectual, como capacidade de acompanhar as questões escolares e abertura para compreender suas implicações na vida do aluno[7]. Isso poderá ser feito pelo formador pessoalmente ou por um confrade habilitado para tal. Sem dúvida alguma, o conteúdo de formação deve estar à altura da informação obtida mediante diferentes graus de estudo.

Em razão do pluralismo de interpretação da vida religiosa "ad intra" (no âmbito do próprio Instituto) e "ad extra" (na concepção geral), como também das interpelações em vista da inculturação, a falta de um projeto e desmoronamento das antigas estruturas, uma característica freqüente nos formadores é a insegurança. Sentem-se inseguros perante os formandos no exercício de sua autoridade, na capacidade de agir e na aceitação por parte dos jovens, uma vez que nem sempre se configuram ao modelo que se imagina a seu respeito. Sentem-se inquietos diante do Instituto, que vive a preocupação da sobrevivência e exige quantidade e qualidade. Sentem-se hesitantes em sua consciência porque percebem a carência própria de recursos e de pedagogia adequada, no dizer deles mesmos[8].

Não é esta a situação igualmente em todos os níveis da formação. No noviciado, em razão de uma vida mais reclusa e dedicada à iniciação da vida religiosa, o mestre é visto como um chefe de família de jovens-adultos. Mas durante a preparação para os votos perpétuos e ordenação sacerdotal, os formandos procuram a autonomia, contestam, têm uma massa de informações que lhes permitem racionalizar. Ao mesmo tempo, porém, estão à busca de ajuda pedagógica e acolhimento por sua natural imaturidade e inexperiência. Em muitos casos, são levados a crer mais nos companheiros e se confiam mais a eles do que aos formadores. Compartilham os problemas sem ulterior aprofundamento, adiando-lhes a solução e criando para o momento uma tranqüilidade superficial. A direção espiritual vem substituída pela confidência, e até mesmo o recurso à confissão sacramental. Deste modo os formadores se sentem rejeitados ou ao menos marginalizados. A formação torna-se, portanto, um sacrifício ao invés de um trabalho gratificante. Sempre há uma válvula de escape: o subterfúgio da utilização do "laissez-faire" com a alegação de que os formandos já são maiores de idade e, portanto, responsáveis pela sua maneira de conduzir-se.

Portanto é urgente um programa concreto de formação por questão de honestidade em relação ao propósito de quem vem bater à nossa porta, para o transcurso de uma vida sadia e equilibrada, não obstante a inquietação natural própria da formação e para a apresentação de uma clara identidade de proposta do Instituto.

Vejo esta problemática toda mais como um desafio a ser enfrentado com empenho, mas sem angústias.

O primeiro ponto é ter nítido o que desejamos atingir na formação, não como produto final, mas como dinâmica a ser posta em ação. Como levar os nossos formandos, no meio de tantas solicitações até contraditórias, a um sentido de pertença a um determinado Instituto, oferecer-lhes argumentos por que vale a pena ser religioso, mais do que isso, ser membro de uma Família religiosa? Que esta possui de específico no seio da Igreja? Afinal, já não repousar sobre razões de um passado glorioso ou perder-se nas tentativas fluidas de adaptar-se ao momento com a pretensão de que nossa entidade religiosa é atualizada ou já o foi, antecipando no tempo uma resposta ao problema que agora se abre. Portanto sem fixação no passado, mas procurando extrair proveito da nossa herança, no conceito da comunidade de Mateus; sem espírito aventureiro ou arrivista de sustentar a bandeira de modismos, passando assim por oportunistas.

PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO

Como nasce a atitude de pertença? A adesão a um grupo ocorre por conversão, educação e instrução religiosa. O resultado é duplo: a integração dos valores em nível pessoal e na estrutura da instituição. Esta é a explicação comumente aceita para explicar a adesão à Igreja por parte dos fiéis. Vamos adaptá-la, de modo mais particular, ao Instituto Religioso enquanto comporta uma segunda socialização de ordem religiosa[9].

A **conversão** significa reescrever a própria biografia. É um trabalho de ascese. O ajustamento ao novo corpo não significa apenas adquirir algo de novo, mas também abandonar tudo que não seja compatível com a condição assumida. A passagem implica renúncia ao oposto como também ao não conveniente com o novo estado de vida. A simultaneidade do antigo e do novo pode criar conflitos internos e externos. Por outro lado, a transição pode seguir um ritmo lento ou não. A opção por um outro estilo de vida requer tempo, uma vez que provoca um transtorno de antigos valores, hábitos e também esquemas mentais. Cumpre promover e observar o andamento da mudança. Mais do que uma escolha somente, trata-se de uma preferência, isto é, opção por alguma coisa melhor em relação ao que se deixa. Pode, talvez, parecer estranho que se insista no diferente da vida religiosa, contudo um fator negativo para suscitar a pertença ou motivá-la é a "mundanização" do Instituto religioso: uma inserção tal no mundo, a ponto de não conseguir estabelecer mais uma certa posição dialética com o mesmo, ou uma absorção completa na cultura local e nacional e a perda de sua caracterização[10].

O sentimento de pertença é também cultivado pela **educação** e pela formação permanente. É uma herança dos pais. A base da vida religiosa é o batismo, mas vivido de uma certa maneira: a radicalidade. Os *Lineamenta* para o Sínodo dos Bispos utilizou o termo "vida consagrada" para a vida religiosa (n.5), que é a definição canônica (CDC cân. 573). Há, porém, quem conteste tal caracterização porquanto o batismo é o ato constitutivo da "consagração" cristã. Daí não seria uma designação suficiente para especificar a vida religiosa enquanto uma opção de vida[11]. Sem entrar em maior discussão, o certo é que a Igreja, mediante o ingresso em um Instituto, se torna muito mais próxima: trata-se agora de devotar-se a ela em tempo pleno. Vai comportar daí em diante o compromisso, a execução das tarefas solicitadas de todo membro, brotando assim uma outra prioridade de vida: a Família religiosa. Por isso se diz que é uma segunda socialização

religiosa, bem mais ampla que a recebida na família de sangue. Exige-se um grande esforço calculado para estabelecer a unidade de pensamento, de sentimentos e de ação dos formandos com a totalidade dos membros do Instituto religioso. Estes se fazem representar continuamente pela equipe dos formadores e não só por um encarregado da missão. Não basta apresentar aos formandos um gênero de religioso, uma vez que há uma gama relativamente grande de vivência do mesmo ideal ou carisma, sobretudo quando se expressa pela missão apostólica. A educação acontece de modo preponderante pelos contatos, pela partilha, pela convivência. A quantidade de socialização dependerá naturalmente da diferença da vida dos religiosos em relação à vida dos cristãos fiéis. Mais fácil é a passagem a um estilo de vida religiosa de um jovem rural do que urbano. Quem provém de uma cidade grande e ali se criou deve passar por uma "revolução cultural" a fim de adquirir as disposições exigidas por uma vida religiosa. Surgem os questionamentos. Não é necessária a determinação de etapas intermediárias?[12]. O jovem urbano encontrará ambiente que lhe permita a sua transição? A falta desse mesmo ambiente não acabará estreitando o potencial de candidatos ou contribuindo para a perda de um razoável contingente?

O **ensino** vem aperfeiçoar a integração psicossocial e espiritual do formando à comunidade religiosa. Os membros de um Instituto religioso não só agem de maneira similar, mas pensam assim também. A distinção entre modelo de pensamento e de comportamento é teórica. Este é um campo primordial e de grande responsabilidade na vida religiosa. Se não há uma provocação na proposta, como se dará chance de uma resposta? "A formação requer períodos de tempos adequados e um programa orgânico, completo, exigente, estimulante, aberto e claramente inspirado na norma das normas da vida religiosa, qual é o seguimento de Cristo, e no carisma do Fundador"[13].

Não nos falta, com certeza, uma grande massa de conhecimentos a serem transmitidos, no entanto é mister que haja uma pedagogia efetiva acompanhando o ensino religioso de modo a levar a uma internalização das motivações religiosas. Os conhecimentos devem ser distribuídos pelos vários níveis de seu conteúdo, pondo-se a par do progresso do estudo de filosofia e teologia. Portanto em maneira catecumenal, levando em conta também os temas da formação escolástica. Não se pode viver exclusivamente ou quase na base aprendida no noviciado e ocupando o tempo com debates de questões suscitadas pelo momento histórico, como se a espiritualidade do Instituto, a sua relação com a pessoa de Cristo, a sua função na Igreja, a sua história já estivessem esgotadas e fossem plenamente conhecidas. São estas questões que constituem o alicerce de consenso dos membros de um mesmo Instituto, despertam a coesão enquanto resistência à desagregação, e a solidariedade enquanto disponibilidade à ação em comum.

A participação na espiritualidade comum gerará o resultado em religiosos depositários, cultivadores e garantidores da mesma ao longo dos tempos.

Quem são os **formadores** ou agentes do processo da socialização? Teoricamente todo o Instituto religioso. De modo particular, algumas pessoas mais próximas aos formandos: mestres, diretores, professores, diretor espiritual. O importante não é a uniformidade entre eles, mas a unidade. A unanimidade se faz indispensável no reconhecimento de um núcleo irrenunciável na formação. É uma verdade que os formandos são protagonistas da sua formação também. Mister se faz, porém, esclarecer os conceitos: protagonismo e participação. "O discurso dos junioristas, sobre este assunto (formação), oscila entre o mundo do imagi-

nário e o do real, entre o desejo frustrado e a esperança, de acordo com o tipo de pessoa que quer ser tratada com maior dependência ou mais independência e participação". Há posicionamentos categóricos, como o daquele formando que afirma sem mais: "A formação, hoje, é autoformação"[14]. Isto não elimina, mas exige o envolvimento do formando no desenvolvimento do conteúdo da formação, além da necessidade de um "feed-back" para avaliar o grau de assimilação e não só de aprendizagem de noções.

UM PROGRAMA CONCRETO

Sua elaboração se deve, há alguns anos, a uma equipe de frades carmelitas interessados na formação religiosa.

A dominante deste processo é o "caminho" no sentido neotestamentário (At 9,2), correspondendo à tradição carmelita da "peregrinação a Jerusalém".

1. As três etapas

1. Etapa preparatória (postulado ou pré-noviciado)
2. Etapa básica (noviciado)
3. Etapa de aprofundamento:
   * Após o noviciado até o compromisso definitivo
   * Formação em vista do ministério escolhido.

2. Objetivo comum em todas as três etapas

1. Três traços comuns que devem impregnar tudo:
   * O sentido de Deus
   * O sentido de fraternidade
   * O sentido da diaconia-justiça
2. Formulando em outras palavras
   * contemplação
   * fraterna
   * no meio do povo
3. Os três fatores — Deus, o irmão e a realidade do povo — são interagentes e dinâmicos. Deve ficar claro no projeto formativo que contemplação, fraternidade e diaconia-justiça não constituem momentos ou aspectos particulares estanques, mas são atitudes existenciais interagentes e unificadas por um núcleo essencial e irrenunciável, ou seja, o contínuo e progressivo esvaziamento de si mesmo, de todas as seguranças humanas, materiais, ideológicas e espirituais ("fazer deserto"), enquanto Deus atua em primeiro lugar no "nada" fundamental da pessoa até transformá-la nele, isto é, naquilo que Deus é por natureza: o amor.

3. A primeira etapa – Etapa preparatória

1. Abrange o tempo do Seminário Menor e postulado
2. A palavra-chave é disponibilidade, discernir e dispor-se.
3. Objetivo:

1. O candidato deve ser esclarecido sobre os conceitos básicos e o processo unificante sobre os três valores de que se falou na definição do carisma do carmelita:
   * Dimensão contemplativa
   * Fraternidade
   * Diaconia, Justiça

2. Avaliação com o candidato da sua disponibilidade de crescer nestes pontos, a saber, mediante um trabalho de discernimento, conhecendo melhor as aptidões do candidato e ajudando-o no autoconhecimento, com recurso a testes psicológicos, se for o caso. Cumpre encontrar no candidato predisposições e atitudes a serem desenvolvidas.

Em particular:
* Afinidade com o carisma carmelitano, demonstrada no gosto pela ora-

ção, na escuta da Palavra, no serviço fraterno e na devoção mariana.

* Sensibilidade e solidariedade para com os pobres, humildes e sofredores, os injustiçados e marginalizados.
* Vivência eclesial por meio da participação litúrgica e pastoral, na linha e na perspectiva de uma Igreja em renovação.
* Disponibilidade para participar e viver em comunhão mediante relacionamentos fraternos, com exclusão de atitudes de guetos e com espírito de serviço.
* Possibilidade real e crescimento no equilíbrio emocional-afetivo, com especial atenção às motivações de fundo.
* Capacidade de perceber, avaliar e exprimir-se sobre pessoas, coisas e situações de modo objetivo e articulado.

3. Favorecer o conhecimento do Carmelo e da Família Carmelitana e da sua mensagem para hoje, por uma vivência dos três valores (contemplação, fraternidade, diaconia-justiça), tendo como modelo duas figuras básicas próprias da devoção carmelita:

1. Elias
2. Maria

4. A segunda etapa – Etapa básica

1. Concerne o noviciado

2. A palavra-chave é opção-decidir-se

3. Objetivo:

1. O candidato deve fazer a opção por estes três valores na forma concreta de vida religiosa tal como esta é vivida na Ordem do Carmo:

* pelo início de vivência do projeto concreto de Vida Religiosa da Ordem:
* pelo estudo da Regra Carmelitana:
* pelo estudo de como o grupo das primeiras gerações viveu estes três valores e como viveu a inspiração eliano-mariana.

2. Juízo sobre a capacidade de cada candidato (noviço) de viver o projeto de Vida Religiosa Carmelitana (= Admissão à primeira Profissão).

4. Quanto ao sentido de Deus:

1. uma iniciação à oração litúrgica e à Lectio Divina;

2. uma iniciação à oração individual (com sugestão de métodos);

3. uma iniciação à compreensão dos votos ligados à Igreja, ao sentido de Deus, à fraternidade e à realidade.

5. Quanto à fraternidade:

1. promover uma integração humana do grupo;

2. ajudar o grupo a criar um bom relacionamento interpessoal;

3. fazer com que o grupo possa participar como tal (por uma atuação gradual) no processo formativo;

4. atitude de diálogo, de escuta e de acolhida dos outros.

5. Em uma palavra: aprendizagem da vida comunitária em todos os seus aspectos e com todas as suas exigências.

6. Quanto ao sentido da diaconia e da justiça:

1. alcançar um quadro de referência nacional e mundial (Igreja e sociedade);

2. critérios de leitura da realidade:

3. contato progressivo com o povo:

4. elementos de análise da realidade.

7. Levar em conta sobretudo a interação dos três valores.

5. A terceira etapa – Etapa de aprofundamento

1. Abrange o tempo que se segue ao noviciado e é subdivido em duas etapas:

1. Depois do noviciado até a profissão perpétua.

2. A formação em vista do ministério escolhido.

2. A palavra-chave é vivência — viver de fato —, consolidar e integrar a vida em sua totalidade, continuar a aprofundar a experiência vital, pessoal e comunitária criando uma síntese integradora centrada na Pessoa de Cristo.

3. Após o noviciado até a Profissão perpétua:

1. Costuma ser a época do estudo da filosofia.

2. Objetivo: a vivência do projeto carmelitano e seu aprofundamento, de modo particular, intelectual e criticamente.

3. O aprofundamento intelectual: conhecimento da história e da situação atual da Ordem (frades, monjas, irmãs e leigos):

* mediante e em torno das grandes figuras e nos textos:
* em forma de estudo crítico: estudar o contexto da época e sua evolução; a resposta que os/as carmelitas deram; utilizar textos; tentar a mesma fidelidade hoje de maneira dinâmica.

4. Estudar o Carmelo Brasileiro desde sua origem e em toda a sua amplitude (Família Carmelitana: frades, monjas, irmãs, leigos, devoção mariana): conhecer o passado, ter noção do presente e assim intuir as possibilidades reais para o futuro.

5. A vivência: uma vez que, neste período, a ocupação principal dos formandos é com o estudo da filosofia, deve haver momentos fortes de espiritualidade, em nível pessoal e comunitário.

4. Depois da Profissão perpétua e em vista do ministério escolhido:

1. É a época do estudo da teologia, em geral, e também quando a atividade pastoral é maior e mais intensa.

2. Objetivo: a vivência do projeto carmelitano e aprofundamento no setor da mística.

3. Para isso:

* Conhecer a mística dos vários autores carmelitas.
* Iniciar-se nos métodos hoje: pastoral, exercícios de oração, exercícios espirituais etc.
* Despertar a criatividade.
* Adquirir critério de discernimento dos espíritos diante da multiplicidade de Movimentos de espiritualidade hoje existentes.
* Favorecer o estudo e a vivência de uma espiritualidade, como fundamento da Teologia da Libertação, com raízes tanto na tradição espiritual do povo como na tradição espiritual da Igreja, particularmente dos místicos da Ordem.
* Neste período, cada religioso escolha um tema da sua preferência para aprofundar (em nível de estudo, vivência e missão), e em torno do qual ele vai elaborando uma síntese pessoal e vivencial.

6. Outras observações – Traços comuns

1. Três passos da caminhada ou da escalada em cada uma das etapas:
   1. situar-se
   2. levantar-se
   3. caminhar e subir

2. Com relação ao método:

1. O método compreende os seguintes aspectos dialéticos: informação (ver), reflexão (julgar) e ação (agir).

2. Achar um processo gradual de envolvimento pessoal e comunitário, ativo e responsável dos candidatos em sua formação e promover uma partilha vivencial.

3. Seguir com um acompanhamento de perto, pessoal e personalizante, os formandos.

3. Celebrar a escalada: cada etapa encerra-se com uma celebração:

1. No fim da etapa da preparação: celebra-se a renovação do batismo.

2. No fim do noviciado: a primeira profissão.

3. No fim da segunda etapa: a profissão perpétua.

4. No fim da caminhada: a ordenação sacerdotal ou renovação da crisma.

NOTAS

1. Etzioni, A. , A comparative analysis of complex organization, New York, The Free Press of Glencoe, 1961.
2. Pode-se encontrar uma vasta bibliografia sobre o fenômeno da pertença religiosa, em geral, em Carrier, Hervé, S.J., Psycho-Sociologie de L'appartenance religieuse, Rome, Presses de l'Université Grégorienne, 1960.
3. Lima, Lauro de Oliveira, Treinamento em dinâmica de grupo no lar, na empresa, na escola, Petrópolis, Vozes, 1969, pp. 88-89.
4. Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, Orientações sobre a formação nos Institutos Religiosos, São Paulo, Ed. Loyola, 1990, n. 99-100.
5. Lapenta, Pe. Victor Hugo Silveira, CssR., Juniorato: Estruturas e dinamismos, em O juniorato - Reflexões em torno de uma pesquisa, Rio de Janeiro, CRB, 1990, pp.7-8.
6. De Bont, W., The components of the noviciate. Introduction to an enquiry, em Social Compass, XIII/ 5-6, 1966, p. 407.
7. De Bont, W., Ibd, pp. 402-403.
8. Lapenta, Pe. Victor Hugo Silveira, CssR, Ibd., p.7.
9. Carrier, Hervé, S.J., op. cit., pp. 53-148.
10. Scarvaglieri, Giuseppe, L'appartenenza agli Istituti religiosi, em Vita Consacrata, maggio 1973, p. 425.
11. Militello, Cettina, La difficile identità, em Vita Pastorale, febbraio 1994, p. 97.
12. Comblin, Pe. José, Alguns desafios da cidade aos religiosos, em Convergência, setembro 1994, p. 421.
13. João Paulo II aos religiosos do Brasil, 2. 7. 1986, em L'Osservatore Romano, 3.2.86, n.5., p.3 (369).
14. Losada, Pe. Manuel, OM., Dimensão humana da formação dos junioristas no Brasil hoje, em O juniorato - Reflexões em torno de uma pesquisa, Rio de Janeiro, CRB, 1990, p. 22.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL DO TEXTO OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. A pertença pode ser definida como um sistema durável de sentimentos que determina a orientação favorável ou desfavorável de alguém perante uma certa realidade. Três elementos são constitutivos do processo de pertença: perceptivo, sentimental e estímulo à ação. Releia o que o autor escreve a respeito e procure verificar o que foi mais decisivo no seu processo formativo.
2. A interação dos formandos e formandas de vários institutos foi uma grande aquisição do pós-Concílio, em encontros de tipo Novinter, Postulinter etc. Mas, em nome de uma vida religiosa genérica, pode ocorrer que a espécie se dilua no gênero, com prejuízo de engajamentos concretos com o próprio Instituto. O carisma específico pode perder sua força de identificação por uma pertença de caráter vago. O que você ou seu grupo pensam desta afirmação do autor?
3. O processo de pertença supõe conversão, educação e instrução religiosa. Releia o que o autor expõe sobre estes três momentos. Qual lhe pareceria ser mais urgente trabalhar com os formandos e formandas de seu grupo religioso? Qual o que apresentaria mais resistência à mudança?

O SÍNODO NA VISÃO DOS JESUÍTAS

P. Peter Hans Kolvenbach sj
Roma – Itália

Se por desgraça, não se encontrassem mais pessoas dispostas a ser castas, pobres e obedientes no seguinte de Cristo, a causa do Deus Santo correria perigo de morte neste mundo.

Durante este ano aconteceram dois Sínodos da Igreja universal. O primeiro teve como tema "África", o continente da esperança. Foi muito vivo, incisivo, comprometido, realista, marcado pelo feliz acontecimento do fim da discriminação racial na África do Sul e pela desumana catástrofe acontecida nesse país católico chamado Ruanda. Os Bispos, num primeiro momento, silenciosos e intimidados pelo ambiente romano, logo tomaram as rédeas, falaram abertamente de como é a sua vida nas Igrejas que o Senhor lhes confiou e colocaram logo sobre a mesa toda uma série de problemas pastorais concretos que devem enfrentar diante da perspectiva de futuro da Igreja africana. Celebrava-se o Sínodo na Cidade Eterna. Mas o ambiente cheirava a África. Podíamos compartilhar com os Bispos, jovens e repletos de humor e senso comum, as esperanças e as angústias das Igrejas do Senhor residentes no continente africano.

Haja vista que todas essas Igrejas devem a sua origem a institutos religiosos, o Sínodo da África agradeceu os benefícios recebidos dos religiosos e religiosas. Mas ao mesmo tempo pediu que agora se prossiga, rumo a uma mais generosa cooperação com as Dioceses e a uma mais exigente inculturação, a fim de que a vida consagrada se encaminhe no seguimento de Cristo com rosto africano. As luzes e sombras do compromisso missionário da vida consagrada foram expostas aberta e claramente. Foram apresentadas propostas concretas para o futuro. Entre estas merece destaque um pedido formulado aos Bispos: frear a proliferação de novas congregações diocesanas. Desde o começo, o Sínodo da África mergulhou simultaneamente na realidade mais real e nas perspectivas do Senhor "que vem" a esse continente jovem, embora atormentado.

Não se podia esperar a mesma coisa do Sínodo da Vida Consagrada. Não poderia ter esse jeito espontâneo e direto, comprometido e concreto. O clima, sem dúvida, foi aberto e sereno. O relacionamento entre os Padres sinodais foi fraterno e cordial. O trabalho realizado foi sério e interessante.

A presença do Santo Padre em todas as sessões frisou a importância do empre-

O autor: *Pe. Peter-Hans Kolvenbach*, holandês, é geral dos Jesuítas.

endimento. O número bastante elevado de religiosas que, além disso, gozavam de um direito novo, o de falar, contribuiu muito para alcançar uma percepção justa e completa da vida consagrada hoje. Não esqueçamos também a preparação prévia do Sínodo, bastante satisfatória a julgar pela boa acolhida que teve, em geral, o "Instrumentum Laboris". Para isso cooperaram toda uma série de reuniões pré-sinodais, sobretudo as organizadas pela União de Superiores Gerais e pela União de Superioras Gerais. A que se deve, então, esta impressão de um Sínodo um tanto idealista, um tanto desencarnado? Ousaria sugerir três circunstâncias que poderiam explicar a objetividade desta impressão.

Temos de reconhecer que a vida consagrada não abrange a totalidade da Igreja do Senhor. Ninguém duvida da contagiante vitalidade, a enorme intensidade qualitativa de tantas formas de vida consagrada. Mas a vida consagrada representa apenas uma minoria ínfima, por volta de 0,12% do conjunto eclesial. Os Bispos Sinodais mostravam-se muito capazes de apreciar essas testemunhas do chamado de Jesus Cristo, testemunhas de carne e osso, que são os homens e mulheres consagrados. Na sua grande maioria, os Bispos pertenciam a comunidades de vida religiosa; ou, pelo menos, tinham experiência da mesma como vigário episcopal ou membro de uma comissão mista da sua Igreja local ou particular. Porém, enquanto responsáveis de suas próprias dioceses, sabem perfeitamente que a vida consagrada, mesmo sendo uma parte vital, é apenas uma pequenina parte da sua Igreja.

Sabem também que o vínculo pessoal entre Bispo e vida consagrada não é suficiente: a Diocese não se reduz ao Bispo. O Bispo tem de contar com a presença e atividade articuladas de sacerdotes e leigos. Tem de atender ao conjunto pastoral da sua Diocese, responsabilidade que nenhuma forma de vida consagrada possui. A vida consagrada não encontra um lugar bem claro no complexo organograma de uma Diocese; embora, certamente, nunca fique fora. Ainda teríamos de aludir, em certos casos, a uma espécie de "narcisismo pastoral", campo de obrigado predomínio de sacerdotes e laicos. Conseqüentemente a vida consagrada será sempre para o Bispo uma realidade pastoral positivamente acolhida, mas de uso delicado e até incerto. Não pode pretender atrair a atenção e responsabilidade episcopais senão parcialmente.

Essa atenção, já parcial pelo motivo indicado, viu-se ainda mais limitada no Sínodo, por causa da intenção declarada de focalizar as luzes da vida consagrada e não as suas sombras. Já nas reuniões preparatórias de Superiores e Superioras Gerais tinha-se manifestado uma forte tendência a não remexer nos casos delicados e nas situações desagradáveis que aparecem freqüentemente nos nossos próprios Conselhos e Capítulos. A preterição da autocrítica pretendia tirar a justificativa a algumas críticas dirigidas contra a vida consagrada: concretamente a de ser responsável da grande diminuição de vocações por causa de suas atuais fraquezas e distorções; daí poderiam alguns concluir que seria preferível retomar a disciplina pré-conciliar ou dar por concluído o tempo de experiência ou de renovação, causa ou ocasião de tantas falhas e desistências. Pelo contrário, as Uniões de Superiores e Superioras Gerais desejavam que o Sínodo referendasse o êxodo da vida consagrada, incentivado pelo Espírito, em busca da sempre contínua renovação para prosseguir após as pegadas do Senhor por onde quer que tenha decidido nos conduzir na sua missão salvífica universal.

Uma forte autocrítica ser-nos-ia, sem dúvida, muito útil, enquanto consagrados, mas não à custa de desanimar-nos, de pa-

rar o necessário discernimento, de jogar-nos ao desespero a respeito do futuro da vida consagrada. Apesar dos explícitos e repetidos convites da presidência do Sínodo para não esquecer as sombras da vida consagrada, foram raras as críticas dos Padres sinodais, raras e escassas as passagens dos documentos finais nessa linha. Os Padres sinodais preferiram expressar o seu reconhecimento por tudo aquilo que a vida consagrada significa para a santidade e apostolicidade da Igreja; a sua confiança no Espírito, que continua a guiar e guardar aqueles e aquelas que chamou; a sua confirmação do horizonte de renovação traçado pelo Concílio; a sua convicção de que, apesar das notícias proclamadas por certos meios de comunicação, a luz supera em muito as trevas no claro-escuro real da vida consagrada. É significativo que a única frase de crítica presente na penúltima edição da "Mensagem" ao mundo (nestes últimos vinte e cinco anos a renovação "deu muitas voltas e o Sínodo ouviu descrições ora gozosas, ora penosas" da mesma) ficou cancelada na edição final. E que, nas propostas formuladas ao Santo Padre, o único parágrafo negativo frisava as desobediências relativas ao Magistério da Igreja (sobretudo em publicações).

É verdade que os poucos Padres sinodais críticos da vida consagrada expressaram-se às vezes até com violência: "que o religioso seja pelo menos católico praticante!"; "a vida religiosa encontra-se dominada por certas estruturas de pecado: a "terceira via" na castidade, a mediocridade aburguesada na pobreza; a luta pela igualdade na obediência".

Outros, desejosos de não ficar ancorados em um ambiente bucólico, ou melhor, platônico, estigmatizaram sobretudo a "dissensão" com o Magistério, o chamado "magistério paralelo", ou, mais exatamente e com maior freqüência, "pastoral paralela". A vida religiosa, a vida consagrada, pode ver-se submetida a tensões de certa duração (testemunho disto é a vida de tantos fundadores e fundadoras), mas jamais pode discordar do Magistério sem fazer de mentiroso ao Espírito, que a suscitou precisamente enquanto garante da fé de sua Igreja. O Sínodo plasmou esta idéia numa das propostas formuladas ao Santo Padre: na atividade pastoral deve predominar um autêntico "sentire cum ecclesia", sentir com a Igreja. A Igreja espera dos membros da vida consagrada, especialistas do Evangelho e especialistas da comunhão, tudo aquilo que possa contribuir para a comunhão no Espírito. A vida consagrada jamais poderá assumir como vocação ou como missão nada que venha a dividir ou separar o que Cristo uniu.

Estas foram algumas das sombras apontadas no Sínodo. Mas é preciso constatar novamente que o Sínodo preferiu apresentar o esplendor da vida consagrada à luz brilhante e plena do seu ideal mesmo com o risco de ficar idealista e pouco incisivo nas suas conclusões. Prova-o o tom da "Mensagem" final. Em vão se buscarão nela orientações concretas para seguir adiante. Toca a nós tomar consciência desta confiança e pôr mãos à obra para viver plenamente a nossa vocação e a nossa missão.

Mas qual vocação e qual missão? Tentar dizer algo e, sobretudo, algo novo foi a terceira fonte de dificuldades com que se enfrentou o Sínodo. Bastava um mínimo de perspicácia para peceber a coexistência de dois enfoques diferentes.

Por uma parte o enfoque dos representantes da vida consagrada em toda a sua diversidade: formas antigas e formas novas, institutos religiosos e institutos seculares, monjas e virgens consagradas, comunidades contemplativas e comunidades de vida apostólica, religiosos e religiosas, monges e clérigos regulares, cônegos e eremitas...; todos eles, em todo caso, bons

conhecedores de seu carisma e de seu patrimônio espiritual. Por outra parte o enfoque dos Padres sinodais que desejavam formular esse conjunto heterogêneo em conceitos claros e definidos — empresa nada fácil! Uma primeira dificuldade vinha do próprio título do Sínodo: "a vida consagrada". A vida religiosa pertence à vida consagrada; mas a vida consagrada ultrapassa o marco da vida religiosa. Além disso, já o "Instrumentum Laboris" abria uma fresta para a entrada de pessoas casadas que quisessem converter o seu lar numa forma original de viver os conselhos evangélicos, como consagrados. O Sínodo parece que fechou essa porta, mas não sem solicitar, ao mesmo tempo, um estudo vagaroso e profundo desse novo campo no qual parece que hoje paira o Espírito.

Em todo caso, como reduzir a um conceito, como plasmar numa definição essa desconcertante diversidade testemunhada pela vida consagrada impulsionada pelo Espírito? A vida consagrada é vivida antes de ser pensada e talvez até mais vivida que pensada. O Evangelho não a define. A Igreja, ao longo da sua rica história, não a concebeu "a priori"; acolhe-a como um novo dom do Espírito, chovido do alto. Os fundadores e fundadoras apresentam-se à Igreja para obterem o seu reconhecimento, como pessoas já plenamente formadas. Elas e eles provêm diretamente das aulas da escola do Espírito. E ainda hoje, no nosso tempo e diante dos nossos olhos, o Espírito não cessa de aumentar essa diversidade desconcertante. Alguns Padres sinodais convidavam a reconhecer a vida consagrada na sua forma plenamente inserida entre os pobres. Outros propunham a figura do "ashram", tão apreciada na Índia.

Outro propunha, inclusive, a possibilidade de os jovens se integrarem em um mosteiro com um compromisso por tempo limitado. Esta última proposta, bem conhecida nos mosteiros budistas, foi radicalmente rejeitada por outros, que argumentavam: uma aliança provisória só pode conceber-se quando se faz com um grupo humano, não quando se faz com Deus; aquele que foi "tocado" por Cristo até na sua condição carnal não pode voltar a vista atrás. Diante dos nossos próprios olhos continua borbulhando uma profusão copiosa suscitada pelo Espírito, semelhante (segundo um Padre sinodal) às nuvens do céu: estas vão tomando uma forma atrás da outra, mudam sem cessar; é inútil tentar fixar um mapa das nuvens. De maneira semelhante, é inútil pretender codificar todas as formas de vida consagrada, nascentes e renascentes, num estatuto canonicamente fixo. Neste espírito, consciente do seu desconhecimento preciso dos contornos da vida consagrada, o Sínodo preferiu discernir os anseios de abertura e balizar os novos caminhos.

Pediu aos monges que acreditem na sua missão, que abandonem o que a ela se opõe, que continuem abrindo as suas portas à mais larga hospitalidade, particularmente no marco do diálogo ecumênico e inter-religioso. O Sínodo sonha com comunidades contemplativas jovens plantadas em terras que ainda não conhecem a Cristo: uma vida consagrada limitada apenas ao serviço ativo não basta para anunciar existencialmente o Cristo todo. O Sínodo lembra às suas irmãs e irmãos que a sua condição de entrega aos conselhos evangélicos deve ser completa e, conseqüentemente, todo o seu trabalho apostólico deve tornar bem clara a radical razão de ser do seu compromisso: Cristo Jesus. Nos institutos onde clérigos e não-clérigos participam de uma mesma vocação e de uma mesma missão, todos devem ter aceso aos níveis de decisão. Aos institutos seculares o Sínodo solicita um esforço para esclarecer melhor a sua missão específica; e pede aos Bispos muito maior contato com eles, em vista também de uma maior publicidade. O Sínodo não assumiu a proposta dos

institutos seculares que pediam, por sua vez, que os institutos religiosos não recebessem associados, mas lhos enviassem. Para poder discernir aquilo que, numa nova forma de vida consagrada, provém ou não do Espírito, o Sínodo elaborou uma lista de critérios; mas, seguindo o conselho de Gamaliel, pediu aos Bispos que tenham paciência e deixem ao tempo fazer o seu trabalho. Por fim, o Sínodo reconhece o bem imenso realizado pelas sociedades de vida apostólica, sem entrar em novos pormenores. Baseando-se numa palavra do Santo Padre, leva muito em conta a contínua mudança que sofre o nosso mundo, com a sua seqüela de novos desafios apostólicos e espirituais: como resposta, nos pede fidelidade criativa no nosso esforço contínuo de renovação da vida consagrada.

Uma vez que a vida religiosa seja querida e reconhecida, não como uma realidade homogênea e incolor, redutível a um pequeno denominador comum, mas como uma rica variedade na qual surge a fidelidade ao caráter específico e ao carisma peculiar, mais ou menos original de cada instituto, seria conveniente "batizá-la" com um nome comum que abraçasse a múltipla variedade de carismas. O Sínodo decidiu manter o nome de vida consagrada. O termo não inclui com exclusividade todas as formas de vida religiosa. Um ou outro padre sinodal já citava "Pastores dabo vobis" para acentuar a "consagração" exigida pelo sacerdócio. O próprio Santo Padre louvou no Ano da Família a "consagração" a Deus e por Deus se contrapunha espontaneamente a "missão" no sentido de apostolado. Para alguns, o termo "consagração" denotava uma fuga que distanciava e separava do mundo, com o qual, precisamente, devemos nos comprometer; para outros, qualquer crítica ao termo "consagração" prova que a secularização do mundo ameaça a secularização da vida religiosa.

Para alguns, o emprego do termo "missão" identifica a vida consagrada mais com o que esta realiza na ação, inclusive com um ativismo extrapolado; para outros, o termo "missão" é hoje o mais adequado para conjugar contemplação e ação, vida espiritual e irradiação apostólica. O pré-Sínodo organizado pela União dos Superiores Gerais, no horizonte de seu objetivo de respeito à variedade de carismas, havia tomado como ponto de partida a "missão" (o que fazeis) para unir em seguida com a "comunhão" (como empreendeis juntos esta missão) tomando a identidade a partir da realidade, evitando o perigo de deduzi-la de um mero conceito. Apenas uma pessoa, tanto quanto recordo, propôs o nome de "vida santificada" no lugar de "vida consagrada" , mas o Sínodo resistiu a substituir o termo "consagração" por qualquer outro; procurou, isto sim, purificá-lo de todo sinal ritual em sentido veterotestamentário para dar-lhe um pleno sentido cristológico no modo do Evangelho de João. É certo que apenas no "seguimento de Cristo" (sequela Christi) podem "consagração" e "missão" adquirir o relevo que marca nosso modo de viver, inspirado nos conselhos evangélicos.

Nem a "consagração" a Deus se reduz ao pólo de santificação pessoal, nem a "missão" se cinge ao pólo da entrega aos demais. Em Cristo, a "consagração" consiste na participação no mistério pascal, morte-vida para todos e missão rumo a todos. Desde outro ponto de vista, não existe perfeito compromisso com o mundo, nem solidariedade autêntica, nem missão para a salvação de todos que não seja fruto de participação na obra de Cristo, de nossa consagração pessoal a sua Pessoa. Em sua repulsa a prender a vida consagrada em uma definição ou em um mero conceito nacional, o Sínodo não dá maior precisão do que "Lumen Gentium" à expressão de que nos servimos. Enquanto "seguimento de Cristo", a exegese do Verbo

encarnado nos vem explicitada por pessoas concretas que vêem tal ou qual aspecto do rosto de Cristo de modo entusiasta e intenso, como os fundadores e fundadoras da vida consagrada tentaram e continuam tentando. Ser consagrado pelo Pai para ser enviado em missão ao mundo implica deixar-se consagrar pelo mistério pascal de Cristo que morre e ressuscita, casto, pobre e obediente. Desta visão fundamental o Sínodo tira as conseqüências, particularmente nas propostas finais apresentadas ao Santo Padre.

A consagração a Cristo casto é claramente pascal. O Sínodo não deixou no esquecimento a observação de um Padre sinodal: o eclipse do valor da castidade não se deve tanto à circundante cultura erotizada ou à publicidade pornográfica. O crepúsculo do valor do celibato tem sua origem em outro crepúsculo: o da fé em uma vida depois da morte. A castidade, enfim, é resposta à pergunta formulada pelo Senhor: "Onde está teu coração?" A opção pelos pobres se situa, segundo o Sínodo, na coerência entre consagração e missão. Em Cristo pobre, a consagração jamais significará distanciamento das urgências humanas. (Por certo, o Sínodo não exige apenas participação nas misérias dos pobres, mas também em suas angústias e perigos. De igual forma a missão aos pobres, em nome de Cristo, não pode ficar reduzida a um mero desenvolvimento econômico ou humano. No que toca à obediência, a harmonia entre consagração e missão resulta menos explícita (no texto proposto ao Santo Padre). Um Padre sinodal, todavia, havia lembrado que a consagração se realiza na obediência a um Deus que, por Cristo e em seu Espírito, está sempre de mãos à obra por nossa causa. A obediência enxerta nossa missão na missão de Cristo que liberta nossas energias de amor, pela castidade e pela pobreza, para o cumprimento dessa missão.

É "profética" essa missão da vida consagrada? Eis aqui, mais uma vez, um desses termos poucos precisos, embora muito em voga. O Sínodo não reconhece à vida consagrada a exclusividade do profetismo, mas afirma que é francamente profética quando vive em plenitude em nosso mundo secularizado, isto é, quando segue, contra a corrente, as pegadas de Cristo casto, pobre e obediente. O Sínodo não nega o sentido profético de quem, em nome do evangelho, denuncia as injustiças da nossa sociedade, sem prejuízos ideológicos, movido unicamente pela amizade com Deus, a exemplo de Moisés. Mas guarda silêncio sobre o exercício desse profetismo denunciador quando se refere às falhas e fraquezas eclesiais. De qualquer maneira, como declarava com energia um Padre sinodal, se a Igreja é nossa mãe, nunca se deveria denunciá-la no mesmo tom com que se denuncia uma estrutura de pecado. Em todo caso, para cumprir a sua missão profética, a vida consagrada deve distinguir-se, deve significar, manifestar, mostrar que o mundo não pode transfigurar-se senão por meio do espírito das bem-aventuranças.

Esta aspiração aparece numa expressão particularmente forte sobre o hábito religioso. Sem esquecer a diversidade de culturas, costumes e lugares, o Sínodo chama a atenção sobre o contexto secularizado e a sensibilidade orientada ao mundo da imagem, características universalmente próprias do nosso tempo. De um modo ou de outro, enraizada simplesmente na sua peculiar missão, a vida religiosa deve ser imagem viva e eloqüente da "consagração". Ou, para dizê-lo com as palavras de um Padre sinodal: seu estilo de vida, até as vestes, deve visibilizar a quem pertence o nosso coração. Sem cair na tentação de comparar as figuras do sacerdote, do religioso e do leigo, em termos de mais ou menos identificadas com o ideal cristão, o tipo de existência da vida consagrada, chamada a ser sinal do mundo futuro, dá ao

próprio ser do religioso, à medida que vive essa consagração com entusiasmo e paixão, um "mais" de missão profética onde quer que se procure a construção de um mundo melhor, onde quer que vivam e trabalhem os homens.

O Sínodo pretendia aqui apenas retomar o que já foi dito na "Evangelii Nuntiandi" (21): "Este testemunho constitui já, por si mesmo, uma proclamação silenciosa, mas também muito clara e eficaz, da Boa Nova". Este testemunho aparece tão original que o Sínodo, como questão digna de estudo mais ponderado, se questiona sobre a propriedade das fórmulas "vida religiosa laical", "irmão leigo". Enquanto o leigo cristão vive a sua fé no mundo, o religioso vive para o mundo a dimensão escatológica de toda existência humana (percebida por essa mesma fé). Por essa razão o Sínodo evita o termo "leigo" para especificar ao religioso não clérigo; prefere falar de "irmãos" e "irmãs"; e até interpela o Direito Canônico, que na sua versão atual só distingue "clero" e "laicato" sem reservar um lugar especial para a "vida consagrada". Entre parênteses, a sorte do religioso sacerdote (10% do corpo sacerdotal) foi totalmente silenciada.

Como, enfim, precisar a missão da vida consagrada? O Sínodo reassumiu a leitura dos "sinais dos tempos". Sem recorrer à linguagem do discernimento. Pelo contrário, o que fez foi frisar com energia o espírito de comunhão em e com a Igreja, o espírito de colaboração entre os institutos religiosos e o restante das forças vivas do Povo de Deus, o espírito comunitário que deve impregnar também a missão. Contra a tendência individualista contemporânea, o Sínodo confirma que a comunidade é já, por si mesma, um caminho de evangelização. A vida religiosa converte-se em permanente Boa Nova, mais do que pela palavra, pela vida comunitária mesma, neste mundo de conflitividade, de violência, de discórdia. Proclama assim a missão de Cristo, que veio para fazer de todos os homens irmãos na unidade da comunhão trinitária.

Literalmente, o Sínodo não limita a vida fraterna à vida comunitária sob um mesmo teto; estende-a à vida consagrada cuja missão se realiza num projeto comum de evangelização por meio da união dos corações em e por um corpo apostólico comum. Quando entra nos pormenores desta missão, o Sínodo não cessa de repetir o seu reconhecimento pelo considerável trabalho realizado pela vida consagrada.

Foram minuciosamente recordadas as missões tradicionais: educação, saúde, meios de comunicação, pobres, ecumenismo, diálogo inter-religioso. Por outra parte o Sínodo insistiu na necessidade de dar acolhedora hospitalidade a todo aquele que busca a Deus. Talvez por influxo de Sto. Domingo, onde se insistiu na urgência da inculturação do Evangelho e da evangelização das culturas, o Sínodo dedicou um texto bastante completo a este assunto. Já que a vida consagrada é chamada a "encarnar" o Evangelho, a oferecer-se como testemunha de carne após o Cristo, deveria ser, por natureza própria, lugar de inculturação. A este respeito, o Sínodo pensa também no Primeiro Mundo, onde o Evangelho, com demasiada freqüência, permanece estranho aos homens e mulheres do nosso tempo. Sem dúvida, o Sínodo falou da inculturação na África e na Ásia: por exemplo, aludiu à possibilidade de uma vida monástica temporalmente limitada (Ásia) ou da confirmação dos votos com o próprio sangue (África). Mas o enfoque dominante incidiu sobre a vida consagrada vivida de forma que diga algo ao nosso tempo (Europa) e que anuncie a Boa Nova em cada contexto cultural particular. Certamente é mais fácil falar da missão da vida consagrada do que vivê-la. Teremos de enfrentar inevitavelmente uma tensão

contínua: por uma parte a aspiração apostólica a situarmos na longitude de onda da nossa cultura e do nosso tempo; por outra, a exigência de proclamar uma mensagem que, para ser autêntica, não poderá deixar de nadar contra a corrente e reorientar sem cessar para a transcendência. Precisa lembrar que o nosso mundo vive o mito enganoso da inocência universal, que atrofiou o sentido do pecado? Os castos, os pobres, os obedientes tentam, sem dúvida, seguir a Cristo mais de perto; mas foi-lhes confiada também a missão de serem terapeutas de uma humanidade ferida pela crise de percepção do invisível, do Absoluto. O Sínodo nos transmite uma missão de inculturação muito delicada, porque se trata de salvar a cultura indo contra toda perversão nos desejos de procriar, de possuir e de autogovernar-se; perversão provocada precisamente pelo eclipse do senso de Deus.

A missão da vida consagrada exige e supõe vocações. O Sínodo não pesquisou explicitamente as causas do decréscimo de vocações; mas nos incentivou a analisá-lo. Nos grupos sinodais foi se firmando a convicção de que, afinal, só existe um caminho eficaz para a promoção de vocações: a qualidade real da própria vida consagrada. Obviamente, suposto o papel da vida consagrada dentro da Igreja, essa qualidade real identifica-se com a santidade. É por isso que o Sínodo insiste em que temos de ser mais radicais na nossa castidade, na nossa pobreza, na nossa obediência; que nosso modo de proceder tem de identificar-se mais com a linguagem profética e espiritual que, com razão, usamos. Hoje, afirma repetidamente o Sínodo, a radicalidade evangélica é uma responsabilidade inesgotável na Igreja, em todos os níveis. Os jovens não se enganam: integrando-se em nossas comunidades, querem ver e viver aquilo que não vêem nem vivem em nenhuma outra parte. É essa radicalidade na missão e no testemunho que o Sínodo espera de nós, mesmo que não tenha ousado esmiuçar as decepções que o Povo de Deus sofreu a esse respeito.

É verdade que a vida monástica, sobre a qual o Sínodo muito falou porque muito espera dela, provoca um impacto mais forte, porque oferece um testemunho de vanguarda a respeito do Absoluto. A ruptura oferecida vem a ser mais franca, mais total, mais radical: por isso parece mais capacitada para atrair vocações. Na vida apostólica, o testemunho vem carregado de concreções emprestadas, a mediação onerosa das instituições, e atrai o fervor de muitos cristãos leigos comprometidos em novos e vigorosos movimentos. Sem exagerar a diferença, dá-se entre ambas uma verdadeira complementaridade: a radicalidade da vida monástica questiona mais profundamente àquelas e àqueles que buscam a Deus; a vida apostólica se irradia mais amplamente pela sua proximidade às alegrias e tristezas do mundo todo, com a condição de que também ela consiga deixar transparecer a sua paixão pelo Absoluto sob a direção de Cristo.

Com o Sínodo, a Igreja disse quanta necessidade tem do testemunho da vida consagrada. Se por desgraça, como disse um Padre sinodal, não se encontrassem já pessoas dispostas a ser castas, pobres e obedientes no seguimento de Cristo, a causa do Deus Santo correria perigo de morte neste mundo. Mas, com mais força ainda que o Concílio Vaticano II, o Sínodo da Vida Consagrada professou a sua fé na indefectível santidade da igreja, que jamais faltará, embora as suas formas concretas nasçam e morram sem cessar, impelidas pelo Espírito. O Sínodo dedicou uma de suas propostas aos institutos religiosos em vias de desaparição e aos membros já idosos da vida consagrada. Não era fácil redigir esta proposta, porque o Sínodo recusou-se a identificar automaticamente a desaparição deste ou daquele instituto re-

ligioso com o mistério pascal. Declarou, isto sim, a sua certeza de que tal desaparição não significa, de jeito nenhum, que um instituto religioso não tenha vivido fielmente o seu próprio carisma; e pediu para que os membros de institutos religiosos em vias de desaparição consigam viver essa dolorosa experiência em espírito pascal.

Embora evitando o máximo possível o termo "carisma", embora sobrevoando sobre a coincidência de sacerdócio e vida consagrada nos religiosos sacerdotes, embora recusando considerar a vida consagrada como a "melhor parte", e menor ainda como "o único necessário", o Sínodo, de acordo com o desejo do Santo Padre, reafirmou (consciente dos novos desafios, dos novos problemas, dos novos ideais) o reconhecimento agradecido do Concílio Vaticano II para este dom do Espírito que continua e continuará sendo a vida consagrada.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL DO TEXTO OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Durante o Sínodo foi proposta, mas recusada nos debates, a possibilidade de jovens se integrarem em mosteiros com compromisso por tempo limitado. É um modo bastante comum nos mosteiros budistas, por exemplo. Disseram muitos padres sinodais que uma aliança provisória pode ser pensada nas relações humanas, mas não com Deus. O que você e seu grupo pensam disto?
2. Nem a consagração a Deus se reduz ao pólo da santificação pessoal, nem a missão pode ser reduzida ao serviço e entrega aos demais. Não existe perfeito compromisso com o mundo nem solidariedade autêntica nem missão para a salvação de todos que não seja fruto da nossa consagração pessoal à pessoa de Cristo. Que conseqüências se podem tirar desta afirmativa do autor para as exigências da espiritualidade da vida religiosa?
3. Sem esquecer a diversidade de culturas, costumes e lugares, o Sínodo chamou a atenção sobre o envolvimento da secularização e a sensibilidade de nosso mundo orientada para a imagem. Alguns aproveitaram o tema para retornar à questão do hábito religioso. Será que não existe aí uma questão de fundo (a da imagem) que deveríamos também repensar, segundo o lugar cultural em que vivemos? Quais seriam as conseqüências práticas?

ECOLOGIA E INSERÇÃO

Fr. Moacir Casagrande, ofm
Brasília – DF

Para uma relação harmoniosa se exige um senso de pertença apurada. Eu pertenço à casa e ela me pertence. Eu sou dela e ela é minha. Mas ela não é só minha. Nem eu só dela. Estar nela é gostoso. Ela fica mais alegre comigo.

Começemos pelo sentido das palavras: ecologia e inserção.

O significado e o alcance do termo INSERÇÃO é muito conhecido na caminhada das Comunidades Religiosas Inseridas em Meios Populares. Ser inserido é estar dentro, por dentro, fazer parte, ter ligação, ser da casa, participar.

ECOLOGIA é algo mais recente dentro da reflexão das Comunidades Religiosas Inseridas. Isso não significa desconhecimento, pelo contrário. Todos têm noção e de uma ou outra maneira percebem a sua importância. Isso ficou particularmente claro no Seminário Nacional do GRIMPO sobre ecologia, em agosto de 94, na cidade de Recife. Todos concordamos com a importância e urgência do assunto, mas com diversidade de conceitos e compreensões. Temos de nos afinar e aprofundar mais. É o que vamos tentar fazer mais adiante.

A palavra ecologia vem do ajuntamento de duas palavras gregas: "ÓIKOS " que significa casa, habitação e "LÓGOS " que significa fala, discurso. Ecologia é, portanto, a fala sobre a casa ou o discurso sobre habitação. Mas atenção, na ecologia a casa não é só a construção que nos protege do sol, da chuva e do vento. Casa é tudo o que a pessoa precisa para se proteger, se alimentar, descansar e relacionar-se. A casa é a construção, são as coisas, as plantas, os bichinhos e tudo o que vive dentro e ao redor dela. A ecologia nos mostra que a casa é o mundo onde vivemos, o mundo de que necessitamos para viver. Precisamos, portanto, falar mais sobre o mundo, o ambiente em que vivemos, pois há muitos ponteiros para acertar. Ninguém pode dizer que está fora, por que não há gente sem responsabilidade sobre o bem ou o mal, do lugar onde vive.

Leitura Livre: Vamos agora olhar a questão ecológica do jeito que se apresenta a palavra ECOLOGIA. "Eco" é o reflexo do barulho que fazemos. É só fazer a experiência: você fala, o som vai até um obstáculo e volta até você, mas não volta do jeitinho que foi. É preciso atenção para perceber que saiu de você. Assim, a ecologia trata dos reflexos das nossas relações, entre nós e com o ambiente em que vivemos. Nesse sentido, é grande apelo a responsabilidade de nossos atos, de todos

O autor: *Fr. Moacir Casagrande*, ofm, biblista, é membro do GRIMPO (Grupo de Reflexão sobre Inserção em Meios Populares) e superior da província de Mato Grosso.

os atos, tanto privados quanto públicos. "Lógico" é o resultado direto de uma ação. É a reação coerente com a ação. Muitas vezes dizemos: "Isso é lógico!", queremos dizer, "está na cara", deu no que devia dar. Quando não dá a lógica o povo costuma dizer: "deu zebra". Daí, precisamos nos ocupar das coisas "lógicas" para não cair na "zebra"! Precisamos levar mais a sério o mundo que nos rodeia, o ambiente em que vivemos, ter um olhar mais amplo, sem perder a realidade concreta e particular do nosso dia-a-dia.

POR QUE A VIDA RELIGIOSA INSERIDA ESTÁ PREOCUPADA COM A ECOLOGIA?

São várias as razões. Vamos especificar algumas:

1. Razão de causa e conseqüência

A situação que a vida religiosa inserida enfrenta onde está localizada não foi gerada pelos que lá estão. Mas a continuação do problema depende dos que lá estão. A população marginalizada é conseqüência de uma ação mais ampla e mais abrangente. É conseqüência de quem determina o jeito de arrumar e organizar a nossa grande casa que é o planeta Terra. Mas tais conseqüências não são isentas de responsabilidade. É possível um processo de mudança. Por exemplo: não é suficiente trabalhar na pastoral da saúde para tratar dos doentes. É preciso trabalhar na política da saúde, que por sua vez exige trabalhar na política de saneamento básico e alimentação, para melhorar o ambiente e a vida da população e fazer desaparecer as doenças. Mais ainda, é preciso trabalhar na articulação das políticas para que a saúde tenha o espaço e o trato que merece dentro do conjunto dos setores da comunidade. Isso faz com que nossa ação na favela tenha, necessariamente, que criar uma ação na administração e na opinião pública. Trata-se de trabalhar um novo jeito de nos organizar e nos relacionar onde estamos. Um jeito equilibrado, que considere todos os seres, todas as coisas no seu lugar e função, sem supervalorizar uma e menosprezar outra. Não podemos nos acomodar com a realidade. Ela precisa ser mudada. Não podemos também idealizar demais as coisas a ponto de não dar importância à realidade que aí está. Geralmente a realidade de fora é reflexo da realidade de dentro das pessoas e vice-versa. É preciso atingir as causas e também impedir a multiplicação dos agentes delas.

2. O significado da Ecologia

É um assunto que interessa a todos: os que têm casa e os sem casa, os que têm terra e os sem-terra, os que têm e os sem água, os que têm e os sem verde, os que têm e os que não têm consciência do alcance de seus atos, os que exploram e os que são explorados. Vivemos no mesmo mundo, dependemos do mesmo sol, do mesmo ar, da mesma água e chuva, da mesma terra. Toda a ação humana tem reflexos no equilíbrio do ambiente. O desequilíbrio ambiental põe muita vida a perder.

3. Razão histórico-sociológica

Por ocasião da última assembléia do **GRIMPO CONE-SUL**, realizada em Assunção-Paraguai, nos demos conta de que os marginalizados em meio aos quais vivemos são comparados ao lixo da cidade. Ironicamente, muitos vivem de restos e lixo. Este grave problema é gerado por um tipo de relação perversa que alguém estabeleceu: com as coisas, com a terra, com as pessoas, com tudo. É um problema de compreensão do mundo, de organização do mundo e do tipo de relação que se estabelece nele. A marginalidade é fruto de uma

perversão ecológica. A exclusão de toda essa gente é um problema local, regional e mundial, por isso mesmo, é um problema ecológico. É um relógio de muitos ponteiros que precisa caminhar em compasso. É uma viola de muitas cordas que precisa tocar afinada.

Mas, diferentemente do lixo, as pessoas excluídas podem ser sujeitas de seu próprio destino. Elas têm condição de reverter o quadro. Sem posse e poder, elas são inteligentes, sensíveis e capazes de posse, de poder e de amor. É preciso ressuscitar e trabalhar nelas o "o poder dos fracos". O poder dos fracos, dos pequenos não é invenção humana. É puro Evangelho de Jesus de Nazaré (Lc 10,21).

A Vida Religiosa inserida precisa trabalhar a questão ecológica por causa da fé, por causa da opção que fez, pela missão que tem, por causa do Reino de Deus. Uma sociedade que transforma pessoas em lixo é construtora do Anti-Reino, por isso, ecologia tem a ver com Reino de Deus.

4. Iluminação bíblica

Os capítulos 1 e 2 do livro do Gênesis nos revelam como devem ser as relações das criaturas entre si e com o criador, a partir da maneira como se desenvolve o conjunto da narrativa. Uma leitura atenta destes textos evita a adesão a um ecologismo panteísta ou ateu.

No primeiro capítulo, segundo a ordem da criação, o ser humano foi o último. Tudo foi criado e colocado à sua disposição. Mas o homem e a mulher foram criados segundo um modelo bem preciso: **IMAGEM E SEMELHANÇA DE DEUS**. É nesse modelo que lhes é confiada a criação, o mundo e tudo o que nele existe. O homem e a mulher têm o dever de seguir as atitudes de Deus no mundo. Atitudes que o texto revela como atenção, carinho, dedicação, cuidado e compromisso. As criaturas, por sua vez, têm o direito de cobrar do homem e da mulher uma atitude coerente como criador. A relação que se estabelece é de convivência, de co-participação sem submissão da humanidade, sem exploração da vida. Segundo o texto, Deus criou, organizou e construiu. Não destruiu nem deu autorização para as pessoas fazerem isso.

No segundo capítulo, o lugar do homem e da mulher fica ainda mais claro e definido. Basta ler com atenção. Segundo o texto, a terra estava vazia e, antes de qualquer coisa, Deus fez o homem da terra e do sopro de sua boca... Depois plantou um jardim bem irrigado e colocou o homem para guardar e cultivar. Isso significa fazer continuar jardim. É uma parceria desigual, mas Deus quer contar com o homem e não o isenta de responsabilidade nesse processo. O fato de ser o homem quem dá nome aos animais estabelece entre eles uma relação de identificação e de pertença, mas também de responsabilidade. Não se trata de propriedade, como muitos quiseram interpretar. Finalmente, para fechar o trabalho da criação, Deus anestesia o homem para que não descubra o segredo, e faz a mulher. Só então o homem sente que as condições de vida e as perspectivas de futuro estão completas. Assim, a mulher é a resposta de Deus ao anseio de comunhão do homem e do mundo. O homem e a mulher são a presença do Deus criador e inventor, um para o outro e para as demais criaturas. A mulher é a garantia da continuidade da vida na Terra com a ternura original de Deus. Os demais seres criados são necessários para que os objetivos divinos possam perseverar.

De fato, a relação feminino-masculino é de fundamental importância para o estabelecimento de uma relação harmoniosa entre todos os seres. Um mau relacionamento entre homem e mulher afeta toda a cria-

ção, por outro lado, uma boa relação entre eles é graça para todo o criador.

Aqui no texto, o homem lança um grito de jubilo ao contemplar a mulher, pois, a partir dela, acaba a solidão. Agora, ele encontra perfeita correspondência. Existe complementação recíproca até a plenitude da humanidade.

No capítulo 1 do Gênesis, mulher e homem são criados juntos, num mesmo momento e com uma mesma missão. Somente juntos, homem e mulher, somados, unidos, são capazes de ser imagem e semelhança de Deus.

No terceiro capítulo do Gênesis, o autor sagrado considera o domínio do homem e a submissão da mulher, fruto do pecado, conseqüência de uma ação deteriorada.

Em Gn 3,20 o homem descobre que sua impotência diante da morte é vencida com a mulher. Não é possível viver sempre, mas é possível renovar a vida, gerando juntos, homem e mulher, novas vidas. Assim, a batalha está ganha. A vida continua.

Aí está a iluminação para a ação que leva a sério o conjunto das relações e das funções dos seres criados, segundo a nossa fé.

Mas o que vemos hoje é um grande contingente de expulsos do jardim. O jardim já não é para todos. A tarefa de cultivar deu lugar à exploração. Exploração que tomou conta de tudo, vegetais, minerais, animais e humanos.

5. Razão cristã

O mesmo motivo que levou a Vida Religiosa a inserir-se é o que deve levar a Vida Religiosa a trabalhar a ecologia. Cada movimento, grupo ou partido ecológico tem seus motivos e objetivos. A Vida Religiosa também tem seus motivos e objetivos específicos. No centro deles está a atitude de Jesus de Nazaré. Jesus iniciou o processo redentor do mundo pela pessoa humana, e pela pessoa humana pobre, desprovida de posse e poder. Jesus assumiu carne e osso em sua própria pessoa, e fez disso sua missão. As narrativas dos quatro evangelistas estão recheadas dessa iluminação, particularmente reveladas nas bem-aventuranças (Mt 5,1-12 e Lc 6,20-26 e ainda Mt 11,1-6 e Lc 4, 16-21). É por aí que se muda o mundo de pecado, com seus frutos desastrosos, no mundo da graça, com seus frutos deliciosos. Nossa questão é a vida, toda a vida, mas a partir da pessoa humana como fez Jesus de Nazaré.

Não se trata portanto de salvar o mundo das ações dos homens ou de salvar os homens das loucuras do mundo. Não se trata de adorar o mundo ou superexaltar o homem. Trata-se de buscar relações de convivência harmoniosa, equilibrada e respeitosa a partir da pessoa humana, pela pessoa humana, para todos os seres.

O Evangelho do Reino de Deus anunciado e implantado por Jesus não é só para as pessoas. É para todas as criaturas. É por isso que Paulo, quando escreve aos Romanos 8,19-23, diz que todo o mundo criado aguarda ansioso a manifestação dos filhos de Deus. Toda a criação foi sujeita a vaidade. Agora ela geme e sente dores de parto, aguardando, como os filhos do Reino, a libertação da corrupção e a redenção. A libertação e redenção da humanidade não está separada das demais criaturas. O nosso bem tem a ver com o bem delas e o bem delas tem a ver conosco. Isso é Evangelho cristão e precisa ser levado a sério.

Desafios da ecologia desde a inserção.

a) Estabelecer equilíbrio entre o universal e o particular

É característica da inserção a particularidade. É impossível inserir-se sem espaço

e tempo concretos. A inserção exige opção determinada e definida, tem identidade e endereço, por isso corre o perigo de esquecer a dimensão universal do problema concreto que enfrenta. O lugar onde estamos e vivemos é uma partícula de uma infinidade de planetas, estrelas e galáxias, mas é o nosso lugar, da nossa ação e tem influência sobre muitos outros. O pouco de cada um faz o todo. A omissão e o desrespeito de cada um estraga o todo. Não dá para se entregar nem ao sentimento de inutilidade e insignificância nem à sensação de grandeza e exaltação como senhor de tudo. É preciso cuidado para não andar com a cabeça na lua, pensando que nada se possa fazer, já que tudo é tão grande e tão complexo, ou então fechar-se no seu problema, pensando que o mundo todo é isso aí. Os óculos da ecologia devem conjugar a particularidade das ações com a universalidade de suas influências.

b) Criar ou resgatar o senso de pertença

Quando a gente não se sente da casa, não tem ânimo para cuidar dela. Todos sabemos que há mais interesse, criatividade e empenho com aquilo que, por uma ou outra razão, tem a ver conosco. É diferente minha atitude quando estabeleço laços com a casa, com a rua, com o ônibus, o centro comunitário etc... A falta do senso de pertença leva ao descaso, e o descaso favorece a especulação, o roubo, a corrupção e a destruição.

Para uma relação harmoniosa é necessário um senso de pertença apurado. Notemos bem, senso de pertença e não de posse. O senso de posse é inimigo do ambiente e da vida comunitária. Por outro lado, o senso de marginalidade é inimigo de tudo. O senso de pertença é assim: eu pertenço à casa e ela me pertence. Eu sou dela, ela é minha. Mas ela não é só minha nem eu sou só dela. É gostoso estar nela. Ela fica mais alegre comigo.

É difícil o senso de pertença para os despejados e migrantes. A constante vivência do provisório faz perder o amor e o carinho para com a terra onde se pisa, para com as coisas que se usa e para com tudo o que é mais ou menos fixo.

c) Garantir a participação no planejamento, na execução e nos frutos

O processo participativo é fundamental para a criação do senso de pertença e para a boa harmonia das relações. Participação em todas as instâncias. É algo demorado, especialmente onde impera a mentalidade do poder, exercida de maneira piramidal. É pela participação no planejamento, na execução e nos frutos que se resgata o sentido de sujeito da história e o sentido de cidadania.

d) Resgatar a dignidade humana evitando o desejo de vingança

O sofrimento dos excluídos deu a eles a experiência e a nós a certeza da iniqüidade do sistema de organização da sociedade em que vivemos. É preciso buscar alternativas. Certamente, a novidade evangélica vem da periferia, como entendeu Jesus de Nazaré. A Boa Nova que liberta se manifesta nos que viveram na pele a experiência de opressão. Mas isso não acontece assim tão naturalmente. Há muitos que tendo sido explorados e oprimidos guardam e cultivam dentro de si um profundo desejo de vingança. Não vêem hora de chegar ao poder ou ter alguma coisa, para descontar no primeiro que aparecer pela frente.

e) Trabalhar o valor das criaturas em si, especialmente as pessoas

Estamos dominados pela idéia de que o valor depende da proximidade que temos com o poder ou com o dinheiro. Há

muita gente que faz questão de dizer que é amigo do irmão da cunhada do deputado fulano de tal. Fala isso com orgulho, porque por meio dessa aproximação pensa ser alguém. Outros fazem questão de tirar fotos com o prefeito ou o governador e pendurar na sala principal, para que todos vejam que eles são importantes. Este é o jeito que encontram para levantar a própria estima. A auto-estima é um grande alvo de manipulação no estabelecimento de relações interesseiras. Precisamos atingir esse alvo para mostrar o valor que as pessoas têm em si. A dignidade humana ninguém dá e ninguém tira. É Deus quem dá. A gente só faz reconhecer ou ignorar. Precisamos reconhecer, como Francisco de Assis, que somos todos filhos do mesmo criador. Somos todos criaturas, irmãos uns dos outros. Uma irmandade que não faz distinção pela posição que alguém ocupa, mas que se faz no reconhecimento da propriedade e da especificidade de cada criatura. Uma irmandade que louva a Deus pelas diferenças que complementam o todo, estabelecendo assim a harmonia da vida na terra. É necessário cultivar o respeito à ordem e o lugar próprio de cada criatura. Tudo é bom se está no lugar e na função que lhe é própria.

f) Criar espaços de solidariedade em defesa da vida, de toda a vida na terra

Não é necessário fazer grandes coisas, mas ter boa sensibilidade e uma dose de coragem para denunciar e anunciar o que está acontecendo. É comunicar e articular. A força dos pequenos está na união, na capacidade de articulação. É a força da comunhão que faz a diferença. A força da fé leva à comunhão. A certeza de não estar só alimenta a fé. No mundo de hoje não é mais admissível lutar sozinho. Cada qual, no seu lugar, deve estar em comunicação e articulado com os que lutam pela mesma coisa, sejam eles quem forem e estejam onde estiverem. As grandes estruturas de corrupção, sedução e destruição só serão vencidas por uma rede viva de solidariedade ativa. Não é por nada que a Igreja do Brasil se volta hoje para os excluídos. Eles são 64,5 milhões em nosso país. São moradores de rua, idosos, aposentados, encarcerados, prostituídos, subnutridos, doentes, deficientes, drogados, aidéticos, alcoolizados, escravos etc... Eles são herdeiros afastados da herança. Não perderam os direitos, mas foram violentados em seus direitos. A questão não é só a pessoa excluída, é o mundo, o lugar, o ambiente, a convivência da qual foi excluída. A ocupação com o excluído é a ocupação com o mundo a partir da periferia, da margem, do lado fraco e deserdado. É algo muito perigoso, passível de exclusão, mas é Evangelho puro de Jesus de Nazaré.

g) Regenerar as relações masculino-feminino

Basta uma simples observação do dia-a-dia, para ver que a relação mulher-homem precisa de uma séria revisão. Há muita competição, exploração e medição de forças nesse relacionamento. O machismo é um grande mal. O feminismo não é diferente. A saída não se dá pela inversão dos papéis nem pelo confronto, mas pela regeneração dos elementos fundamentais, do que é específico do homem e do específico da mulher. Ter em comum estes elementos em vista da complementaridade e comunhão é o caminho. Não só, mas definir, cultivar e respeitar o que é próprio de cada um.

A harmonia da criação, das criaturas, passa pela harmonia das relações homem-mulher; quem não leva a sério isso não pode se chamar de cristão.

A vida religiosa precisa reconhecer que tem sérias lacunas a serem preenchidas neste sentido.

CONCLUSÃO

A Terra Prometida, a harmonia de tudo, o mundo da fraternidade universal não é uma realidade perdida, mas uma causa a ser conquistada. Não há que se esperar, há que se construir. É claro que não depende tudo de nós, mas sem a nossa iniciativa não se realizará. Deus já fez a sua parte e continua propondo parceria. A resposta é nossa.

A BÍBLIA NA PASTORAL DA IGREJA HOJE: PROSPECTIVAS

Fr. Bernardo Cansi ofm. cap.*
Brasília – DF

À Bíblia urge tomar seu lugar privilegiado no campo de toda a pastoral

A luz do "Movimento Bíblico" existente no Brasil, especialmente na rica experiência de a Bíblia estar nas mãos do povo e de ser luz na caminhada libertadora, na espiritualidade dos líderes, de ser o "livro por excelência da Catequese", a Escritura está lançando desafios e prospectivas à Igreja do Brasil.

Tentemos abrir a cortina do futuro para vislumbrarmos caminhos novos à Bíblia. Perguntemo-nos: "Quais perspectivas se abrem no mundo da Bíblia nos dias de amanhã?"

Eis alguns raios de luz que se projetam para o futuro da catequese e da pastoral do Brasil, a partir do que hoje está acontecendo.

1. INTEGRAÇÃO MAIOR DA BÍBLIA NA PASTORAL

À Bíblia urge tomar seu lugar privilegiado e próprio no campo global de toda a pastoral. Ela não pode ser colocada ao lado, acima, debaixo, à margem, como departamento da pastoral global, mas como o coração, a alma da pastoral, da reflexão, dos estudos, da espiritualidade, do agir, da práxis da Igreja toda. Não pode ser considerada apenas "livro por excelência da Catequese", mas da pastoral global. Ela deve ser raiz, centro, fonte abastecedora da pastoral do povo de Deus.

Na formação pastoral, tanto do clero como dos religiosos, diáconos e leigos, a Bíblia receba destaque e seja exemplo da caminhada do povo, especialmente do pobre.

Ser cristão é viver em comunidade e repartir os bens, dando-lhes sentido social, comunitário; reinar é servir e voltar-se para o povo. Se a Palavra de Deus fosse bem vivida, como e onde, de que modo viveriam os Pastores, o clero, os religiosos no Brasil? São apenas algumas das questões e mudanças que a Palavra de Deus geraria, se fosse o coração, a fonte inspiradora da pastoral no Brasil. O Eclesiocentrismo cederia o lugar à Palavra de Deus. O apelo à Palavra de Deus vai gerar o REINOCENTRISMO na Igreja.

2. SÉRIA FORMAÇÃO BÍBLICA DOS LÍDERES DAS COMUNIDADES

Não é suficiente distribuir Bíblias e vê-las nas mãos do povo. A formação do

O autor: o capuchinho fr. Bernardo Cansi, ofm. cap., é assessor nacional da CNBB para a linha 3 — Dimensão Bíblico-Catequética e freqüente contribuinte de artigos em diversas publicações religiosas.

espírito bíblico é tão importante ou mais do que distribuir bíblias para todos. Há pessoas que nunca leram a Bíblia e têm espírito bíblico, de desapego, de abertura para o diálogo ecumênico, para o senso social, para a justiça e o direito. Aqueles que têm o livro, o texto, a Bíblia nas mãos necessitam de introdução à Palavra de Deus, à sua natureza, espírito; precisam conhecer os gêneros literários; necessitam conhecer a cultura onde a Bíblia foi elaborada.

Não é tão fácil como pensamos ligar vida com a Palavra de Deus. Os cristãos foram educados a lerem literalmente a Bíblia. Mas é importante que saibam ler "por trás das palavras", algo que necessita de exercícios e de mestres.

Hoje existem dificuldades reais quanto à distinção clara que deve haver entre "aspectos culturais" e a mensagem de Deus. Poucos são os catequistas capazes de ligar "história da Salvação" com a "história humana". Fazem, muitas vezes, dicotomia entre a Bíblia e a vida do povo. A formação bíblica correta leva-os a unir a Bíblia com a caminhada da comunidade.

3. ILUMINAR COM ESPÍRITO BÍBLICO A MODERNIDADE E A PÓS-MODERNIDADE

Não se trata, obviamente, de deturpar ou desfigurar a Escritura Sagrada. Trata-se, sim, de inculturar a Bíblia na modernidade. Sabendo que a Palavra de Deus é viva, ela é capaz de se amoldar à cultura dos povos.

A Palavra de Deus é a semente que é semeada no canteiro das culturas. Lá germina, floresce, frutifica, amadurece. Como o peixe precisa da água, a Palavra de Deus, a Bíblia, necessita de cultura para produzir os frutos esperados. Sem a cultura, a Palavra de Deus perde-se. É na acolhida da Palavra que acontece a continuação do milagre da Criação. Acolhida, a Palavra transforma, recria as pessoas, dá-lhes nova força, novas raízes, nova vitalidade.

A prática de Jesus se coaduna bem com o nosso tempo. Enquanto os doutores da Lei se apegavam à letra, ao papel, à observância, ao rito, às normas, Jesus tinha um olhar profundamente humano diante da realidade. Superou o legalismo e deu lugar ao amor à pessoa. A Lei tornou-se instrumental de libertação, não de opressão e de medo.

Jesus estava atentíssimo aos problemas pessoais, tais como: dor, desejos profundos do ser humano, liberdade, abandono, marginalização, pobreza, fome, sede. A pessoa humana como tal, com seus sonhos, fracassos, complexos; a pessoa humana superando seus sentimentos de condenação, com esperanças de cura, de paz, de perdão, de reconciliação, era o que Jesus queria realizar todos os dias entre os marginalizados.

As atitudes humanas podem dar uma visão mais bíblica à pós-modernidade, quando a tendência é centralizar tudo no indivíduo. A Bíblia valoriza o indivíduo e também o "outro". Ela incentiva o diálogo, a comunicação com o outro. O exemplo clássico é o diálogo de Javé com Moisés (cf. Ex 3-4).

A compaixão é outra virtude necessária para transformar cultura moderna em sementeira evangélica. Sensível foi Javé que ouviu o clamor dos oprimidos (cf. 3,7-10).

Viver o Espírito Bíblico é continuar a obra humana, caridosa e profética de Jesus, que fez dos últimos (cegos, coxos etc) os primeiros da comunidade. A formação bíblica pretende formar catequistas e cristãos capazes de superar o legalismo, o rigorismo, a severidade que há na interpretação da moral, da teologia, da liturgia;

também pode ajudar a vencer "esquemas" e planos que a Igreja traçou para si mesma, como se fossem muros de defesa de estruturação, chegando a excluir parcela do Povo de Deus por não se encaixar nela. Existem multidões de cristãos que não mais conseguem encaixar-se na "dureza", na inflexibidade da Igreja e abandonam toda prática cristã. E acabam no indiferentismo ou buscam outras experiências mais humanas, mais sensibilizadas por seus membros. E cada vez mais a Igreja Católica vê seus membros partirem para outros lugares de culto e encherem o vazio e satisfazerem sua sede e fome de Deus e de salvação.

A Leitura constante da Bíblia, a meditação e assimilação da Mensagem de Deus humanizam as pessoas. É capaz de fazer com que os cristãos sejam mais tratáveis, afáveis, educados, com alma e gestos acolhedores e maternais. A benevolência, o carinho, a admiração, a alegria, a festa são expressões próprias de quem bebe a Palavra de Deus e dela se sacia. Torna-se um BENFEITOR. Um HUMANITÁRIO. Uma pessoa voltada ao clamor dos pobres.

4. LEIGOS DEDICADOS À PALAVRA DE DEUS

Sendo tamanha a força da Palavra de Deus em nosso tempo, é urgente a preparação de agentes bíblicos. Escolas e centros formadores de leigos dedicados exclusivamente à Palavra é algo indiscutível e urgente. "É de desejar que MUITOS LEIGOS consigam uma conveniente FORMAÇÃO NAS CIÊNCIAS SAGRADAS, e não poucos entre eles, havendo oportunidade, DEDIQUEM-SE EX-PROFESSO a estes estudos e os aprofundem. Para que consigam desempenhar o seu dever, seja reconhecida aos fiéis, clérigos e leigos, a justa LIBERDADE de investigação e de pensamento, bem como a justa LIBERDADE de exprimir as suas idéias com humildade e firmeza, nos assuntos de sua competência" (GS 62).

Certamente campanhas, dízimos, promoções, auxílios de outras comunidades, reservas econômicas são fundamentais para custear os cursos que preparam leigos nas Letras Sagradas. Será o melhor investimento que uma comunidade pode fazer, isto é, ajudar os profetas da comunidade a serem competentes comunicadores da Palavra de Deus.

A Palavra de Deus não é um bem só do clero, dos religiosos. Deve ser tarefa de leigas e leigos comprometidos com Deus, com o projeto do Reino.

A Terceira Assembléia Geral da Federação Bíblica Católica-FEBIC, realizada em Bangalore, Índia, de 12 a 25 de agosto de 1984, teve como tema: "Tomara que todo o Povo de Deus seja Profeta" (NM 11,29). A Assembléia não somente reconheceu a importância do papel do leigo, como também constatou como os leigos estão sendo cada vez mais membros ativos da Igreja Profética. Notou-se também que os jovens estão desempenhando um papel importante no apostolado Bíblico" (Declaração de Bangalore, Apostolado Bíblico Católico, SAB, Belo Horizonte).

"O Povo de Deus tem direito a uma adequada formação bíblica e ao estudo das Sagradas Escrituras e deve receber ajuda para experimentar o dinamismo de sua força que pode transformar sua vida e o mundo" (idem p.21).

Em se falando das prospectivas bíblicas, a maior é esta: Transformar e educar o Povo de Deus para que seja realmente PROFETA num mundo dividido entre ricos e pobres. A Palavra de Deus nas mãos do povo, com sua força gestadora, maternal, será capaz de criar uma sociedade mais humana e sensível, meiga e terna no Brasil.

CONFERÊNCIA
DOS RELIGIOSOS
DO BRASIL: CRB NACIONAL

Rua Alcindo Guanabara, 24 – 4º andar – Cinelândia – Tel.: (021) 240-7299
20038-900 Rio de Janeiro, RJ

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
1º de abril de 1995

A Palavra de Deus é a fonte primordial da **espiritualidade, isto é, do agir humano vivificado pelo Espírito,** porque gera, irriga, mantém e renova a fé, ponto inicial de toda teologia, resposta-aceitação da proposta salvífica de Deus. O objeto da fé é sempre a Palavra de Deus. Diante, pois, desta Palavra, CRER naquilo que se lê. E ler para ampliar aquilo que se crê.

Não há, debaixo do céu, outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos, afora o nome de JESUS, At 4, 12.

No centro da fé cristã está Jesus que revela a face do Pai (a natureza divina) na sua história concreta (sua natureza humana), de modo definitivo, escatológico, singular. Desde os escritos mais antigos, JESUS é apresentado como o caminho salvífico único e insubstituível. Relacionar-se, pois, de modo íntimo e essencial com Ele que é o Cristo e com Cristo que é Jesus de Nazaré. Sem tomar invenção inverossímil por imaginação criadora, na **experiência cristã de Deus**, traço instituinte da Vida Consagrada, ver e reviver, pela imaginação orante, é uma grande ajuda. Prefigurar cenários com Cristo pregando e anunciando às multidões o Reino de Deus, jejuando, caminhando, orando sobre o monte ou em lugar deserto, curando doentes, dominando as águas e a violência das ondas, padecendo, trazendo pecadores à conversão, dormindo na popa do barco, abençoando as crianças, autorizando Pedro a caminhar sobre as águas...

Ver, captar e reviver, em momentos de grande elevação espiritual, a mensagem simbólica profunda, de natureza vivencial destas e de outras atitudes, para além do mero pensamento especulativo, da mera concepção mental, mensagem simbólica profunda, repito, que se desprende da pessoa de Jesus, é uma ajuda inestimável. Uma contemplação repetida das palavras e das ações, dos sentimentos e das opções, das atitudes e dos gestos de Jesus, comove e converte o coração. Leva ao seguimento. Leva a uma crescente identificação vital com ele. **Para conhecer uma pessoa não basta UM encontro**. Nem o conhecimento chega através das idéias. São necessários muitos olhares contemplativos, muita imaginação orante, para que o amor se enraíze no coração. Olhar contemplativo: próprio de quem percebe além das aparências. Em expectativa, manter abertos os olhos do espírito. Perscrutar o céu da história, o mar da vida, os caminhos da sabedoria, os horizontes da fé e, de noite, na falta de luzes, o coração escuta e vela, aguardando.

Como Abraão e Sara aguardam o herdeiro; como os israelitas, no Egito, a passagem do anjo e a conseqüente libertação e no sopé do Sinai, a teofania; como Elias, na caverna do Horeb, o oráculo do Senhor; **como Maria aguarda Jesus**; Simeão, no templo, a salvação; JESUS, trinta anos, sua saída em público e a chegada de sua hora; as virgens, a chegada do esposo; Pedro, no pátio do Sinédrio, como iria acabar tudo aquilo; os Apóstolos, no cenáculo, o Espírito Santo. **Como a Amada dos Cantares,** na contemplação, aguardar o Amado, sonhar com ele, velar por ele, encontrá-lo, ouvir-lhe a voz, encantar-se.

Imaginação orante! Contemplação! Representação! Tornar presente de novo. Ver as pessoas, ouvir o que falam, observar o que fazem. **Saborear com o coração** a paisagem oculta em seus olhares. Captar a natureza sempre cambiante e fugidia em seus aspectos mais efêmeros e fugazes: o mar com seus horizontes inconstantes, o céu com suas nuvens movediças, a fumaça com seus reflexos imponderáveis, **o pássaro que canta, o arvoredo que dança**. Sombras coloridas, metamorfoses freqüentes. Um grito de júbilo que vem do rumor das folhas novas da primavera, campos de trigo ao sol balançados pelo sopro do estio. **O sussuro do vento na orla de areia que o sol quer enxugar**. Quadros e paisagens cambiantes, novidade continuada no meio de uma mudança sem fim.

Envolver-se. Participar ativamente. Viver o mesmo encontro divino daqueles que outrora presenciaram, de coração aberto, o próprio fato histórico. Ser UM na multidão silenciosa e impressionada. Atento e absorvido, sobretudo, é claro, com **o essencial do acontecimento, seu protagonista, JESUS**. Abrir-se à sua presença interior e não apenas à sua lembrança exterior. Para vencer, idéias e razões, mesmo as melhores, precisam tornar-se sentimentos. Senão, não vai. Omite-se e se esconde o essencial, que se adivinha com os recursos da imaginação. Aqui é onde se liberta da lógica cartesiana e de uma espiritualidade em que as verdades a serem cridas tendem a predominar sobre a experiência amorosa e ser vivida. Quem entra de corpo e alma nas narrativas evangélicas é parte da história de JESUS e da mensagem nelas velada.

Desejando-lhe aquela **PAZ** que tem ressonâncias messiânicas porque exprime a paz do próprio Deus, nosso sumo **BEM**, subscrevo-me,

atenciosamente

Pe. MARCOS DE LIMA, SDB